

humanitas

Vol. XV–XVI

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HVMANITAS

VOLS. XV E XVI



COIMBRA
MCMLXIII-LXIV

COMENTÁRIOS

OBSERVAÇÕES SOBRE O VALOR LITERÁRIO
DE DIOGO MENDES DE VASCONCELOS

Quando Diogo Mendes de Vasconcelos se formou, por meados do século XVI, o Humanismo tinha-se implantado definitivamente em todos os meios cultos da Europa. O ideal do homem letrado era, então, conhecer, apreciar e ser capaz de imitar os grandes mestres da Antiguidade clássica. A cultura e as formas de expressão tinham atingido na Grécia e em Roma uma altura excepcional e por isso os homens dos novos tempos procuravam assimilar, quanto possível, o seu vocabulário, o seu estilo, o próprio conteúdo sentimental e ideológico. Com isto os modernos não renegavam a inspiração pessoal, a capacidade de desenvolver de modo novo temas colhidos nos seus modelos, a ambição de transmitir à própria obra um cunho específico. Há originalidade nos homens do Renascimento.

O estudo pormenorizado da poesia de Vasconcelos leva-nos a concluir que também ele possuía um grande conhecimento de vários sectores da Antiguidade, desde a história à mitologia, das línguas latina e grega às respectivas literaturas. Depreende-se que compulsou assiduamente sobretudo Virgílio e Horácio, pois revela influência de todas as suas obras. Mas outros autores leu e assimilou também. A poesia grega do período helenístico era-lhe familiar, como o demonstram os numerosos epigramas traduzidos da *Antologia Palatina*.

O contacto com os grandes mestres latinos deu-lhe uma terminologia de autêntico sabor clássico e ensinou-lhe a construir a frase e o verso segundo os melhores processos da estilística latina. Mas Diogo Mendes de Vasconcelos permanece ele próprio. Os seus temas são no geral fruto de circunstâncias concretas. Na sua poesia não faltam mesmo elementos históricos cuja autenticidade é aceite e comprovada pelos críticos da especialidade. Partindo de factos por ele vividos e de emoções

por ele sentidas, soube exprimir-se com originalidade, dum modo incontestavelmente pessoal.

O seu vocabulário, cheio de variedade e harmonia, mantém-se dentro dos valores comuns na época dos melhores estilistas. As palavras enriquecem-se com os diversos matizes que o uso lhes atribuiu. O contacto directo com a obra revelará continuamente que não estamos fazendo um elogio sem fundamento.

Registemos aqui apenas alguns exemplos. O termo comum *mare* só aparece uma vez em toda a obra, e mesmo assim, com o significado genérico de «água». Preferem-se-lhe outros vocábulos mais cheios de conteúdo íntimo e de maior valor poético (1) como *pontus*, *pelagus*, *aequor*, *profundus*, *Nereus*, *Oceanus*, *Titan* (cf. IV, 112; II, 1; II, 7 ;II, 8; II, 283; II, 252; II 32; II, 114). Igualmente variadas são as expressões para designar os navios. A par da palavra corrente *navis*, encontram-se com frequência outras que, por sinédoque, têm o mesmo valor: *carina*, *puppis*, *carbasa*, *ratis*, *lintea* (cf. II, 200 ; 1,18 ; I, 39 ; II, 3 ; II, 201 ; XIII, 10). Mais rica ainda é a terminologia referente à arte da guerra, empregada apenas no espaço de 123 versos, a propósito da projectada expedição a Alcácer Quibir (II, 151-274): *exercitus*, *castra*, *arma*, *legio*, *cohors*, *agmen*, *acies*, *ala*, *manipulus*, *caterua*, *w/res*, *miles*, *pedites*, *equites*, *equus*, *cuspis*, *signum*, *canere*, *proelium*, *bellum*, *hostis*. Em contrapartida, a mesma palavra assume diversos significados, dentro da boa polissemia clássica. Assim *classis* aparece com o valor de «marinha mercante; marinha de guerra e contingente total de um exército» (cf. I, 44; II, 278; II, 128). Num só caso tivemos dificuldade em saber qual o valor de uma expressão (cf. título de III): *tabellas expunctorias*, para a qual propusemos a equivalência de «álbum».

Esta abundância mostra que Diogo Mendes de Vasconcelos tinha largo acesso às riquezas do léxico latino, que utilizava com à vontade, segundo as exigências do tema e da métrica.

Virgílio foi, com certeza, o autor que mais o seduziu. O conhecimento que revela da *Eneida* é prodigioso: não há livro algum deste grandioso poema que não tenha deixado rasto na poesia de Vasconcelos.

(1) Nestas observações introdutórias damos apenas um ou outro exemplo que nos parece significativo. Encontram-se muitos outros casos semelhantes, alguns dos quais são assinalados ao longo dos *Comentários*. A indicação do número dos versos refere-se sempre ao texto latino e, no geral, às anotações que lhe fazemos no lugar próprio.

OBRA POÉTICA DE DIOGO MENDES DE VASCONCELOS 153

As *Geórgicas* são também muitas vezes utilizadas, enquanto às *Bucólicas* é concedida mais escassa representação.

O tratamento dado aos versos de Virgílio merece uma atenção especial, porque revela um dos aspectos mais interessantes da estética de Vasconcelos e que possivelmente tem paralelo noutros autores do Renascimento.

Em momentos solenes, quando a emoção atinge o auge, para honrar uma pessoa ou outra entidade que lhe é grata, Vasconcelos emprega palavras de Virgílio. Num só caso se apropria de um verso inteiro, dizendo de D. Sebastião o que o Mantuano disse de Dáfnis na V Bucólica e depois repetiu em relação a Dido no canto I da Eneida: *Semper honos nomenque tuum, laudesque manebunt* (II, 105). Nas outras ocasiões serve-se apenas de parte de um verso ou adapta-o ligeiramente às circunstâncias. Assim acontece em louvor de D. Sebastião (II, 101), de Filipe II (VI, 43), de Júlio César (II, 61-62), de si próprio (II, 294), de Portugal (II, 243-244), de Évora (II, 57), dos habitantes de Alter do Chão (IV, 62-63) e da Quinta da Silveira (VI, 132-133).

Momentos há, no decorrer de uma narração, em que lhe parece vir a propósito a utilização de um verso de Virgílio, alterando todavia algumas palavras (II, 276). Note-se, porém, que em vários casos essa alteração e por vezes a continuação se faz num estilo que nos parece não desmerecer do próprio Virgílio (IV, 31-34), chegando mesmo em nosso entender a enriquecer a expressão do grande Mestre (VI, 51) e a elevar o seu sentido do mundo natural para o dos valores sobreñaturais (VI, 123-124).

Igualmente curiosos nos parecem outros processos: — faz, num só hexâmetro, a contaminação de vários versos extraídos de passagens muito distantes (II, 269-271); funde dois versos num só (IV, 106); ou, ao contrário, desenvolve um só verso de Virgílio em dois dos seus (IV, 82-83); aproveita apenas as palavras que constituem o final (II, 253; XXIX, 7) ou o principio de um hexâmetro (II, 265).

A imitação do grande escritor latino é em certos casos sensível, embora não haja sequer duas palavras tiradas do mesmo verso. É a selecção do vocabulário, a predilecção por certos termos, a tonalidade sentimental que estabelece a afinidade entre Virgílio e Vasconcelos (II, 219-220; IV, 37).

Quanto a Horácio, Diogo Mendes de Vasconcelos conhece todas as suas obras, pois há dependências e confrontos que nos parecem indiscutíveis (II, 14; II, 289; III, 6; V, 14; VI, 35-36). Mas o uso que faz

deste Autor latino é muito mais restrito. Casos há até em que entre os dois se pode registrar uma nítida oposição, quer estética (IV, 5-13), quer ideológica (XIII, 9-10, 19-20), quer de contexto (IV, 48). Os temas versados por um e outro têm poucos pontos de contacto, a visão do mundo e da vida encontra-se em pólos opostos (epicurismo e cristianismo), os temperamentos de ambos são também muito diferentes. Horácio tem o génio da concisão, da síntese; Vasconcelos é propenso à redundância, ao barroquismo.

Também em relação a Catulo estabelecemos paralelos que nos parecem concludentes (I, 6; III, 2; XII, 22-23). Entre os dois há de comum o gosto da palavra seleccionada, a luta pela perfeição técnica e o império do sentimento.

Outros autores latinos citamos ainda, aproximando-os do texto de Vasconcelos—Ovídio, Lucano, Estácio—mas a dependência não nos parece segura, talvez porque para eles não fizemos um estudo sistemático.

Dos autores portugueses há um com o qual Vasconcelos tem grandes afinidades — é Camões. Num passo parece-nos certo que devem estar presentes *Os Lusíadas*, obra então recentemente aparecida (I, 19-26); noutros, as semelhanças podem provir de ambos beberem na mesma fonte clássica (II, 273) e de viverem na mesma época, sentindo os mesmos problemas.

Uma vez estabelecidos paralelos que se nos afiguram comprovados, julgámos lícito tentar outros confrontos com os autores acabados de citar. Nem sempre pretendemos concluir que Vasconcelos tivesse diante de si a passagem clássica por nós citada, mas ela poderá ter influído como sugestão ou reminiscência. De qualquer modo, estas aproximações terão sempre a vantagem de demonstrar até que ponto a expressão e o estilo do nosso Autor se aproximam dos bons modelos latinos.

Quanto acabamos de dizer sobre a influência clássica em Diogo Mendes de Vasconcelos, de modo nenhum pode significar que haja nele falta de originalidade. A imitação era um dos seus princípios de estética literária. Imitava porque queria e porque isso valorizava, em seu entender, as suas composições. Mas esta atitude não impede que a maior parte da obra seja genuína, pessoal, inteiramente sua.

A Obra Poética de Diogo Mendes de Vasconcelos por nós publicada compreende 912 versos. Destes, 90 são traduções do grego. Se, entre os outros 822, para cerca de uma centena e meia estabelecemos aproximações que podem significar alguma dependência — em que aliás há sempre (excepto num caso, como vimos) trabalho de adaptação —

OBRA POÉTICA DE DIOGO MENDES DE VASCONCELOS 155

ficam-nos ainda mais de 650 versos cuja genuinidade nos parece indiscutível. O saldo é, pois, nitidamente favorável.

Em toda a obra transparece um estilo próprio, característico do nosso Autor. O ambiente que ele melhor desenha e onde se sente mais à vontade é o afectivo. A linguagem adquire então uma tonalidade sentimental que nos faz penetrar no íntimo da sua alma. Estão neste caso a saudação à terra natal (IV, 1-83) e vários outros passos que indicamos na ocasião própria. Num momento em que pareceria difícil introduzir um estilo pessoal (pois se trata de uma versão do grego), documentámos mesmo quais os elementos novos que denunciam a sensibilidade apurada de Vasconcelos e a sua tendência para a expressão enlanguescida (XXV, 7-8).

O tom épico é também uma das suas tendências dominantes. Dado que o tema da poesia II se prestava mais ao entusiasmo, aí encontramos com frequência esse alento heróico, capaz de cantar grandes feitos. Veja-se neste aspecto o elogio de Évora (II, 42-71), a referência aos conquistadores portugueses (II, 242-253) e sobretudo a saudação a D. Sebastião (II, 95^b-121) em que a tensão emocional está altamente enriquecida com abundantes influências clássicas.

Outra característica do estilo de Diogo Mendes de Vasconcelos é a propensão para a prolixidade, o desenvolvimento longo de um tema ou sentimento, servindo-se de expressões de carácter barroco. O princípio da poesia II, cheio de majestade, cria em nós a sensação de que o poeta está a tomar balanço para uma composição de largo alcance. Para exemplificar a tendência para o desenvolvimento, como indício de um comprazimento na emoção profunda, os primeiros 34 versos da poesia IV são os mais significativos. A apreciação do epigrama de Miguel Cabedo em comparação com os que Vasconcelos escreveu sobre o mesmo tema leva-nos também à conclusão de que o nosso Autor é mais rico e redundante (VII, VIII, IX).

Se houvéramos de seleccionar mais alguns excertos bem definidores do estilo próprio de Vasconcelos, indicaríamos ainda três: os versos 64-73 da poesia IV, pela exultação e requinte que revelam na selecção de um vocabulário de perfeito gosto clássico e de grande ressonância poética; o final da composição VI (versos 134-143) em que, a par da terminologia apropriada e das sugestões virgilianas e horacianas, o descritivo está cheio de realismo e brilho; e todo o epigrama XIII, ao dia do seu aniversário natalício, revelador de uma grande capacidade para descrever o viço, a força da natureza e a alegria de viver.

As grandes composições merecem-nos também uma referência especial. A I, escrita num ritmo leve — o falécio — é das que melhor definem o espirito da época, pois vêem-se nela alusões claras às glórias de Portugal, dominador dos mares, e à cultura típica do Renascimento. A II tem todo o aspecto de ser o sucedâneo do que deveria constituir o poema heróico em que Vasconcelos haveria de cantar os feitos de

D. Sebastião. Os primeiros 121 versos são uma introdução de grande fôlego. Nos restantes, em que percorremos Portugal de Norte a Sul, há caracterizações sintéticas de paisagens e populações que nos prendem e deixam embevecidos. Leiam-se, como amostra, as passagens referentes ao Mondego e a Coimbra (174-176), a Setúbal (201-204) e à região de Marvão (235-241). A poesia IV tem o mérito de revelar até que ponto Vasconcelos era capaz de vibrar intensamente, pela altura a que o sentimento é elevado na primeira parte (1-83), e de escrever com perfeição mesmo quando o tema se desviava para considerações de carácter erudito (84-145). A VI composição, nos seus 143 versos, mantém quase sempre a emoção em alto nível, quer atinja tonalidade épica, quer desça ao descritivo. Entre as grandes poesias em hexâmetros parece-nos esta a mais uniforme.

O grupo de composições vertidas do grego tem também para nós grande interesse. A vitalidade do Humanismo helenista em Portugal está ainda mal estudada no seu conjunto. Vasconcelos, com a indicação de várias pessoas afeiçoadas ao grego e com a tradução de 12 epigramas da *Antologia Palatina* e dos versos finais da *Περὶ ἡρώς* de Dionísio, dá-nos oportunidade de reflectir por um pouco sobre esta lacuna nos estudos da cultura portuguesa.

Os seus trabalhos sobre a Literatura Grega limitam-se ao período helenístico, e nem isso é de admirar, sabido como é que a época áurea dos grandes trágicos e sobretudo a idade arcaica e fases anteriores só passaram a ser estudadas, com desenvolvimento, a partir do século xviii. A linguagem usada pelos escritores gregos tem mérito variado. Há formas e expressões de carácter nitidamente homérico. Nos comentários que fazemos, pomos inteiramente de parte quaisquer anotações sobre o texto grego em si, uma vez que outro é o nosso objectivo.

As traduções revelam não só que Vasconcelos conhecia bem a língua grega, mas também que tinha capacidade para vencer as dificuldades resultantes da transposição para verso, submetendo-se aos preceitos de uma métrica rigorosa e difícil como é a latina. Um tradutor de verso grego para verso latino tem muito coarctada a sua liberdade pelas exigências

OBRA POÉTICA DE DIOGO MENDES DE VASCONCELOS 157

da quantidade silábica e dos ritmos. Não é portanto de estranhar que nem todas as traduções atinjam alto nível de fidelidade ao original.

Os epigramas podem reduzir-se, quanto ao valor da tradução do grego, em três grupos : — nuns há correspondência entre o grego e o latim (XIV, XVI, XVIII, XXIV), chegando esta mesmo a alcançar grande perfeição (XIX, XXIII); noutros nota-se que houve dificuldade em traduzir certos versos e por isso introduziram-se algumas modificações que alteram notavelmente o original (XVII, XX, XXI, XXII); num terceiro grupo há desenvolvimento do texto grego, acrescentando, num caso, um dístico (XV) e noutro duplicando o número de versos do original (XXV). Prova-se assim que em Vasconcelos predomina o esforço pela fidelidade, embora não lhe faltassem qualidades para fazer amplificações por sua conta, nas quais manifesta a sua personalidade literária. A tradução de Dionísio (XXVI) deve ser considerada como um caso à parte : — umas vezes foge ao texto grego, outras desenvolve-o e outras ainda introduz versos inteiramente novos. O mérito destas amplificações é desigual — umas são de mau gosto, mas também as há que não desmerecem do bom estilo clássico latino.

Os *Comentários* que fazemos versam múltiplos assuntos. A poesia de Vasconcelos exigia, pela sua variedade de fundo e de forma, explicações frequentes, de natureza muito variada.

Em rápida vista de conjunto, indicamos aqui apenas um exemplo das principais espécies de comentários : — de natureza literária (II, 274), etimológica (IV, 17), métrica (IV, 11-12), cultural (I, 65-72), mitológica (II, 35), histórica (II, 280-283), de confronto com o latim da liturgia (II, 106), de crítica textual (II, 206-243) e de justificação da tradução por nós proposta (XIII, 4).

Poderá parecer à primeira vista que os comentários são demasiado abundantes. Nós mesmo procurámos reduzi-los em relação ao esboço inicial. Ao reexaminar, porém, verso por verso, parece-nos que frequentemente seria necessário dar esclarecimentos mais pormenorizados. É com pena que não fornecemos para todos os casos o contexto em que se encontram as passagens dos autores clássicos que confrontamos com a poesia de Vasconcelos.

Não estamos satisfeito, portanto, com o trabalho realizado. Desejariamos poder estabelecer paralelo completo com vários outros autores latinos. Lamentamos também não ter podido fazer um estudo sistemático da métrica em Diogo Mendes de Vasconcelos.

P O E S I A S

I

O *título* informa-nos de que esta composição foi escrita em 1575. Nesta data tinha Diogo Mendes de Vasconcelos residência em Évora, mas é provável que estes versos tenham sido redigidos durante alguma visita feita a seu primo Miguel Cabedo, pois a poesia é-lhe praticamente dedicada. Sendo assim, podia ter sido escrita em Lisboa, onde Miguel Cabedo exercia funções oficiais, ou mesmo em Setúbal ou Palmeia, onde ambos se encontrariam de vez em quando. Com efeito, em X, 2, Vasconcelos diz que gostava de passar as férias do Verão em Setúbal, terra natal de Cabedo, e os epigramas VII, VIII e IX são dedicados a uma serpente de bronze que existia nos jardins da quinta que Cabedo possuía nos arredores de Palmela.

Embora o tema principal seja o elogio da cidade de Lisboa, pode dizer-se que a poesia é consagrada a Miguel Cabedo, de quem faz rasgado elogio. O primo e companheiro de estudos de Diogo Mendes de Vasconcelos nascera em 1525 e após a formatura foi viver para Lisboa, onde em 1565 tomou posse do cargo de Desembargador da Casa da Suplicação. Fazia parte do Conselho Régio e foi o primeiro eleito quando D. Sebastião resolveu estabelecer um triunvirato para o governo económico da cidade de Lisboa. Em 1575 foi ainda nomeado Desembargador dos Agravos. Faleceu em Abril de 1577, com 52 anos de idade. Refere esta poesia (vv. 50-60) que Miguel Cabedo também era inspirado pelas Musas. De facto, a edição de Roma, a que já nos referimos, dedica 48 páginas à tradução que do *Pluto* de Aristófanes fizera Cabedo aos vinte e dois anos e mais 59 páginas a vários outros trabalhos em verso e prosa. Adiante (VII) apreciaremos um breve epigrama de Miguel Cabedo.

Esta poesia pode dividir-se em 4 partes: os versos 1-5 são uma saudação a Lisboa, como Rainha do Ocidente; 6-26 exaltam o Tejo e comparam-se em referir que dali partem navios para todo o mundo; 27-45 apresentam Lisboa como cidade cosmopolita, reflexo evidente

OBRA POÉTICA DE DIOGO MENDES DE VASCONCELOS 159

dos Descobrimentos e do nosso emporio comercial ; 46-72 são um largo elogio de Miguel Cabedo.

Os versos estão escritos em ritmo falécio, também chamado hendecassílabo. Este metro foi muito usado pelos escritores latinos, sendo natural que Vasconcelos conhecesse pelos menos os falécios de Catulo, Marcial e Ausônio, poetas a que nos referimos a seu tempo.

2 — Note-se a beleza sugestiva e rítmica deste verso: além da metáfora —Lisboa é a Rainha do Oceano — temos o valor quase sensível de *sonantis*. Na *Eneida* (I, 246) Virgílio usa o mesmo qualificativo: *It mare proruptum et pelago premit arua sonanti*.

6 — Vasconcelos usa quase sempre a expressão «Tejo de areias de ouro» ou equivalente. Este qualificativo do Tejo é muito antigo. Adiante (VI, 72) empregar-se-á mesmo o adjectivo *aurifer* que já se encontra em Catulo (XXIX, 18-19): *...inde tertia / Hibera, quam scit amnis aurifer Tagus*. No *De Antiquitatibus Lusitaniae* anota-se que o Tejo é *arenis auriferis copiosus*

8 — A forma *Minoque* deve ser uma gralha da *Vita Gondisalvi*, repetida pelas edições de *Roma* e do *Corpus Poetarum*. A métrica exige, como nos fez notar o Sr. Doutor Walter de Sousa Medeiros, a forma *Minioque*, que condiz com a empregada por Vasconcelos noutras ocasiões (II, 82, 154).

9-11 — É bastante ousada a comparação do Tejo com os mares do Mediterrâneo. Os qualificativos têm valor sugestivo. Nas *Odes*, Horácio emprega *patenti*, mas referido ao Egeu (*II Carm. XVI*, 1-2): *...inpatenti / prensus Aegaeo*. A o Adriático os autores clássicos chamam *raucus*, *inquietus*, *uentosus*, etc., mas nunca *sonans*. Vasconcelos tem portanto independência literária, ao mesmo tempo que usa um vocabulário de sabor clássico.

19-26 — Magnífica alusão à talassocracia portuguesa do século xvi. Toma certo alento épico ao falar do Oriente e da presença constante dos navios portugueses por todos os mares. Nos *Lusíadas* — que Vasconcelos poderia ter lido e admirado, pois a edição «princeps» é de 1572 — Camões tem uma estrofe de sentido afim (*Lusíadas*, 8) :

Vós, poderoso Rei, cujo alto Império
O Sol, logo em nascendo, vê primeiro;
Vê-o também no meio do Hemisfério,
E, quando desce, o deixa derradeiro;

Vós, que esperamos jugo e vitupério
 Do torpe Ismaelita cavaleiro,
 Do Turco oriental e do gentio
 Que inda *bebe o licor do santo Rio*:

As passagens sublinhadas parecem ter servido de modelo aos versos 21-23 de Vasconcelos.

- 31—*Lari paterno* tem aqui um sentido muito próximo do actual. Em II, 50 Vasconcelos dá a *Lar* uma tonalidade mais rica de sentido. Para os Romanos, os espíritos dos mortos passavam a ser protectores da família — eram os *Lares*, a quem se prestava culto acendendo-lhes, no átrio da casa, uma fogueira em que se queimava incenso.
- 37 —*Callaecia portuosa*—A adjectivação de Vasconcelos por vezes tem o sabor dos epítetos homéricos — tão bem ela se ajusta e tão rica é de sentido.
- 46-49 — Estes quatro versos são uma pequena transição entre o tema anterior e o elogio de Miguel Cabedo, que vai ser feito em quatro aspectos: como poeta (50-60), como jurista (61-64), como Conselheiro Régio (65-68) e como Vereador (69-72)
- 46-47 — *Praeconia... laudum* — Ovídio nas *Ponticas* (IV, 8) usa esta mesma expressão: *Carmina uestrarum peragunt praeconia laudum*.
- 49 — Todas as palavras deste verso estão escolhidas, em latim, para sugerir a impressão de «grande peso». O ritmo falécio é perfeitíssimo. A tradução literal deste verso seria: *Suportar o peso de tanta grandeza*, mas pareceu-nos que, aliada ao verso anterior, esta expressão não era bastante clara. Por isso demos uma tradução interpretativa.
- 51-52 — *Parem uetustis.. .poetis* — É um elogio que se encontra, de vez em quando, aplicado aos poetas latinos do Renascimento. Duarte Nunes de Leão concedeu também esta honra a Diogo Mendes de Vasconcelos (cf. supra p. 65). Que saibamos, não está estudado ainda qual o mérito exacto da poesia latina de Miguel Cabedo. Eis uma tarefa a empreender.
- 52-54 — O elogio de Setúbal é feito, de modo mais longo, também adiante (II, 201-204). Aí faremos os comentários que nos parecem oportunos. Note-se desde já que Vasconcelos parece impressionar-se muito com a pedra de Setúbal, que compara ao jaspe, e com a sua riqueza piscícola.
- 58 — O conteúdo deste verso aparece outras vezes em Vasconcelos. O ideal dos humanistas era o conhecimento e imitação das literaturas

OBRA POÉTICA DE DIOGO MENDES DE VASCONCELOS 161

clássicas. Como o latim — a língua do Lácio — era muito mais conhecido, tornavam-se dignos de especial elogio os que dominavam bem o grego. Miguel Cabedo, como vimos, estava neste número.

É possível que neste verso haja uma sugestão de Horácio que na Sátira X do livro I diz : — *At magnum fecit, quod uerbis Graeca Latinis / miscuit* (I *Serm.* X, 20-21).

- 60 — *Colophoniumque uatem* — Há vários poetas nascidos em Cólofon, cidade da Ásia Menor, entre Esmirna e Éfeso, sendo os principais Xenófanes e Mimnermo. Julgamos, porém, que Vasconcelos se quer referir a Homero, cuja naturalidade era disputada por sete cidades, entre elas Cólofon. Noutras passagens Homero é chamado o poeta da *Meónia* (VI, 143; XXVII, 8), nome dado à Frigia por ter tido Méon como seu rei.
- 61 — *Caesaris... iuris* — É o Direito Romano, em que Cabedo estava formado. A ciência do Direito, na Idade Média, como depois e em parte ainda hoje, dividia-se em dois grandes ramos : — o Direito Pontifício, Eclesiástico ou Canónico e o Direito Romano, de César ou Civil.
- 62 — *Puris fontibus* — Cabedo e Vasconcelos, sob a orientação do tio D. Gonçalo Pinheiro, formaram-se em um e outro Direito, recebendo lições de Mestres de grande fama na Europa do seu tempo.
- 63—*Papiniano* (sec. II-III) foi um jurisconsulto muito célebre da Antiguidade, notável pela sua firmeza e perspicácia na interpretação das leis. Foi preceptor dos escritores Ulpiano, Paulo, Júlio Africano e outros.
- 65 — *Purpurei... Senatus* — O Renascimento procurou imitar o esplendor da época clássica não só na Literatura, mas também nas instituições. A nomenclatura tradicional dos cargos, tanto eclesiásticos como civis, foi substituída, em certos casos, pela das funções que lhes eram afins na antiga Roma. Por isso aqui *Senatus* designa o Conselho Régio, de que Cabedo era membro. Noutros passos (VI, 7-8, 138) significará o Colégio Cardinalício cujos membros têm vestes de púrpura. A Corte pontifícia, com o seu esplendor renascentista, serviu também de modelo aos Príncipes temporais.
- 69 — *Patres* — Esta designação é mais uma manifestação da tendência para atribuir aos homens do Renascimento nomes consagrados das funções romanas. Os membros do Senado, órgão directivo e consultivo de Roma, tinham o título de *Patres Conscripti*. Pelo mesmo motivo, a Cabedo é dado na sua *Vita* o título de «ciuitatis Olisiponensis gubernandae III vir», equivalente, talvez, aos actuais Vereadores das Câmaras Municipais. Os *triúnvros* desempenhavam em Roma

funções de administração (*triumviri monetales*) e de justiça (*triumviri capitales*), preliminares da carreira senatorial.

71-72 — Temos aqui uma declaração expressa de que a organização civil de então pretendia imitar as instituições romanas. Os tribunos desempenhavam em Roma diversas funções — económicas, militares e políticas.

II

No ano de 1577, por D. Sebastião foi Diogo Mendes de Vasconcelos chamado a Lisboa, onde tinha vários amigos, alguns dos quais, como Cristóvão de Távora e Miguel Cabedo, viviam muito perto do Rei. É pois natural que eles tenham influído para que o Monarca mandasse ir Vasconcelos de Évora para Lisboa.

Segundo esta poesia, o chamamento teve como motivo o facto de o Rei querer saber qual a opinião de Vasconcelos sobre a projectada expedição ao Norte de África, que se veio a realizar em meados do ano seguinte, 1578. Na sua *Vita* (n.º 53) não alude, porém, a este motivo. O relato é aí bastante diferente. Diz que D. Sebastião o recebeu benignissimamente e que o convidou para altas funções públicas, mas que recusou todas essas honras. Como, porém, o Rei queria a todo o custo conservá-lo junto de si, imaginou então um outro cargo que Vasconcelos não pôde recusar e que era apenas um pretexto para o reter em Lisboa. Que alta função fosse esta não é dito expressamente. Contudo, por esta poesia vê-se (vv. 110-113) que Vasconcelos se propõe cantar em verso os triunfos de D. Sebastião. Mais explícito ainda é o Dr. Luís Pires, na poesia que já apresentámos (pp. 71-73) cujo final diz expressamente que D. Sebastião procura fazer entrar Diogo Mendes de Vasconcelos na sua Corte para celebrar os feitos do Rei invicto e os fastos antigos. Concluimos, portanto, que a função imaginada era a de poeta latino da Corte.

O desastre de Alcácer Quibir perturbou todo este projecto. A estadia em Lisboa prolongar-se-ia desde 1577 talvez até aos fins de 1578. Só então Vasconcelos se resolveria a voltar para Évora.

Com este conspecto biográfico compreender-se-á melhor a índole e a contextura desta composição que, apesar da sua extensão, nos não cansa, porque há sempre renovados motivos de inspiração. Há duas partes principais, nitidamente distintas: a primeira (1-121) deve ter sido escrita ainda em Évora e contém uma despedida afectuosa a esta cidade (195^a),

OBRA POÉTICA DE DIOGO MENDES DE VASCONCELOS 163

seguida de uma saudação ardente a D. Sebastião (95M21); a segunda (122-299) foi escrita após a derrota de Alcácer Quibir, possivelmente ainda em Lisboa. Começa por se referir (122-132) às circunstâncias em que escreveu os versos anteriores e às intenções que o animavam na sua vinda a Lisboa; expõe (133-146) que primeiramente aconselhou D. Sebastião a não empreender a guerra ou, ao menos, a não tomar parte nela pessoalmente; diz em seguida (147-152) que, se a decisão de partir é inabalável, por motivo algum deixe de se preparar um exército poderoso; e passa a indicar (153-241) quais as terras de Portugal, desde o Minho ao Algarve, que poderiam fornecer o contingente militar. Percorremos assim, com interesse, as principais cidades e vilas daquela época, consagrando Vasconcelos a cada uma delas alguns versos que captam maravilhosamente, no geral, os seus elementos característicos. Esta viagem à volta de Portugal termina com a evocação rápida (242-253) dos portugueses que se distinguiram na conquista do Oriente e do solo pátrio. A terminar o conselho dirigido ao Rei, insiste (254-274) sobre a necessidade de ir bem armado, pois os inimigos são muitos e aguerridos. O final de toda a composição inclui a resposta de D. Sebastião que mantém a decisão de partir (275-289) e uma lamentação dolorosa sobre os sofrimentos que sobrevieram à Pátria após a morte infausta do Rei Desejado (290-299).

O verso hexâmetro, próprio do estilo descritivo e do épico, fica bem nesta poesia que atinge, muitas vezes, tom verdadeiramente heróico.

- 3—Ovídio tem um final de verso idêntico: *Cum dabit aura uiam, praebebis carbasa uentis* (*Heroides, Vil, 777*).
- 5-8 — Sobre a observação do céu e dos astros para prever o tempo, tem Virgílio uma longa descrição nas *Geórgicas* (*I, 424-465*) que poderá ter sugerido estes versos, os quais, pelas imagens evocadas, são de urna grande beleza.
- 5 — Na *Eneida* (*III, 518*) há um verso paralelo a este: *Postquam cuneta uidet cáelo constare sereno*.
- 9-13 — Vasconcelos, aos 54 anos, parece já um desiludido. A expressão *longa experientia rerum* do verso 9 lembra mesmo o que Camões diz do velho do Restelo que também tinha um *saber só de experiências feito* (*Lusíadas, IV, 94*).
- 10 — *Vulgi* tem certo sentido depreciativo. O desprezo pelo vulgo tinha, para os humanistas, Horácio como modelo numa célebre ode: *Odi profanum uulgus et arceo* (*III Carm. I, 1*).

- 14 — Horácio é, entre os poetas, quem mais se refere às riquezas dos Arabes. (*I Carm. XXIX- 1-2; III Carm. XXIV, 2*). Ao escrever este verso, Vasconcelos tinha em frente ou na memória uma passagem do grande lírico romano: *...nec / otia diuitiis Arabum liberrima muto* (*I Epist. VII, 35-36*).
- 16 — Há imitação de Virgílio ao assemelhar as casas de Évora a esconderijos e refúgios seguros. Na *Bucólica II*, vv. 28-29 lê-se: *O tantum liceat mecum tibi sordida rura / Atque humiles habitare casas...* Vasconcelos poderia ter em mente as ruas estreitas da parte antiga de Évora em que, como nas de outras cidades antigas, as casas se apinham e donde mal se vê, no alto, urna nesga de céu. Em que casa moraria o Dr. Mendes de Vasconcelos, Cônego da Sé e Inquisidor da Fé? — Eis uma pergunta para responder à qual não conseguimos encontrar qualquer pista. Ao percorrermos algumas das ruas próximas do antigo palácio da Inquisição, lembrámo-nos, no entanto, deste verso.
- Sórdida* aqui não significa *sujo*, mas *escuro* ou talvez mesmo *simples, pobre*. A constituição geológica dos campos de Évora e a tonalidade da folhagem verde-escura do arvoredo (azinheiras e oliveiras) justificam este adjectivo.
- 17 — Este verso exprime um certo desafecto pelo fausto. Note-se o ritmo dactílico puro — dáctilos sem substituição. Apesar de os metros assim constituídos terem uma cadência mais notória, os latinos consideravam mais perfeitos os versos em que os dáctilos se combinavam com espondeus. Todavia encontrámos também em Virgílio hexâmetros puros (cf. *Áen. V, 11*).
- 18-39 — Começa nestes versos a descrição do afecto de Vasconcelos por Évora, a ponto de resistir aos convites insistentes que os amigos e parentes lhe faziam para ir para Lisboa.
- 18 — O valor anafórico de *haec*, seguido de palavras que exprimem a satisfação de um desejo, encontra paralelo neste verso de *Catulo* (*XXXI, 11*): *Hoc est quod unum est pro laboribus tantis*.
- 19-20 — Referência aos seus trabalhos em defesa da Religião e das Leis, durante 14 anos. Embora se tenha estabelecido em Évora em 1557, Vasconcelos conta apenas os anos a partir de 1563, em que foi Inquisidor da Fé (1563-1573) e Assessor do Santo Ofício (a partir de 1573).
- 20 — Para se designar a si próprio, Vasconcelos usa umas vezes o pronome pessoal no singular, outras no plural: *mi hi* (18), *me* (21). O predicado *impedimus* supõe subentendido o sujeito *nos*, com o qual concorda o atributo *imprigri*. Esta mudança do singular para o plural

OBRA POÉTICA DE DIOGO MENDES DE VASCONCELOS 165

obedece, segundo eremos, apenas a razões de ordem técnica. Neste verso, por exemplo, se em vez do plural *impēdimus* estivesse o singular *impēdi* (com a conseqüente mudança de *impigri* para *impiger*) ficaria um hexâmetro espondeico, mas mal construído, pois que neste caso o 4.º pé deveria ser um dáctilo, quando na realidade é um espondeu (e continuaria a sê-lo após a substituição do plural pela singular).

- 21-23 — Observe-se como Vasconcelos descreve bem um ambiente afectivo.
- 24-26 — Estes versos referem-se a Cristóvão de Távora, jovem de nobre linhagem que obteve grande ascendente sobre o moço Rei D. Sebastião, e a seu pai D. Lourenço Pires de Távora que foi embaixador de Portugal em várias Cortes da Europa. Sobre estas figuras demos informações suficientes, para o nosso efeito, ao tratar, no estudo biográfico, da ida de Vasconcelos a Lisboa (pp. 22-23).
- 24-25 — É talvez hiperbólico este rasgado elogio da amizade entre Vasconcelos e Cristóvão de Távora. Se este verso significa que Cristóvão de Távora também era poeta, nós não conseguimos encontrar em qualquer outra parte referência a esta actividade do jovem fidalgo.
- 26 — Tem certa grandiosidade o elogio breve de D. Lourenço. Na *Eneida* há um verso que começa como este (V, 39).
- 29-32 — Nestes quatro versos resumem-se os tópicos preferidos de Vasconcelos, quando quer fazer o elogio de Lisboa (cf. I, 1-26; II, 195-200).
- 30—*Tarpeias...* *turres* — Trata-se aqui de uma comparação velada entre Lisboa e Roma. Junto do Capitólio havia uma rocha alta, chamada Tarpeia, da qual Rómulo se lançou para não cair nas mãos dos sabinos a quem Espúrio Tarpeio queria entregar a cidade.
- 31 — Sobre o *Tejo de areias de ouro*, ver I, 6.
- 33 — Este verso é imitado de Virgílio : *Desine, meque tuis incendere, teque querelis* (*Aen. IV, 360*). Horácio escreve também: *Desine mollium / tandem querellarum* (*II Carm. IX, 17-18*).
- 35-39 — Mencionam-se outros amigos que de Lisboa o chamavam e com os quais Vasconcelos faria um círculo literário : — António de Castilho, Pedro Sanches, Duarte Nunes de Leão e Inácio de Moraes. Sobre estas figuras demos alguns elementos biográficos no estudo introdutório (pp. 29-30).
- 35 — *Theseo... nodo* — Conta a lenda que Pirítoo, filho do rei dos lápitas, na Tessália, quis medir as suas forças com Teseu, filho do rei

de Atenas. Ao encontrarem-se os dois jovens frente a frente para o combate, inspiraram-se um ao outro tão viva simpatia que, em vez de lutarem, se abraçaram, juraram amizade eterna e se converteram em companheiros inseparáveis de diversas aventuras. O *nó de Teseu* é, pois, aqui uma bela metáfora para significar *amizade profunda*.

38 — Aqui fala-se dos *cisnes brancos de neve*. Na *Eneida* há um verso com uma terminação semelhante, mas a brancura é atribuída aos cavalos *tondentes campum late, candore niuali* (*Aen. III, 538*).

39 — Se bem que também seja agradável a referência aos outros amigos, as palavras consagradas a Inácio de Moraes têm mais interesse para nós por realçarem o seu mérito literário. Como vimos (I, 51-52) idêntico louvor foi tributado a Miguel Cabedo e ao próprio Vasconcelos.

40-95^a — Proclamando-se disposto a partir para Lisboa, Vasconcelos faz agora um longo elogio de Évora e recorda, ao mesmo tempo, os laços que o prendem à capital alentejana.

42 — Parece-nos indispensável um ponto final depois da palavra *consiliis*. Todavia, só a *Vita Gondisalui* o regista, sem no entanto começar a palavra seguinte por maiúscula. É certo que nos dísticos elegíacos o sentido de cada frase deve ficar completo no fim de cada dístico. Para os hexâmetros não há, porém, obrigação de terminar a frase só no final do verso. Em Virgílio encontrámos muitos casos em que o hexâmetro tem um ponto final no meio.

Rupi retinacula dulcia — Deve haver aqui uma sugestão da *Eneida* (XII, 29-30):

Victus amore tui, cognato sanguine uictus,

Coniugis et mæstae lacrimis, uinclæ omnia rupi.

Vasconcelos soube, porém, adaptar, com mestria, estes versos às suas circunstâncias particulares. Vemos aqui uma referência às suas amizades em Évora. O uso dos perfeitos *rupi* e *liquimus* (verso seguinte) indicará que Vasconcelos já tinha tomado a decisão de partir, embora ainda se encontrasse em Évora, como outras passagens nos dão a entender.

Siluas — Além de *silua*, termo comum para designar o *arvoredo*, Vasconcelos emprega noutras partes (II, 110; VI, 133), *nemus*, palavra mais elevada, de sentido religioso, mesmo que não se trate de um bosque sagrado.

43 — Este verso pode dar-nos um traço da psicologia do seu Autor :

— gostaria de dar passeios pelo campo, contemplando a natureza e entregando-se à meditação.

OBRA POÉTICA DE DIOGO MENDES DE VASCONCELOS 167

- 44-71 — O estilo sobe de tom para fazer a evocação de Évora no tempo da dominação romana.
- 44 — *Urbs alma* é um apelativo de distinção para Évora. Aplica-se com toda a propriedade a Roma e a outras cidades que são focos de civilização e cultura.
- 44-56 — Sobre a acção e a permanência de Sertório em Évora, Vasconcelos resume aqui quanto desenvolveu no seu *De Municipio Eborensi*. A sua opinião, porém, é hoje contraditada.
- 46-47 — *Ád oras occiduas* — Esta expressão lembra a perífrase de Camões para dizer Portugal: — *Ocidental praia Lusitana (Lusíadas, I, 7)*.
- 49 — O advérbio *hic* faz suspeitar que Vasconcelos estava em Évora, embora não possa constituir, só por si, argumento seguro.
- Vasconcelos faz-se eco de uma tradição segundo a qual Sertório construiu uma casa em Évora.
- 51 — *Rapido belli cessante tumultu* é uma expressão que evoca bem a confusão da guerra, as marchas forçadas, o rufar enervante dos tambores.
- 53 — Este verso é um elegante galanteio a Évora, ao seu clima e à sua gente. A construção *captus amore* lê-se também em Virgílio, *VI Bucólica, verso 10*.
- 57-60 — Torna-se mais veemente o tom da saudação. A inspiração como que retoma alento e Vasconcelos aplica mesmo a Évora parte de dois versos com que Virgílio nas *Geórgicas (II, 173-174)* louva a terra itálica: *Salve, magna parens frugum, Saturnia tellus / magna uirum...*
- 58 — O proprio superlativo *gratissima* é virgiliano. Quando Eneias de Tróia se dirige a Delos para consultar Apolo, a ilha é apresentada como *gratissima tellus (Aen. III, 73)*.
- 61 — Um dos processos usados por Vasconcelos para distinguir alguém é aplicar-lhe um verso ou expressão virgiliana. Aqui transfere-se para César o que de Procas diz a *Eneida (VI, 767)*: *Proximus ille Procas, Troianae gloria gentis*.
- 62 — Também este verso é decalcado sobre Virgílio: *Iulius, a magno demissum nomen Iulo (Aen. I, 288)*.
- 65-67 — No seu livro *De Municipio Eborensi* refere-se Vasconcelos aos favores concedidos por César a Évora, sendo o mais apreciado o título de *Liberalitas Iulia*. Estas liberalidades fizeram de Évora a segunda cidade, depois de Lisboa, ainda que isto, diz, não agrade ao Porto... A maior regalia seria o *direito itálico* que dava vantagens

aos municípios sobre as simples colónias. O que no *De Municipio Eborensi* é apresentado como uma opinião, fundamentada aliás em Plínio e Gélio, está aqui enunciado como uma certeza.

Não nos ocupámos da data em que foi escrito o *De Municipio Eborensi*, mas podemos fornecer a quem se ocupar do assunto uma achega oferecida por estes versos. Tem que ser posterior a esta poesia, escrita em 1577, pois aí se citam os versos 57-71 que estamos comentando.

Quanto ao título de *Liberalitas Iulia*, hoje pensa-se que não está relacionado com César e que já existia antes dele.

- 68-69 — A prova destes versos encontra-se no *De Municipio Eborensi*, onde são citadas muitas inscrições de Évora referentes a César.
- 71 — Este verso, que julgamos inteiramente original, é também muito honroso para Évora, e é cheio de ritmo e de beleza. Para nós, esta beleza encontra-se na musicalidade interna das palavras, na sua ressonância afectiva, na selecção e sábia disposição do vocabulário.
- 72 — Se quisermos atribuir a este verso rigor histórico, concluiremos que a poesia foi escrita depois de Março de 1577. Com efeito, tendo Vasconcelos regressado de Roma em 1556, foi em Março de 1557 que se apresentou em Évora para tomar posse do canonicato. Por isso pode escrever : — *está agora a correr o vigésimo primeiro ano desde que...*
- 73 — *Mystas inter numerandus* — O *mysta* era um iniciado num culto sagrado, um sacerdote. Aqui parece dever aplicar-se, em sentido rigoroso, aos Cônegos Capitulares que estão encarregados de manter na Sé o culto, pelo canto do Ofício Divino e celebração das Missas obrigatórias do Cabido.
- 74 — *Superum* — O termo, por si, aplica-se às Potestades Celestiais, que estão *super*. É de largo uso clássico para designar os deuses. Os autores cristãos, que já desde o século 111 começaram a adoptar na poesia a terminologia religiosa clássica, atribuindo-lhe no entanto sentido novo, não recuaram perante este plural. *Superi* pode aplicar-se, com propriedade, às Pessoas da Santíssima Trindade, aos Anjos e Santos, e de facto Vasconcelos emprega algumas vezes esta palavra com o sentido geral de Potestades Celestiais (II, 244; X, 9; XV, 10). A própria Liturgia católica adopta a palavra, como veremos adiante (II, 106). Aqui preferimos traduzir, genericamente, a expressão *aris Superum* por *altares de Deus*, como se estas palavras fossem eco do *Salmo XLII*, 4 — *Introibo ad altare Dei...*—que se reza no princípio da Missa.

OBRA POÉTICA DE DIOGO MENDES DE VASCONCELOS 169

Rite é um advérbio rico de sentido litúrgico, difícil de condensar numa só palavra — *segundo o ritual, segundo as ordens prescritas*. Também se usa no sentido de *felizmente*.

Sacerdos — Tomamos esta palavra em sentido rigoroso, indicando, portanto, explicitamente que Diogo Mendes de Vasconcelos era sacerdote e como tal *aris admissus Superum*.

75 — O presente *ingredior* e sobretudo a expressão *seruoque tuas... sedes* levam-nos a supor que Vasconcelos escrevia, de facto, em Évora, onde tinha domicílio.

Urbs incluta é um vocativo de excelência, dirigido a Évora.

79-82 — Apesar de na sua *Vita* (n.º 52) Vasconcelos dizer que sobre o modo como se desempenhou do cargo de Inquisidor achava preferível que nos tivéssemos ao juízo alheio, aqui não resiste a proclamar (embora entre parêntesis exprima certa modéstia) que toda a gente sabe ter-se havido com a maior rectidão e zelo.

81-82 — A menção do Guadalquivir a par só de rios internacionais

— Guadiana, Tejo, Minho e Douro — faz crer que Vasconcelos julgava o seu trabalho apreciado não só em Portugal, mas também em Espanha.

83 — Modo difuso de dizer a sua idade. Vasconcelos nasceu a 1 de Maio de 1523 e completaria, portanto, 54 anos em 1577. Aliando este verso ao já anteriormente comentado (II, 72), poderíamos concluir que a sua ida para Lisboa foi depois de Março, mas antes de Maio de 1577.

84-85 — Contrapõem-se literariamente estes dois versos. O primeiro evoca o peso da velhice; o segundo as alegrias da idade florida.

85-86 — *Florentes uitae... annos* parece referir-se aos tempos da juventude — dos 12 aos 14 anos — que Vasconcelos passou em Évora. De facto, a expressão *aetas florida* é usado por Catulo para designar a mocidade. É possível, porém, que o verso 86 seja uma alusão aos 20 anos de actividade — dos 34 aos 54 anos — desenvolvida em Évora. A ser assim, note-se como lhe era agradável viver nesta cidade—*pars... j laetior aeui*.

91-93 — As atitudes aqui expressas ajudam-nos a reconstituir a personalidade moral do Cónego Vasconcelos, que se nos apresenta livre de ambição, de avareza, de invejas e paixões.

91-92 — *Nec turpis habendi... amor* — Virgílio apresenta o desejo da riqueza como um defeito em relação à idade de ouro — a de Saturno. Na idade da prata já *et belli rabies et amor successit habendi*.

{*Aen. VIII, 327*). O adjectivo *turpis* faz-nos pensar ainda noutra sugestão para este passo. O Apóstolo S. Pedro lembra aos sacerdotes que não devem proceder *turpis lucri gratia* (*1 Pet. V, 2*).

Inuidia... edaci dá uma imagem perfeita das consequências da inveja que rói o homem por dentro.

- 9 4 9 5 - ^a — O motivo principal da sua partida de Évora é aqui explicitamente enunciado. A menção do nome de D. Sebastião lança Vasconcelos em novo e arrebatado vôo poético.
- 95M21 — Faz-se um encómio, em tom maior, de D. Sebastião. Estes versos são a parte mais fértil em sugestões e imitações clássicas.
- 95^b-98 — Há aqui uma espécie de *ἀόνομα*. A Vasconcelos pareceria um *impossível* ou pelo menos uma monstruosidade que alguém não admirasse D. Sebastião. Mas havia, de facto, um forte movimento contra o jovem Monarca.
- 95^b — Os Getas eram tribos que habitavam o Sul do Danúbio, na região da actual Bulgária e que no século iv a.C. se estenderam até ao Ponto Euxino e para o Norte do Danúbio. Mantiveram com o Império Romano uma luta longa e cruel até que foram absorvidos pelos Godos.
- 96 — A Hircânia é uma região do Cáucaso, a Sul do Mar Cáspio, limitada pela Pártia e pela Média. A bravura dos tigres da Hircânia já fora lembrada por Dido ao lamentar a dureza do coração do fugitivo Eneias: *...duris genuit te cautibus horrens / Caucasus, Hyrcanaeque admorunt ubera tigres* (*Aen. IV, 366-367*). Também Lucano, na *Farsália* (I, 327-328) fala dos ferozes tigres das florestas da Hircânia.
- 99-101 — Estes vocativos interpretam bem a esperança que os Portugueses depositavam em D. Sebastião. Mais uma vez nos vem à mente Camões na dedicatória dos *Lusiadas* a D. Sebastião, especialmente neste passo: *Não menos certíssima esperança / De aumento da pequena Cristandade* (*Lusiadas, I, 6*).
- 99 — *Lux Hesperiae* — Aqui, Hespéria significa Portugal. Os Romanos chamavam Hespéria à Hispânia, enquanto os Gregos, e o próprio Virgílio, designavam por aquele nome a Itália. Há um verso na *Eneida* que pode ter sugerido este: *O lux Dardaniae! spes o fidissima Teucrum!* (*Aen, II, 281*).
- 100 — *Lysiadum insigne decus* — Também em Virgílio há uma expressão semelhante: *Proximus ille, Procas, Troianae gloria gentis* (*Aen. VI, 767*).

OBRA POÉTICA DE DIOGO MENDES DE VASCONCELOS 171

101 —Aplica-se a D. Sebastião parte de um verso de Virgílio: *Troius Aeneas, pietate insignis et armis* (*Aen.*, VI, 403). É um sinal de honra alguém ser comparado com os heróis antigos.

102-105 — Para exprimir a firmeza do poderio de D. Sebastião, Vasconcelos recorre a um processo clássico: apelar para a estabilidade dos astros regidos por leis fixas e imutáveis. Esta passagem é imitação evidente de dois passos de Virgílio. Na *Eneida* (X, 215-216) fala-se de Febe, a deusa da Lua, em termos afins: ...*almaque curru / noctiuago Phoebe medium pulsabat Olympum*. Mais evidente é ainda a presença do *canto I da Eneida, versos 607-609*, pois além da sugestão de fundo, copia-se por inteiro um verso que Eneias dirigiu a Dido:

*In freta dum fluuui current, dum montibus umbrae
Lustrabunt conuexa, polus dum sidera pascet,
Semper honos, nomenque tuum, laudesque manebunt.*

Este último verso, transcrito por Vasconcelos, também não foi composto por Virgílio para a *Eneida*. Foi buscá-lo a uma das suas composições anteriores, a *Bucólica V (verso 78)* em que é aplicado a Dáfnis.

106 — *O illam mihi si tribuant...* —Esta condicional, seguida da resolução enunciada no verso 110 e seguintes, não pode deixar de nos sugerir a última frase dos *Lusíadas* (X, 155-156):

*Se me isto o Céu concede, e o vosso peito
Dina empresa tomar de ser cantada*

Fico que em todo o mundo de vós cante

Numina — Referindo-se a Deus, encontramos em Vasconcelos expressões que eram usuais na religião pagã: aqui *Numina*, no verso 74 *Superi*, adiante (109) *Tonanti*. *Numen* era o sinal de consentimento dado pelos deuses, especialmente por Júpiter (de *nuo*; cf. port., *anuir*). Passou depois a significar a própria divindade. *Tonans* (o deus do trovão) designava também particularmente Júpiter.

Apesar do seu conteúdo pagão, estas palavras eram queridas dos humanistas cristãos. Note-se, porém, que eles não eram inovadores nesta matéria. Os primeiros poetas cristãos — Comodiano, Juvenco e mesmo Prudência e Santo Ambrosio — não desdenharam

cristianizar estas expressões. O próprio Breviário Romano, que é oração oficial da Igreja, ainda hoje as conserva.

Eis alguns exemplos que nos foram ocorrendo e que têm o mérito de provar também que nem todo o latim litúrgico é de inferior qualidade.

1) O Hino de Laudes de 11 de Outubro, festa da Maternidade Divina de Maria, escrito em dimetros iâmbicos, começa por esta estrofe :

*Te, Mater alma Numinis,
Oramus omnes supplices,
A fraude nos ut daemonis
Tua sub umbra protegas.*

Aqui vemos *Numen* aplicado directamente a Cristo. O primeiro verso (o que mais nos interessa) poderíamos traduzi-lo assim: «Santa Mãe do *Redentor*». De facto, aqui, *Numen* nem por Divindade se deve traduzir, porque Maria pode ser chamada Mãe de Cristo, mas não *Mãe da Divindade de Cristo*, pois que a Virgem-Mãe apenas forneceu ao Redentor a sua natureza humana.

Também no Hino de Matinas da festa de S. José, 19 de Março, aparece *Numen*, mas aqui já poderá traduzir-se, simplesmente, por Divindade. Citamos a estrofe porque está escrita num ritmo mais rico, o sáfico menor, e porque nela aparece outra palavra de sabor clássico—*Vates*— aplicada aos profetas do Antigo Testamento:

*Tu Redemptorem stabulo iacentem,
Quem chorus Vatum cecinit futurum,
Aspicias gaudens, humilisque natum
Numen adoras.*

2) *Tonans* aparece directamente referido a Deus Pai no Hino de Laudes de Sexta-feira (*Per annum*):

*Aeterna caeli gloria,
Beata spes mortalium
Summi Tonantis Vnice,
Castaeque proles Virginis:*

Já Santo Agostinho interpretara o sentido desta aplicação, no Comentário ao Salmo 66, n.º 8 : *Time tonantem et excipe pluentem* — o que é um modo paralelístico de referir as obras de Deus. Esta transpo-

OBRA POÉTICA DE DIOGO MENDES DE VASCONCELOS 173

sição era fácil de fazer, pois o Cântico de Ana, que se lê em Laudes de Quarta-feira (II esquema) tem este versículo : *Dominum formidabunt aduersarii eius: et super ipsos in caelis tonabit* (/ Reg. //, 10).

3) A festa de S. José, no Hino de Vésperas, composto de estrofes asclepiadeias (A) — três asclepiadeus menores e um glicónico — oferece-nos também um exemplo da cristianização de *Superi*, dando-lhe o sentido de Anjos e Santos:

*Post mortem reliquos sors pia consecrat,
Palmanque emeritos gloria suscipit:
Tu uiuens, Superis par, frueris Deo,
Mira sorte beator.*

Já agora, lembremos que este mesmo hino cristianiza ainda outro termo da religião pagã — *Flamen*, sacerdote de um culto particular — aplicando-o ao Espírito Santo, na execução da sua propriedade de santificador :

*Almo cum tumidam germine coniugem
Admirans, dubio tangeris anxius,
Afflatu superi Flamini Angelus
Conceptum puerum docet.*

Considerações semelhantes se poderiam fazer para *Styx*, *Auernus*, *Tartara*, etc.

109 — Além do comentário já feito a *Tonanti* (//, 106) note-se que transparece aqui o sentimento religioso de gratidão a Deus pelas vitórias alcançadas.

112 — *Me uate* — Vê-se que Vasconcelos se propõe ser o cantor dos feitos de D. Sebastião. Esta breve expressão encontra-se, em sentido um pouco diferente em Horácio (*Epod. XVI, 66*): *Piis secunda, uate me, datur fuga*.

113 — Há em Virgílio (*Georg. III, 351*) uma terminação semelhante à deste verso: *Quaque redit medium Rhodope porrecta sub axem*.

114-115 — Estes dois versos têm grande beleza interna e rítmica, aliada à tonalidade épica.

114—*Qua* é um advérbio várias vezes usado por Vasconcelos em situações idênticas à deste verso. O seu significado latino é predominantemente de «lugar por onde», mas tem também valor de «lugar

donde» e de «lugar onde». Torna-se por vezes difícil traduzi-lo, pois que precisaríamos de uma locução portuguesa bastante comprida para equivaler a este monossílabo latino. Por isso, às vezes fugimos, aparentemente, ao seu significado rigoroso (adiante 154-155).

Tartessiacas — Refere-se à cidade de Tartessos, que se sabe ficar perto da foz do Guadalquivir, mas que os arqueólogos não têm conseguido identificar. Confunde-se por vezes com Cádiz, que deve ter herdado a sua preponderância.

Titan — Equivale a Oceano, que era um Titã, filho de Urano e de Gê.

115 — O final deste verso encontra-se em Virgílio (*Bue. X, 68*): *Æthiopum uersemus oues sub sidere Cancri.*

117-121 — O final da saudação a D. Sebastião é cheio de religiosidade e ternura. O vocabulário, todo ele seleccionado com elegância e felicidade, é muito sugestivo.

117 — *Diui* é palavra também tirada do vocabulário religioso pagão. Quanto ao sentido, é equivalente a *Superi* (cf. II, 74, 106).

118 — *Moderator Olympi* é uma perífrase para dizer *Deus*. Note-se o valor das duas palavras: *Moderator* indica que Deus governa o mundo, como ser inteligente que é; *Olympus* está em vez de Céu. O Olimpo é a parte mais alta de um conjunto de montanhas a Nordeste da Tessália. Está quase sempre coberto de neve e, a partir de Homero, os Gregos e Romanos consideraram-no como a morada dos deuses.

Há aqui uma sugestão clássica. Virgílio escreve: *Haud pater ille uelit summi regnator Olympi* (*Aen. VII, 558*). A cristianização do Olimpo encontra-se também aceite pela Liturgia. Na festa de S. João Baptista canta-se, em Vésperas, esta estrofe sáfica:

*Nuntius celso ueniens Olympo,
Te patri magnum fore nascitur um,
Nomen et uitae seriem gerendae
Ordine promit.*

119 — Sobre o sentido de *annuat*, ver II, 106.

120 — *Aurea saecula* — Para os latinos, Saturno presidia à *idade do ouro*, cheia de todas as felicidades. O sonho dos homens foi sempre voltar a esses tempos de prosperidade. Virgílio exprime belamente este pensamento na *Bucólica IV, versos 4-10*. Vasconcelos servir-se-á

OBRA POÉTICA DE DIOGO MENDES DE VASCONCELOS 175

mesmo, adiante (XXVIII, 8), de palavras equivalentes a este verso do Mantuano: *lam redit et Virgo, redeunt Saturnia regna* (Bue. IV, 6).

Aqui, Vasconcelos deve ter tido em mente o *Canto VI da Eneida*, (791-794) em que se faz o elogio do Imperador Augusto nestes termos :

*Hic uir, hic est, tibi quem promitti saepius audis,
Augustus Caesar, Diuum genus: aurea condet
Saecula qui rursus Latio, regnata per arua
Saturno quondam.....*

Era uma honra para D. Sebastião esperar-se dele o que de Augusto fora profetizado a Eneias.

122-132 — Começa aqui a segunda parte da composição, sendo estes dez versos um exórdio sobre o conselho que Vasconcelos deu ao jovem Rei. Apesar de descritivos, são de grande beleza. Nota-se bem o sentimento de saudade e tristeza que invade o Autor.

122 — *Cecini quondam* — Assinala-se a mudança e a passagem do tempo. A primeira parte fora escrita antes da batalha de Alcácer Quibir; esta, depois.

123-124 — Encontram-se na *Eneida* (II, 88-90) os versos que com certeza inspiraram estes:

*Dum stabat regno incolumis, regnumque uigebat
Consiliis; et nos aliquod nomenque decusque
Gessimus*

125 — Apesar de se aplicar concretamente a Portugal, o final deste verso encontra paralelo em Virgílio: *...super et Garamantas et Indos / proferet imperium* (Aen. VI, 794-795).

126-127 — *Ad sidera nomen aurea... ferrent* é uma expressão que, com pequenas variantes, Vasconcelos usa mais vezes (II, 145-146, 273; IV, 51, 78-79). Não é, porém, original. Virgílio também a empregava, com leves modificações: *ferit aethera clamor* (Aen. F, 140); *sublatus ad aethera clamor* (Aen. II, 338); e, mais próximo ainda, este passo que há-de ser imitado, mais de perto, adiante (II, 273): *penitusque cauae plangoribus aedes / femineis ululant, ferit aurea sidera clamor* (Aen. II, 487-488). Igualmente está vizinha de Vasconcelos (IV, 51) esta expressão de Virgílio (Aen. VII, 98-99): *nostrum / nomen in astra ferent*.

- 128 — A *Eneida* (II, 20) tem um final de verso parecido com este: *uterumque armato milite complent. Classem* deve traduzir-se aqui por *contigente militar* e não apenas por *armada*, doutro modo falar-se-ia a seguir de *nauta* e não de *miles*. Os termos militares que se usam a seguir, muitos e variados, não têm sempre o mesmo sentido rigoroso. Procurámos saber qual a constituição exacta do exército que se deslocou a Alcácer Quibir e a partir daí estabelecemos as equivalências, como apontaremos a seu tempo.
- 130 — *Magnumque Atlanta* — Ovídio diz que Atlas teve um fim desastrosado. Negou hospitalidade a Perseu e por isso Júpiter transformou-o numa montanha. Aqui, Atlas designa as montanhas que começam perto do Oceano Atlântico e seguem ao longo da costa mediterrânica, isto é, o Norte de África contra o qual D. Sebastião preparava a guerra.
- 131 — *Accessi— Vim*. O sentido rigoroso deste verbo leva-nos a concluir que Vasconcelos estava em Lisboa ao escrever esta segunda parte da poesia.
- Testor* usa-se nas fórmulas de juramento. No caso presente explicitamente se invoca a Deus (*Numina*, cf. II, 106) como testemunha.
- Há em Virgílio um verso que começa assim (*Aen. VIII, 164*): *Accessi, et cupidus Phenei sub moenia duxi*. A fórmula de juramento é também virgiliana: *Tango aras, mediosque ignes, et numina testor* (*Aen. XII, 201*).
- 133-134 — Alude-se aqui aos aliados que D. Sebastião tinha entre os Mouros e de quem esperava apoio. Adiante (II, 280-283) resumiremos as circunstâncias históricas que esclarecem estes versos.
- 137 — A maior responsabilidade da expedição cabe, sem dúvida à obsessão do Rei. Os validos, certamente por falta de coragem, não contrariavam os sonhos de D. Sebastião. Vasconcelos, nobremente, levanta-se contra eles.
- 138-139 — Toma mesmo a liberdade de enfrentar a impetuosidade sonhadora do Monarca. Pensamentos semelhantes são expressos por Lucano, na *Farsália* (I, 21): *Si tantus amor belli*, e por Virgílio na *Eneida* (VI, 133): *Quod si tantus amor menti, si tanta cupido est*.
- 140-141 — *Dulci sine prole* é expressão de gosto clássico (cf. Horácio, *Epod. II, 40: dulces liberos*).
- 142-145 — Vasconcelos faz coro com os familiares do Rei — o Cardeal D. Henrique e a Rainha-Avó D. Catarina, que veio a falecer a 12 de Fevereiro de 1578 —, com o Conselho Régio e com o povo em geral.

OBRA POÉTICA DE DIOGO MENDES DE VASCONCELOS 177

145-146 — *Clamor ad auras sublatus* — cf. II, 126-127.

147 — Aos argumentos expostos, D. Sebastião respondeu, como se vê adiante (278-279), que a resolução de partir era inabalável. Então Vasconcelos continua, aconselhando a que se prepare um poderoso exército.

Immo age introduz uma insistência no conselho que não era favorável, como quem diz: *Ao menos...* Virgílio também começa um verso pelas mesmas palavras (*Aen. I, 753*).

149 — *Numidisque ferocibus* — A Numídia era uma região da África, equivalente à actual Argélia, célebre pelos seus soldados aguerridos e pelos seus velozes cavalos. (Cf. nova referência à bravura dos Númidas, adiante, II, 269-271).

151-152 — Expõe-se aqui uma opinião que vai ser desenvolvida nos versos 153 a 241. Quase podíamos saltar daqui para o verso 242, que o sentido pouco perderia. Ficaríamos, porém, defraudados da magnífica descrição de Portugal que se faz nestes 88 versos.

153 — *Signa canant* poderia traduzir-se por *toquem as trombetas*, como é de uso na linguagem bélica clássica, mas pareceu-nos melhor uma expressão genérica que incluísse pregões e editais de mobilização geral.

154-155 — Sobre o valor de *qua* e dificuldade de o traduzir aqui, ver atrás (II, 114).

Minius... uadis — Para comentar a propriedade dos termos aplicados a cada terra, rio, serra ou região mencionada por Vasconcelos, precisaríamos de conhecer bem quase todo o Portugal.

Limica rura — *Ponte do Lima*. Para os nomes latinos dados à geografia de Portugal, o próprio Vasconcelos veio em nossa ajuda, deixando no princípio (fl. 3 e ss.) do *De Antiquitatibus Lusitaniae* (1593) a tradução correspondente. Evidentemente que seguimos à risca as equivalências do Autor, embora saibamos que hoje em dia os estudiosos da arqueologia, por vezes, diferem bastante da opinião de Vasconcelos. (Cf. como caso extremo, Mário Saa, *As grandes vias da Lusitânia, O Itinerário de Antonino Pio*, Lisboa, 1956).

Lethaeas Belion... arenas — É Estrabão que dá ao rio Lima o nome de *Belion*. Adiante (II, 231-234) explica-se porque é que também foi chamado *Letes*.

158-160 — Das cidades do Norte é o Porto que merece uma referência mais longa. Vasconcelos aproveitou para expor a sua opinião sobre a origem do nome de Portugal, com a qual nem todos concordavam no seu tempo.

- 162 — *Siculae messi* — A Sicília era célebre pela sua fertilidade em cereais, vinho e mel.
- 163^a — *Agmina* — Precisáramos duma História Militar de Portugal que especificasse qual a *arma* a que pertenciam as guarnições das diversas cidades no tempo de D. Sebastião, para fazer a tradução exacta (no sentido da técnica militar) desta e doutras expressões seguintes. Hoje os regimentos de cavalaria dividem-se em esquadões; os de infantaria, em batalhões; e os grupos de artilharia, em baterias. A tradução que fazemos tem, para o tempo, um sentido aproximado.
- 163M67 — Os habitantes da zona do Marão deveriam gostar de ler esta pitoresca descrição da sua bravura.
- 165 — O vocativo intercalar e o sentido aproximam este verso de Virgílio, na *Eneida* (VII, 797-798): *Qui saltus, Tiberine, tuos, sacrumque Numici / litus arant...*
- 166-167 — *Saltibus* — A evolução do sentido desta palavra partiu do significado inicial de *salto* para o de *desfiladeiro* e finalmente *bosque*. Actualmente já não há no Marão florestas densas em que se criem ursos e javalis.
- 171 — Alusão à luta heróica dos Lusitanos contra o poderio romano, representado por Paulo Emílio que matou Viriato.
- 173-174 — Mencionam-se vários rios, mas só o Mondego mereceu carinho especial. É que Vasconcelos estudou em Coimbra! É encantador o realismo deste verso. Camões começa assim a *Canção IV*:

*Vão serenas as águas
Do Mondego descendo
Mansamente, que até o mar não param.*

- 175-176 — A cidade do Mondego é também objecto de referência afectuosa. Já então Coimbra era a terra da poesia. Muitos dos nossos principais poetas d.o Renascimento estudaram aqui, como Sá de Miranda, António Ferreira e Luís de Camões, sendo estes dois pouco mais novos que Vasconcelos.
- 177 — A ideia fundamental deste verso é tratada por Vasconcelos mais duas vezes (II, 210; IV, 65) de forma mais próxima do verso de Virgílio que lhe serviu de modelo: *At patiens operum paruoque assueta iuuentus* (*Georg. II*, 473). Note-se que o Mantuano deve ter gostado deste verso, pois o repetiu na *Eneida* (IX, 607).

OBRA POÉTICA DE DIOGO MENDES DE VASCONCELOS 179

- 184 — Na terminação deste verso há uma adaptação de Virgílio: *...pedibus celerem et pernicipibus alis* (*Aen. IV, 180*).
- 185 — O *Zéfiro* é um vento do Oeste, que sopra suavemente, mas agita e dá vida a árvores e frutos. Este verso apresenta uma alteração significativa no *Corpus Poetarum*, que já comentámos na *nota preliminar*, p. 84.
- 186 — *Almourol* é hoje um velho castelo, situado num ilhéu, na margem do Tejo, no concelho da Barquinha. Já existia no tempo dos Romanos. Vasconcelos diz que foi edificado por Bruto Calaico (Décimo Júnio Bruto), proconsul da Hispânia Ulterior, que derrotou os Galegos cerca de 138 a. C. e pacificou grande parte da Lusitânia. D. Gualdim Pais, Mestre dos Templários, reedificou o castelo em 1160. A importância militar da região ainda hoje é grande, pois ali perto, em Tancos, estão instalados o Batalhão de Caçadores Paraquedistas e a Escola Prática de Engenharia.
- 187 — *Fraxineaeque manus* — Estranhámos que Vasconcelos mencione Alpalhão, aldeia do distrito de Portalegre, quando se omitem terras que, perto desta, tinham maior valor militar, como Nisa, Crato, Avis, etc..
Vasconcelos chama *Arabrica* à região de Alenquer. A edição de *Roma* escreveu *Arabica* e o mesmo erro é repetido pelo *Corpus Poetarum*, sinal de que este depende daquela.
- 188 — A *Eburobritium* ou Évora de Alcobaça se refere Vasconcelos também no *De Municipio Eborensi*, para dizer que deve ter sido fundada, assim como a cidade de Évora, pela tribo dos Eburões belgas ou dos povos eburonenses da Gália céltica. Mário Sá identifica *Ebora* com *Leiria* e *Britium* com Alfeizerão.
- 190 — Há um verso parecido com este, em Virgílio: *Mox et Leucatae nimbose cacumina montis* (*Aen. III, 274*).
- 192-204 — Após a citação de terras do centro do País, vem agora o elogio, em estilo mais vivo que o dos versos imediatamente anteriores, das povoações marinhas.
- 192—*Tot egregias urbes* parece-nos exagero. Achamos que esta distinção so cabe, verdadeiramente, a Lisboa e Setúbal, a seguir mencionadas. Neste caso Vasconcelos apenas copiou o princípio de um verso de Virgílio: *Adde tot egregias urbes, operumque laborem* (*Georg. II, 155*).
- 193 — *Qua Munda* — Velada referência à Figueira da Foz, pois é aí que as águas do Mondego se começam a misturar com as do mar.

194 — Belíssimo verso, de puro sabor clássico, mas que julgamos inteiramente original.

Lympha, termo poético que significa *água límpida*, tem sido relacionado com *νύμφη*, ninfa, isto é, divindade *casada* com as águas.

195-200 — Em poucos versos temos aqui um elogio da Capital, baseado primeiro na história (195-197) e depois na grandeza, vida e riqueza da Lisboa quinhentista (198-200). Alguns elementos já foram utilizados em I, 1-45 e II, 29-32.

195-197 — *Emula Romae-TaX* como Roma, também Lisboa está edificada sobre colinas. Julgamos, porém, que a *emulação* a que Vasconcelos se refere diz respeito ao prestígio de Lisboa, como cidade cosmopolita. Cf. *comentário* aos versos 27-45, ao tratar da divisão de I.

Thebis — Durante vários séculos foi Tebas a capital do antigo Egipto dos Faraós. «Não há na terra lugar algum, diz Diimichen, em que encontremos como aqui tantos restos de colossais monumentos da Antiguidade reunidos num mesmo sítio».

Ao comparar Lisboa com Roma e Tebas, Vasconcelos toma certo alento épico.

198-200 — Julgamos que estes três versos se referem exclusivamente a Lisboa e não às outras terras mencionadas anteriormente. Por isso substituímos, na tradução, o ponto final do verso 197, existente em todas as edições latinas, por uma vírgula. Só assim fica posta em relevo a numerosa e variada população de Lisboa, bem como o seu valor naval. Além disso, se se referissem às outras terras marinhas, deveriam estar depois da menção de Setúbal.

201-204 — Elogio de Setúbal, um pouco mais desenvolvido que em I, 52-54, embora utilizando elementos comuns. Estes quatro versos são de uma grande perfeição técnica. É possível que Vasconcelos se tenha esmerado neles, em homenagem à terra de sua mãe e de outros membros da sua família, onde ia passar férias, como nos diz em X, 2.

201 — *Arma uirosque* — Este começo lembra o princípio da *Eneida* (I, 1): *Arma uirumque cano...*

Ratibus — Tivemos bastante perplexidade em nos decidirmos se *ratibus* é um ablativo de qualidade referente a *ferox* (conforme traduzimos) ou se antes é um «instrumental», dependente de *arma, uirosque*. Neste caso a tradução d.o verso seria bastante diferente. Apesar de não nos parecer a que interpreta melhor o pensamento do Autor, aqui a deixamos: «Que a brava Setúbal mande armas e

OBRA POÉTICA DE DIOGO MENDES DE VASCONCELOS 181

homens com os seus navios». Setúbal tem motivos para se mostrar orgulhosa dos seus navios. No *De Antiquitatibus Lusitaniae* fala-se da abundância de peixes e da presença contínua de navios, mesmo estranhos, nas águas de Setúbal. Dali partiu a armada de D. Afonso V, à conquista de Alcácer Ceguer.

202 — *Iaspide murus* — Em I, 53 chamam-se os habitantes de Setúbal *iaspidum colonos*; aqui diz-se que as suas muralhas são de *rutilante jaspe*. Para esclarecer este ponto consultámos várias pessoas. Fomos informados de que não há jaspe na região de Setúbal. Por outro lado, o jaspe — pedra siliciosa, colorida em manchas — é um calcáreo e Vasconcelos pode ter dado este nome ao mármore da vizinha serra da Arrábida, que foi largamente utilizado nas construções de Setúbal.

Da muralha antiga, construída nos reinados de D. Afonso IV e de D. Pedro I — informa-nos o arqueólogo Dr. José Marques da Costa — existem apenas, actualmente, duas portas, além dos alicerces. A cinta de muralhas mais recente é já do tempo de D. João IV. É possível que na construção da velha muralha se tivesse utilizado, em boa parte, o mármore da Arrábida.

No *De Antiquitatibus Lusitaniae* diz-se que na cidade antiga havia um templo romano com uma inscrição gravada numa pedra quadrada de jaspe branco.

203 — Também este verso nos trouxe dificuldades. *Raraque... stagna*

— Em si, *stagnum* designa a água saída de um rio ou do mar e que *está* tranquila, num lago. Perguntámos, portanto, se em Setúbal teria havido lagos. Foi-nos respondido pelo mesmo ilustre Arqueólogo que a configuração do terreno, a toponímia e a tradição confirmam a existência desses lagos na época de Vasconcelos, correspondendo à actual praça de Bocage, antigamente chamada do Sapal, à do Sapalinho e ao actual Parque do Bonfim. Ainda recentemente, quando da construção da estacaria sobre que assenta o edifício da Escola Técnica, as sondas trouxeram à superfície valvas de moluscos marinhos.

Apesar destas informações, na incerteza de que Vasconcelos realmente se quisesse referir a *lagos raros*, resolvemos ater-nos aos lugares paralelos : — em I, 54 fala-se apenas da *baía do mar piscoso*

— *Piscosi sinus... profundi* e no *De Antiquitatibus Lusitaniae* há apenas referência à abundância de peixe, sem qualquer menção de lagos. Tomamos portanto a palavra *stagnum* no sentido genérico de *água*. Quanto a *rarus*, metaforicamente tem o valor de *xímio*, *precioso*.

- Piscosi... profundi* — Poderíamos traduzir, tanto aqui como em I, 54, por «de fundo rico em peixes». Porém, *profundum* é usado frequentemente pelos poetas para designar o *mar*. *Piscoso* é um adjectivo de largo uso, com o qual já Homero qualificava o mar.
- 204 — *Callipodis* — O nome *Sado* — que Vasconcelos ainda escrevia com a forma *Çadam* — é de origem árabe. Os Romanos chamavam-lhe *Calipolis* ou *Calipus*, nome de proveniência grega que parece significar «bela cidade» no primeiro caso, ou «rio de bela enseada», no segundo.
- 206 — *Merobrigaeque* — A forma errada *Meroarigaeque*, que aparece na edição de *Roma*, é repetida pelo *Corpus Poetarum*, outro sinal de que este depende daquela (cf. II, 187).
- 207 — Campo de Ourique dá ocasião a que se anote a riqueza pecuária do Alentejo. O verbo *tondo* aparece nas *Geórgicas* (I, 15) aplicado a bezerros brancos, e na *Eneida* (III, 538) referido a cavalos brancos — verso este já por nós transcrito a outro propósito (II, 38).
- Turdulus* — Os Túrdulos, cuja capital era Córdova, ocupavam a Bética, parte da Lusitânia e a região marítima do Tejo ao Douro.
- 208 — Além da variante *montis*, da *Vita Gondisalui*, que nos parece ser uma «gralha», há a notar a diferença de pontuação. O *Corpus Poetarum* suprime aqui a interrogação para a colocar no fim do verso 211, enquanto as outras edições, depois de *hostes* (211) têm ponto final.
- 210 — Sobre as influências clássicas neste verso, ver II, 177.
- 213 — Note-se como Vasconcelos não perde ocasião de se referir à arqueologia e à história antiga, em que era muito versado.
- 214 — Não identificamos a expressão *Annibalis portus* porque o próprio Autor não sabia se os antigos a referiam a Alvor ou a Portimão.
- 215 — Eis outro verso belo, original, característico da arte de Vasconcelos.
- 219-220 — Perfeita integração no vocabulário virgiliano: cf. *Georg. I, 44: putris se gleba reso luit; Georg. I, 46: sulco attritus splendescere uomer.*
- 221 — A menção de Évora acende o entusiasmo de Vasconcelos. Por isso, em vocativo, se dirige ao Rei a quem se supõe a dar o conselho. O qualificativo *felix* aparece outra vez aplicado aos campos de Évora (X, 3).
- 224-241 — Os últimos versos da descrição de Portugal são dedicados ao Alto Alentejo, donde Diogo Mendes de Vasconcelos era natural. Talvez por isso se demore um pouco mais e comece com uma alusão ao valor guerreiro das suas terras.

OBRA POÉTICA DE DIOGO MENDES DE VASCONCELOS 183

- 225 — *Urbes* designa, segundo os modelos clássicos, cidades, vilas e aldeias. Aqui aplica-se nomeadamente a Portalegre, Eivas e Marvão.
- 226 — *Heluiaque... insuperabilis armis* — O epíteto aplicado a Eivas é altamente elogioso. De facto, Eivas conta grandes fastos militares, mesmo antes da batalha de Linhas de Eivas (14-1-1659), e gaba-se de nunca ter sido tomada nas guerras a que, como terra fronteiriça, constantemente esteve sujeita.
- 228-229 — O quadro torna-se mais realista e colorido. Ainda hoje Eivas tem uma unidade de Cavalaria de que muito se orgulha — o Regimento de Lanceiros n.º 1.
- 230 — A *Vetónia* ou país dos Vetoes era uma região que ocupava o Nordeste da Província romana da Lusitânia, incluindo a área entre o Douro e o Tejo, mas do lado oriental. *Anae proxima* — O Guadiana passa, de facto, a Oeste de Badajoz e a poucos quilómetros de Eivas. Naquela zona, a fronteira é delimitada primeiro pelo Caia e depois pelo próprio Guadiana.
- 231-234 — No *De Antiquitatibus Lusitaniae* dá-se um pouco mais de desenvolvimento à origem de Eivas. Aí se diz que os Celtas são originários da Gália. Estabeleceram-se depois na Corunha e também ao Sul, entre o Tejo e o Guadiana. Conta Estrabão que, quando os Celtas vinham contra os seus inimigos, se deu uma dissensão entre eles junto do rio Lima. Uma das facções perdeu o seu chefe na refrega e os que sobreviveram à derrota foram abandonados. Então estes passaram a chamar ao Lima «rio do esquecimento» — *Lethes*. (Cf. II, 154-155).
- 235 — A Portalegre, capital do Alto Alentejo, dedica Vasconcelos apenas este verso, designando-a por *Amaia*. Se a velha Amaia foi ou não a antepassada de Portalegre é questão discutida. D. Frei Amador Arrais, Bispo da cidade, diz que ela foi edificada com os materiais da antiga *Medobriga*, actual Aramenha, de que se fala no verso seguinte.
- 236-241 — Versos consagrados à zona que constitui o actual termo de Marvão. No sopé do morro, para Ocidente, estendeu-se, durante a dominação romana, a cidade de Medóbriga. A alusão às minas de chumbo condiz com a tradição ainda guardada na vizinha povoação da Escusa, hoje nomeada pelos seus fornos de cal preta.
- 237-239 — Talvez só possa avaliar o realismo destes versos quem já viveu em Marvão. Esta vila altaneira, no período invernal, é intensamente dominada por nevoeiros e, por vezes, o sol só aparece

(quando aparece) ao meio dia. Por outro lado, acontece também estar o cimo do monte iluminado pelo sol e, nos vales em redor, fortes nevoeiros impedirem por completo a visibilidade.

Também a referência ao vasto horizonte que se desfruta do cume do vetusto castelo de Marvão é cheia de realismo. Em dias de boa visibilidade, além das vizinhas terras de Espanha — Albuquerque e Valência de Alcântara — e das terras do concelho, o olhar espraia-se para Castelo de Vide, Nisa, Abrantes, Castelo Branco, Serra da Gardunha e até à Serra da Estrela — a «Serra da Neve», como lhe chama o povo marvanense.

240 — O nome de Herminio aplica-se não ao cabeço de Marvão, mas a um monte próximo, a caminho da fronteira espanhola, perto de Galegos. Vasconcelos cita duas fases da evolução de Herminium:

— Armenium e Aramenium. Deste último deriva a actual forma Aramenha, nome da freguesia onde outrora existiu Medóbriga.

242-253 — Com o verso 241 terminou a descrição pormenorizada de Portugal. Agora, em 11 versos, faz-se como que um resumo de quanto se disse nos versos 153-241, apresentando, globalmente, Portugal com a disposição de batalhar pelo seu prestígio. O estilo retoma o vigor das tiradas épicas.

242 — Pensámos primeiro que a expressão *en tibi regio* se referia à *província* do Alentejo. Dificuldades de ordem histórica surgem, porém, nos versos seguintes, para se poder interpretar assim este passo. Normalmente, a palavra *regio* deveria traduzir-se por *província* e no século xvi esta versão seria aceitável, mesmo referindo-se a Portugal inteiro. A obra de Gil Vicente traz no *Auto da Lusitânia* uma rubrica em que se afirma que Lusitânia é filha do Sol e de Lisibeia e «que foi deusa e senhora desta província». Hoje, porém, prestava-se a confusão. Preferimos, por isso, o sentido acomodaticio de *rincão*, porque este vocábulo, contendo a ideia de pequena parte, dá margem a que se pense que D. Sebastião tinha prontos para o servir não só os guerreiros da *província* de Portugal continental (hoje dividido, administrativamente, em várias *províncias*), mas também os das *províncias ultramarinas* — da África, Ásia, América e Oceânia. A Metrópole fica assim reduzida, verdadeiramente, a um *rincão* de Portugal.

243 — Ao chegar a Cartago, Eneias dirige a Dido um primeiro discurso em que informa que se dirige para a Itália. Aí vem um verso (*Eneida*, I, 531) em que se diz que a Hespéria é *terra antiqua, potens*

OBRA POÉTICA DE DIOGO MENDES DE VASCONCELOS 185

armis at que ubere gleba. É evidente que Vasconcelos se inspirou neste verso de que copiou algumas palavras. Soube, porém, fazê-lo com arte e deu-lhe desenvolvimento. A forma *glebae*, que se encontra na *Vita Gondisalui* e na edição de *Roma*, foi substituída no *Corpus Portarum* por *gleba*, certamente para melhor se estabelecer o paralelo com Virgílio.

244 — Este verso enquadra-se perfeitamente no estilo empolado e analítico com que se pretende imitar a ideia virgiliana acabada de citar.

Superos tem perfeito sentido cristão (cf. II, 74 e 106).

245 — Em Virgílio *0Eneida*, IV, 130; VIII, 499; IX, 226) encontra-se a expressão *delecta iuventus*, de que temos aqui uma variante.

Caerula ponti — Beleza e sabor clássicos desta expressão. Em

Catulo (XXXVI, 11) lê-se: *Nunc, o caeruleo creata ponto.*

246-247 — Estes dois versos, originais e de perfeita construção latina, lembram a épica camoneana (*Lusiadas*, I, 50):

*Os portugueses somos do Ocidente,
Imos buscando as terras do Oriente.*

Ainda mais heróica é a imagem em que se força o Ganges a servir o Tejo.

249 — *Factis... ingentibus* — Lembra também expressões do nosso épico, como : *aqueles que por obras valorosas* (*Lusiadas*, I, 2) e similares.

250 — Tal como no verso 221, temos uma apóstrofe a D. Sebastião, o que dá mais força ao estilo e prende a nossa atenção.

252 — *Anni caelique uias* — Endíades para designar os trópicos.

253 — O final deste verso, que também tem acento épico, encontra-se em Virgílio (*Aen. III, 97*): *Hic domus Aeneae cunctis dominabitur oris.* Com esta tirada heróica termina Vasconcelos a sua exposição sobre as terras onde deveria o Rei recrutar o exército.

255 — Dos vários processos de exprimir o imperativo negativo em latim este é o menos elegante. Contudo, Vasconcelos não está só. Virgílio usa-o também (*Aen. III, 316*).

258 — Na terminologia militar usa-se frequentemente a expressão *equites peditesque* para designar todo o exército. Horácio emprega-a até no sentido de povo romano em geral (*Art. Poet.* 113).

261 — O ablativo absoluto *te bellante* lembra-nos a invocação a Apolo em que, na *Eneida* (VI, 59), se encontra a expressão *duce te* dirigida a este deus.

- 265 — O princípio deste verso encontra-se em Virgílio. Ao aportar Eneias na África, Vénus diz-lhe: *Punica regna uides...* (*Aen.* I, 338).
- 266 — O termo *magalia* aparece também várias vezes na *Eneida* (I, 421 ; IV, 259). Esta palavra, que não é de origem latina, foi recentemente estudada por Juan Alvares Delgado nos *Cuadernos Canários de Investigación* (cf. *Revista Portuguesa de Filologia*, II, 309-311 [Coimbra, 1948]). Com ela está relacionado o guanche «campesino, rústico». Tem a sua origem no ambiente dos agricultores líbicos. O significado estabelecido por J. A. Delgado é: «cabana rústica coberta de palha ou canas, de planta quase circular, própria de arrabaldes e de estabelecimentos agrícolas ou pastoris. Este significado adapta-se perfeitamente à *Eneida*, I, 421, onde se diz que do alto de Cartago *miratur molem Aeneas, magalia quondam*.
- 267 — *Atlas* — cf. II, 130. Também este final de verso se encontra, como expressão feita, *maximus Atlas*, na *Eneida*, IV, 481; VIII, 163.
- 269-271 — Estes três versos revelam um curioso processo de trabalho do seu Autor. Na *Eneida*, IV, 40-43, diz-se: *Hinc Getulae urbes, genus insuperabile bello / Et Numidae infreni cingunt... / ...lateque furentes / Barcaei...* Vasconcelos aproveita uma expressão destes versos (sobre os Númidas), adapta outra (sobre os Gétulos) e cita de modo diferente outra (sobre os Barceus).
- Depois de ter adaptado a referência aos Gétulos, Vasconcelos enriquece-a com outro dado que se encontra na *Eneida*, V, 351, em que se faz menção do feroz leão gétulo: *Sic fatus, tergum Gaetuli immane leonis*. Esta passagem prova que Vasconcelos não só conhecia bem a *Eneida*, mas que também sabia utilizá-la e adaptá-la às suas conveniências. Assim, o verso 271, sendo todo inspirado em Virgílio, está completamente refundido.
- 272-274 — Estes três últimos versos do conselho a D. Sebastião, dão-nos uma visão grandiosa, realista e aterrorizante do que irá ser, no pensar de Vasconcelos, o combate com os Mouros.
- 273 — *Ferientque altis ululatus astra* é expressão visivelmente inspirada em Virgílio, *Eneida*, II, 487-488, conforme já indicámos (cf. II, 126-127). Camões também imitou este passo: *A grita se alevanta ao Céu, da gente* (*Lusíadas*, II, 91).
- 274 — A escolha das consoantes, sobretudo labiais e dentais combinadas com a velar *c*, dá a este verso um alto valor onomatopaico. O ritmo é em dáctilos puros, o que cria a impressão de corrida galopada. Cremos não haver aqui imitação de qualquer outro autor,

OBRA POÉTICA DE DIOGO MENDES DE VASCONCELOS 187

embora Virgílio como Énio também tenham usado onomatopeias célebres. De notar que Vasconcelos emprega simplesmente *cornipedum*, enquanto Virgílio especifica sempre mais: *cornipedum... equorum* (*Aen. VI*, 591), *cornipedes... equi* (*Aen. VII*, 779).

275 — Note-se a simpatia e a saudade (ao escreverem-se estes versos já o Desejado tinha morrido) com que Vasconcelos fala de D. Sebastião.

276 — A segunda parte do verso encontra-se em Virgílio, apenas com a mudança do verbo, como impunha o contexto: *Auditis ille haec placido sic reddidit ore* (*Aen. XI*, 251).

277-278^a — Vasconcelos assinala a estima em que D. Sebastião o tinha. O advérbio *semper* dá a entender que já doutras vezes o Rei lhe tinha pedido parecer.

279 — A expressão *dare uela* encontra-se em Virgílio (*Aen. III*, 9). Mais próximo deste verso é ainda outro passo do Mantuano (*Aen. III*, 683): *...et uentis intendere uela secundis*.

280-283 — D. Sebastião alude a um motivo pelo qual não podia adiar a expedição: um Rei mouro que pedira socorro aos portugueses. Resumamos a situação política esclarecedora deste passo. Em Janeiro de 1574 o xerife Mulei Mohâmede herdara legitimamente o trono de Marrocos. Em 1575, porém, Abde Almélique usurpou-lhe o trono, ficando Mohâmede apenas com algumas cidades e passando então a desenvolver uma política de aproximação com o Rei de Portugal. Em 1577, um aliado de Mohâmede, o seu cunhado Alquerime, entregou mesmo aos portugueses a praça de Arzila. No fim do ano é o próprio Mohâmede que pede o auxílio de D. Sebastião, o qual lhe promete ir pessoalmente encontrar-se com ele, em Tânger, na Primavera de 1578. Entretanto Mohâmede refugia-se em Ceuta, sob a protecção do capitão, o Marquês de Vila Real. Apesar de o Conselho de Estado reunido secretamente para tratar da projectada e prometida expedição, ter sido desfavorável, D. Sebastião mantém-se inabalável.

284-289 — D. Sebastião apresenta outro argumento a seu favor, que é afinal um temerário acto de confiança no valor militar dos Portugueses e na ajuda de Deus.

286 — *Maiores mei* pode referir-se a todos os Reis portugueses que combateram os Mouros, principalmente de D. Afonso Henriques a D. Afonso III, e sobretudo aos que foram pessoalmente à África

— D. João I e D. Afonso V.

- 288 — *Pro... aris* — As *aras* consagravam-se aos deuses *penates*. Como havia também penates tutelares do Império, a expressão *pro aris et focis* significa, muitas vezes, *pela Pátria*.
- 289 — Este verso é imitado de Horácio, com a substituição do nome de Teucro, que foi um combatente grego da guerra de Tróia, irmão de Ájax. Diz Horácio (*l. Carm. VII, 27*): *Nil desperandum, Teucro duce et auspice Teucro*. A Vasconcelos pareceu também imprópria a palavra *desperandum*. Substituiu-a por outra mais conveniente para o caso português e tornou o sentido mais claro introduzindo *est*. Para efeito de métrica não houve complicação, porque neste caso a sílaba final de *formidandum* elide-se antes de *est*, por eclipse. Todavia, parecia-nos preferível a típica concisão horaciana.
- Christo duce* — A *Vita Gondisalui* tem *duce Christo*, o que prejudicava a métrica. Por isso a edição que consultámos na Biblioteca Nacional de Lisboa (cota L. 3 384 A) tem emendado, à mão, para *Christo duce*. É possível que esta emenda seja do próprio punho de Vasconcelos, pois a Pedro de Mariz declara que oferecia aos amigos exemplares das suas obras, emendados das «gralhas».
- 290-295 — Bela exposição sobre o estado de espírito em que Vasconcelos ficou ao ouvir a resposta do Rei: a dúvida da vitória atornentava-o, sinal de que sentia verdadeiro amor à Pátria.
- 290 — Este verso exprime bem o fogo interior. Para este sentimento havia um modelo em Virgílio, que foi em parte apropriado: *...Mihimens iuuenili ardebat amore* (*Aen. VIII, 162*).
- 292 — As palavras estão todas escolhidas com muita propriedade para dar ideia do tormento interior. A beleza deste verso, bem como do seguinte, mostra-nos quanto Vasconcelos possuía o segredo dos recursos da língua latina.
- 294 — Para exprimir a sua insistência com o Rei, o Autor não podia encontrar melhores palavras que as de Dido, quando esta conta como insistiu com Eneias para ficar em Cartago (*Aen. IV, 413*): *Ire iterum in lacrimas, iterum tentare precando*.
- 295 — O adjectivo *ferox* aplicado a D. Sebastião não pode significar *aqui* espírito de violência, a não ser que se admitisse que o Rei ficou furioso, ao ver a insistência de quem pretendia contrariá-lo. Atrás já se disse, porém, que D. Sebastião estava de *aspecto sereno* (II, 275-278) e recebia sempre de bom grado os conselhos de Vasconcelos. Por isso damos a *ferox* o valor de *ousado, destemido*.

OBRA POÉTICA DE DIOGO MENDES DE VASCONCELOS 189

296-299 — Começando em tom solene, estes últimos versos passam a exprimir o sentimento doloroso de quem vê desabar males sobre a sua Pátria e de quem aceita o sofrimento com visão sobrenatural.

296 — A expressão *Deus Omnipotens* tem aqui perfeito sentido cristão e é frequentemente usada na Liturgia católica. Não é menor, porém, o seu sabor clássico. Virgílio, por exemplo, ora usa só *deus*, ora só *omnipotens*, como no passo seguinte (*Áen. IV, 219-220*): *...arasque tenentem / audiit Omnipotens*. Todavia, as duas palavras juntas não as encontramos em Virgílio.

— A segunda parte do verso também é virgiliana. Eis um passo quase idêntico: *Regnator, crelum et terras qui numine torquet*

Aen. IV, 269). Mais semelhante ainda, pois apenas se verifica uma inversão de palavras, é este verso: *Filius huic contra, torquet qui sidera mundi* (*Aen. IX, 93*). Que esta adopção de palavras de Virgílio não significa incapacidade, prova-o a perfeição dos três versos seguintes, inteiramente originais, no pensamento e na expressão.

297 — Vasconcelos conhece a Teologia católica. Sabe que o pecado, sendo uma desordem moral, ofende a Deus, Legislador e Senhor do mundo, e que por isso merece castigo.

299 — É a confissão de que a derrota de Alcácer Quibir, com as suas desastrosas consequências, foi interpretada por Vasconcelos, e certamente por outros mentores cristãos, como o justo castigo de Deus pelos pecados da Nação. Esta interpretação das desgraças colectivas imediatamente nos sugere um outro caso estudado na Literatura Portuguesa, a propósito de Gil Vicente. Por ocasião do terramoto de 26 de Janeiro de 1531, os frades de Santarém apregoaram que se tratava de um castigo divino e — segundo a carta escrita por Mestre Gil a D. João III — «nomearam logo os pecados porque fora». Além disso, anunciaram que daí a poucos dias viria outro terramoto pior, «à quinta-feira, uma hora depois do meio dia», o que não podia deixar de atemorizar o povo. Gil Vicente opôs-se-lhes e, se bem examinarmos, tem razão enquanto os frades caíram em exageros que não são apoiados pela Teologia. Genericamente, porém, a doutrina da expiação colectiva está bem documentada na Sagrada Escritura.

III

O *título* desta poesia informa-nos da pessoa a quem foi dedicada — a Carlos Manuel, Príncipe de Sabóia — e do ano em que foi composta. Das relações de Diogo Mendes de Vasconcelos com os Príncipes de Sabóia pudemos apenas observar dois documentos : — este epigrama, composto em 1578, quando Vasconcelos estava, com certeza, em Portugal, talvez ainda em Lisboa, após o desastre de Alcácer Quibir; e uma carta escrita quase sete anos depois, em Abril de 1585, por ocasião do casamento, em Espanha, do mesmo Príncipe, com D. Catarina, filha de Filipe II.

Sabemos, porém, por esta carta, que Vasconcelos fora grande amigo do pai de Carlos Manuel, o Duque Manuel Felisberto, o qual morreu em 1580. De quando datará esta amizade e quais as circunstâncias em que ela nasceu? Barbosa Machado regista entre as obras de Vasconcelos um *Panegyricus Principi Transilvaniae dictus*, que «constava de duzentos versos, o qual deu ao Patriarca de Jerusalém, quando ia para Roma». Não conhecemos esta poesia, nem de momento sabemos quem era este Patriarca de Jerusalém. E em que data teria sido composta? A expressão *quando ia para Roma* referir-se-á a uma ocasião em que o Patriarca ia para Roma ou antes ao momento em que o próprio Vasconcelos ia para Roma? Nesta última hipótese — que nos parece a mais provável — a poesia teria sido dada ao Patriarca no ano de 1552, quando Vasconcelos descia do Concílio de Trento para Roma.

O Duque de Sabóia era então Manuel Felisberto. Como e quando teria Vasconcelos entrado em contacto com ele? Como, ao descrever a sua viagem de Trento para Roma, Vasconcelos não faz referência à Sabóia — seria dar uma volta muito grande e escusada — concluímos que o convívio entre ambos se estabeleceu quando a Embaixada portuguesa — de que Vasconcelos fazia parte — se dirigia de Lisboa para Trento. À descrição da ida dedica a sua *Vita* (n.º 25) apenas um pequeno parágrafo em que não se fala das amizades contraídas durante a viagem. Todavia, as palavras empregadas, apesar de poucas, dão margem ao estabelecimento da nossa hipótese. Com efeito, tendo a Embaixada partido de Portugal depois de 29 de Setembro de 1551, Vasconcelos diz que passaram o Inverno em parte nos Pirenéus e em parte nos Alpes. Por outro lado, sabemos que a entrada em França se verificou a 9 de

OBRA POÉTICA DE DIOGO MENDES DE VASCONCELOS 191

Janeiro de 1552 e que a chegada a Trento apenas foi a 5 de Março. Temos portanto que a Embaixada demorou dois meses de França a Trento, tendo neste itinerário passado parte da invernia nos Alpes. Precisamente a Sabóia, que actualmente pertence à França, fica situada na zona dos Alpes Ocidentais. Supomos, portanto, provável que a Embaixada portuguesa se tenha demorado alguns dias na Corte do Duque de Sabóia.

Nada nos deve admirar, aliás, que ali tenham os Embaixadores procurado hospitalidade, sabido como é que a Corte portuguesa estava relacionada com o Ducado de Sabóia. Em 9 de Agosto de 1521 partiu de Lisboa para ir casar com o Duque de Sabóia Carlos III, a Infanta D. Beatriz, filho do nosso Rei D. Manuel. Foi nesta altura, a 4 de Agosto, que Gil Vicente apresentou a sua «tragicomédia» *Cortes de Júpiter*. Nada mais natural que a Embaixada, ao passar pela Sabóia, procurasse cumprimentar o sobrinho de D. João III, o jovem Príncipe Manuel Felisberto. Ali Vasconcelos se teria relacionado com o filho de D. Beatriz, falecida em 1538. Poderemos até supor que foi durante a permanência da Embaixada na Corte da Sabóia que Vasconcelos compôs o panegírico dedicado ao «Príncipe da Transilvânia». Meses depois, ao encerrar-se o Concílio de Trento, entregaria o panegírico de 200 versos ao Patriarca de Jerusalém, em cujas mãos se terá desencaminhado.

Apontemos agora algumas datas que podem ajudar a compreender a evolução dos acontecimentos. Em 1556 Diogo Mendes de Vasconcelos deixa a Itália sem passar pela Sabóia e regressa a Portugal, donde não mais sairá. Em 1562 nasce na Sabóia o Príncipe Carlos Manuel. Dezasseis anos depois, Vasconcelos manda a este jovem Príncipe alguns presentes e com eles o epigrama que vamos estudar. Teria havido relações mais assíduas e íntimas entre ambos? — Não sabemos.

Em que circunstâncias teria sido escrita esta poesia? Vimos que desde a Primavera de 1577 até fins de 1578 é provável que Vasconcelos tenha permanecido em Lisboa. Foi depois de Agosto de 1578 que esta poesia foi escrita, pois que nela se faz referência à morte de D. Sebastião. Como a princípio — segundo a versão sentimental — se terá esperado que D. Sebastião aparecesse, é natural que a lamentação de Vasconcelos seja de uns meses depois, quando as esperanças — ao menos na Corte e pessoas do Conselho de Estado, como era o primo Dr. Miguel Cabedo — começaram a baldar-se.

Vasconcelos ter-se-á aproveitado de alguém que partia para Sabóia ou por lá passava, para apresentar o jovem Carlos Manuel. No fim

da poesia, ao recomendar-lhe que siga as pisadas do seu nobre pai, há uma rápida alusão a Manuel Felisberto, o qual veio a falecer em 1580.

Se a poesia foi escrita ainda em Lisboa, parece-nos ver nela uma tentativa de Vasconcelos para vir a exercer na Corte de Sabóia o lugar que lhe estaria destinado para a de Lisboa — o de poeta latino do Príncipe. Com efeito, fala do desejo de vir a cantar os feitos de Carlos Manuel; chora a morte de D. Sebastião, protector da sua musa, e proclama abertamente que de futuro o seu Mecenas será o Príncipe de Sabóia.

O parágrafo que na *Vita* (n.º 54) Vasconcelos dedica ao seu regresso a Évora é cheio de melancolia. Alude ao desgosto sofrido pela morte do Rei e à sua idade avançada (55 anos!) que mais pedia já descanso que funções públicas. Foi por tudo isto, diz, que resolveu voltar de novo para Évora e nesta cidade estabelecer domicílio permanente. Compreender-se-á, porém, que, tendo-se despedido de Évora com esperança, talvez, de não regressar mais e tendo-se habituado à ideia de ser cantor de um Rei, lhe custasse voltar à sua vida normal de Cónego da Sé Eborense. Se, de facto, voltou contrariado para Évora, nós só temos que estar agradecidos à Providência por este desgosto dado a Vasconcelos. É que é precisamente a partir desta altura que ele se aplica a fundo à sua obra literária — a revisão do *De Antiquitatibus Lusitaniae* (obra que sem ele talvez se perdesse), à composição dos outros opúsculos e de várias poesias latinas.

À composição dedicada a Carlos Manuel, assim como a todas as outras escritas em dísticos elegíacos, põe o *Corpus Poetarum* o subtítulo de *epigrama*, que a *Vita Gondisalui* nunca regista. O epigrama tem modernamente o sentido de peça satírica, mas não nasceu com esta feição. Na época helenística — onde Vasconcelos vai seleccionar epigramas gregos para traduzir — o epigrama era uma composição no geral curta, que podia versar qualquer assunto.

Apesar de ser pequena, esta poesia tem três partes distintas: na primeira, Vasconcelos faz referência à oferta de um álbum com as folhas em branco (1-4); na segunda, lamenta a morte de D. Sebastião e pede a Carlos Manuel que seja o seu novo protector (5-8); e finalmente aconselha o Príncipe a seguir o exemplo dos Antepassados e a cantar os seus feitos.

O *título*, além da data e do nome do homenageado, diz-nos que Diogo Mendes de Vasconcelos enviou a Carlos Manuel alguns pre-

OBRA POÉTICA DE DIOGO MENDES DE VASCONCELOS 193

sentes, entre os quais se contavam umas *tabellas expunctorias*. Não nos é fácil determinar concretamente o significado desta expressão. A palavra *tabella* usava-se quer para designar as tábuas em que se faziam pinturas quer as tabuinhas em que se escrevia. Além do papiro e do pergaminho, empregavam-se, de facto, na antiguidade, tábuas, por vezes enceradas, nas quais se escrevia. O termo passou, depois do aparecimento do papel, a aplicar-se também às folhas de papel ou de cartão.

A nossa dificuldade está em saber com precisão o que quer dizer *expunctorias*. Não encontramos nenhum dicionário que registasse a palavra. Existe, porém, *expungo*, que significa *apagar*, *limpar*, assim como existem substantivos com o mesmo tema: — *expunctor* é o que apaga; *expunctio* é o acto de apagar. *Expunctorius* parece-nos uma forma usada em vez do participio perfeito passivo *expunctus*. *Tabellas expunctas* seriam portanto «folhas que foram limpas, apagadas». Como este sentido não era exacto em relação a folhas novas de papel ou de cartão, talvez por isso Vasconcelos tenha criado (ou usado apenas, se de facto já existia) um adjectivo de sentido um pouco diferente: — *expunctorius*. *Tabellas expunctorias* significará, ao que supomos, simplesmente, *folhas em branco*.

Nos quatro primeiros versos, Vasconcelos volta a fazer referência a estas folhas que, diz, agora vão vazias, isto é, em branco, mas oxalá um dia possa oferecer outras que vão escritas — talvez alusão a um livro de poemas. Posto isto, julgamos que a oferta das folhas em branco deverá corresponder a um album literário. Não sabemos se tal costume existia então. Lembramos apenas dois exemplos mais próximos de nós. Há museus, estabelecimentos de ensino, etc., que têm um *livro de ouro* em que são convidados a lançar a sua impressão os visitantes, sobretudo os mais ilustres. Referência a um álbum literário e artístico encontramos-la, também, no livro *In illo tempore*, de Trindade Coelho. Num capítulo dedicado a João de Deus, conta o Autor que o estudante Sanches da Gama a fim de conseguir um pretexto para visitar uma beldade, Raquel, arranjou um álbum. «Oferecido o álbum à formosa Raquel (escreve Trindade Coelho), ei-10 de porta em porta a colher da academia letrada — versos, música, desenhos, qualquer coisa.» A história termina dizendo que João de Deus fez primeiro o esboço de um Cristo. Depois de insistência para o acabar, o inspirado poeta, que era rapaz de espírito, apagou o desenho e escreveu: — «Resurrexit, non est hic!»

- Pensamos, pois, interpretar bem o pensamento de Vasconcelos quando propomos para a expressão *tabellas expunctorias*, neste caso pelo menos, a tradução de *álbum*.
- 2 — Explicado o verso 1 com as notas que acabámos de fazer a propósito do título, encontramos aqui uma bela expressão de sentimentos. O vocábulo *mnemosynon* é uma transliteração do grego, importado por Catulo, por influência helenística. No carme XII, 13, escreveu o poeta veronense: *Verum est mnemosynum mei sodalis*. Em muitos códices a palavra lê-se mesmo em caracteres gregos — *μνημόσνον*. É possível que Vasconcelos fosse buscar esta palavra à lírica de Catulo, tanto mais que noutras passagens nos parece haver também aproximação entre ambos (I, 6; IV, 1-13; XII, 22-23).
- 3-4 — Manifesta-se nestes versos, claramente, o desejo de vir a cantar os feitos de Carlos Manuel. O parêntesis (de perfeita construção e terminologia clássicas) faz alusão à juventude promissora de Carlos Manuel. De facto este Príncipe desenvolveu intensa acção em favor do seu Ducado e veio a receber o cognome de «O Grande».
- 5 — A *Vita Gondisalui* e a edição de *Roma* revelam uma fase da pontuação em que não se usava ainda o ponto de admiração. Depois de *heu* não têm qualquer sinal.
- 6 — Este belo verso é imitação de Horácio que chama a Mecenas :
O et praesidium et dulce decus meum (I *Car m.* 1, 2), e também:
...mearum / grande decus columenque rerum (II *Carm.* XVII, 3-4).
 Trata-se aqui apenas de adaptação das palavras horacianas ao metro elegíaco. O homenageado deveria sentir-se feliz ao serem-lhe apii-cados versos que Horácio dedicou a Mecenas.
- 7 — Menciona-se o nome dos grandes protectores dos círculos literários de Roma na idade do apogeu. A segunda parte do verso lembra Virgílio que promete edificar um templo a Augusto, em Mântua, e diz: *In medio mihi Caesar erit* (*Georg.* III, 16).
- 8 — É evidente que Vasconcelos procura novo Mecenas a quem deseja *servir* com a sua poesia.
- 10 — O incitamento a que Carlos Manuel celebre os «feitos valorosos» — adoptámos o adjectivo camoneano (*Lusíadas*, I, 2) — dos seus Antepassados, não é cópia de Virgílio quanto às palavras, mas o pensamento não está longe do Mantuano: *At simul heroum laudes et facta parentis* (*Bue.* IV, 26).

OBRA POÉTICA DE DIOGO MENDES DE VASCONCELOS 195

IV

Diz-nos o *título* que esta poesia foi escrita em 1580 quando Diogo Mendes de Vasconcelos, após longos anos de ausência, fez uma visita à sua terra natal, Alter do Chão. No estudo biográfico introdutório ocupámo-nos já dos acontecimentos ocorridos nesse ano. Morre o Cardeal-Rei em Janeiro; grassa uma peste em Évora, que no mês de Agosto ia dizimando também Vasconcelos; nesse mesmo mês as tropas de Filipe II entram em Portugal. Passada a maior crise da doença na Quinta da Silveira, em Évora, Vasconcelos resolve ir restabelecer-se para a sua terra natal. Deve ter sido em fins de 1580 que foi escrita esta poesia, pois nela ainda se faz referência (vv. 23-27) ao precário estado de saúde do Autor.

O lirismo de Diogo Mendes de Vasconcelos atinge aqui um dos seus pontos mais altos. A primeira parte (1-83) é uma saudação emocionada a Alter do Chão; a segunda (84-145) começa por fazer considerações históricas e acaba traçando um elogio de André de Resende, com cuja obra Vasconcelos se ocupara nos anos anteriores, tendo ainda então, bem vivo, o propósito de a continuar.

Os versos 1-34, os mais impressionantes desta saudação, estão cheios de um íntimo sentimento de surpresa. Vasconcelos começa por se julgar diante de um sonho ao ver a terra natal (1-13); depois manifesta a sua alegria e o bem-estar experimentado por se ver de novo em Alter do Chão (14-34).

1-13 — Os primeiros versos têm qualquer coisa de patético. Os sentimentos expressos lembram-nos em parte os de Catulo ao regressar a Sirmio (*carme XXXI, 4-10*). A diferença de metro usado—Catulo serve-se do falécio, Vasconcelos do hexâmetro — não permite imitação de expressões longas. Há no entanto palavras comuns. Catulo manifesta a sua alegria (*laetus*), afirma que não quer acreditar em si próprio (*uix mihi ipse credens*), fala das terras que deixou (*liquisse campos*), das preocupações da vida (*curis*) e da fadiga que o domina (*mens onus reponit*). Expressões afins encontramos nesta saudação de Vasconcelos.

1 — Começa numa atitude de deslumbramento. Na *Eneida* (111, 73) encontra-se a expressão *gratissima tellus*. Vasconcelos usou este adjectivo em II, 58, referido a Évora. Agora, para a sua terra, ser-

ve-se do substantivo *tellus*, mas junta-lhe um adjectivo da sua lavra —*dulcissima*— que exprime um mais vivo sentimento de agrado.

- 2-4 — Estes dois versos, que supomos inteiramente originais, mantêm o mesmo clima de enternecimento, com expressões de sabor bem clássico.
- 3 — O qualificativo *uitreos* aplicado & *fontes* sugere influência de Horácio na célebre ode à Fonte Bandúsia (*III Carm. XIII, 7*): *O fons Bandusiae splendidior uitro*.

Para se ver o sabor virgiliano desta poesia, recordem-se dois versos em que nas *Geórgicas* (IV, 18-19) se fala de fontes e rios:

*At liquidi fontes et stagna uirentia musco
Adsint et tenuis fugiens per gramina riuus.*

Vasconcelos não copia *ipsis uerbis*, mas sente-se que está perfeitamente impregnado do vocabulário e do processo de adjectivação virgilianos.

- 4 — Tendo começado por uma vista geral da sua terra, Vasconcelos vai depois pormenorizando até chegar aqui ao primeiro acume da emoção. À majestade e beleza da casa dos Vasconcelos fizemos já referência ao tratar do nascimento de Diogo (p. 6).
- 5-13 — Numa nova tirada, Vasconcelos julga-se dominado por um sonho. Este processo foi também utilizado por Horácio, mas num contexto e com um vocabulário bastante diferente (*III Carm. IV, 5-8*):

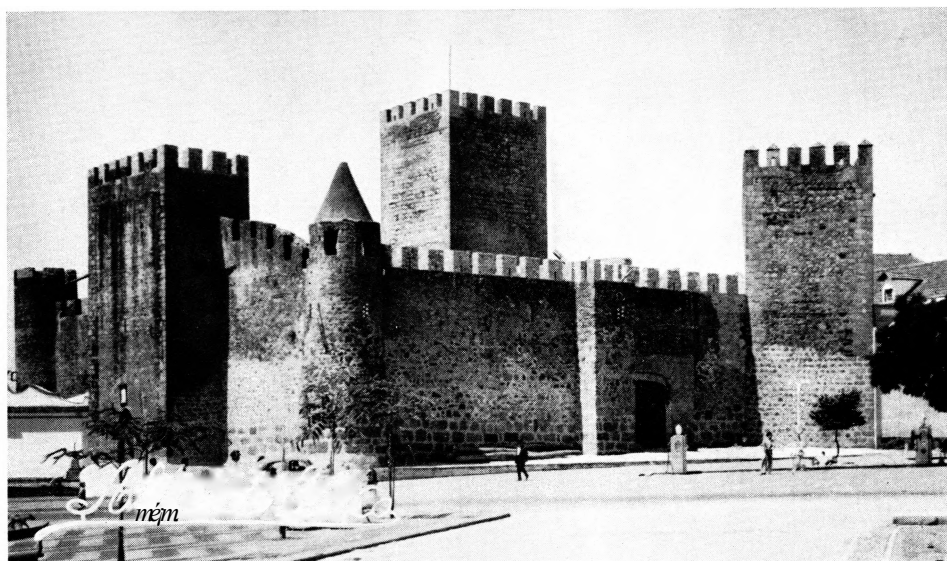
*Auditis ? an me ludit amabilis
Insania? audire et uideor pios
Errare per lucos, amoenae
Quos et aquae subeunt et aerae.*

- 5-7 — Há no estilo de Vasconcelos uma certa tendência para a redundância típica do gosto barroco. É o caso desta insistência: *fallax et inanis imago* e dos dois versos seguintes.
- 11 — A parte final deste verso encontra-se mesmo em Virgílio (*Georg. II, 47*): *Sponte sua quae se tollunt in luminis auras*.
- 11-12 — Estes dois versos oferecem-nos o caso mais notável de variantes entre as edições de obra poética de Diogo Mendes de Vasconcelos. Preferimos adoptar o texto da edição *princeps* da *Vita Gondisalui*, pois esta foi publicada e revista pelo Autor.

No verso 11 a edição de Roma fez das duas palavras *me dias* uma só — *medias* — o que tira ao verso a beleza que lhe dá o adjectivo



**Estado actual da casa em que nasceu
Diogo Mendes de Vasconcelos—cf. IV, 106-108**



Castelo de Alter do Chão — cf. IV, 74-79

OBRA POÉTICA DE DIOGO MENDES DE VASCONCELOS 197

diuus. Segundo esta edição deveríamos substituir o texto português por nós proposto por estoutro : 11 — *O lar amado que me recebeu para o pleno brilho \ da luz...*

O P.^e Antonio dos Reis no *Corpus Poetarum* modificou estes dois versos, dando-lhes a seguinte redacção:

11 — *Cerno meis oculis, qui nos in luminis auras*

12 — *Excepere, olim uagitus conscia primi*

Deste modo, a nossa tradução dos versos 11-13 deveria apresentar-se assim :

11 — *O lar amado que me recebeu para o brilho*

12 — *Da luz e aproximo-me com satisfação da casa que ouviu*

13 — *O meu primeiro vagido*

A diferença em português é pequena. A consequência de maior relevo é na métrica latina.

No verso 11 houve a introdução da palavra *meis* e a substituição de *me* por *nos*. A métrica é perfeita nos dois casos, embora nos pareça mais agradável o ritmo proposto pelo P.^e António dos Reis. Eis as duas versões com a respectiva métrica:

— ◡ ◡ | — — | —//— | — — | — ◡ ◡ | — —

G — Cerno oculis qui me di...as in luminis auras

— ◡ ◡ | — ◡ ◡ | —//— | — — | — ◡ ◡ | — —

P — Cerno me^es ocu-lis qui nos in luminis auras

Outro tanto não acontece com o verso seguinte. A redacção de Vasconcelos apresenta-se errada, pois ao verso 12 falta-lhe um pé. Certamente por isso é que o P.^e António dos Reis propôs uma emenda. Introduziu duas palavras—*olim, conscia* (5 sílabas)—e suprimiu outras duas — *et, mihi* (3 sílabas). Apesar de métricamente errada, preferimos a versão de Vasconcelos, porque ela é a autêntica. Não se nos deparou outra falta de tanta monta nos versos do nosso Autor. O mais que podemos é aplicar-lhe o dito horaciano : *...quandoque bonus dormitat Homerus* (*Art. Poet.*, 359). Eis ambas as versões com a anotação métrica:

— — | — — | — — | — ◡ ◡ | — —

G — Exce pe... re et uagi... tus mihi primi

— — | — — | —//— | — — | — ◡ ◡ | — —

P — Exce...pere o...lim uagitus conscia primi

Como se vê, na redacção de *G* há apenas cinco pés e a colocação da cesura levanta dificuldades, ao passo que em *P* temos seis pés e cesura pentemimere.

- 13 — Alusão à infância. Vasconcelos viveu em Alter até aos cinco anos, idade em que foi para Vila Viçosa.
- 1 4 2 1 - ^a — Nova explosão de sentimento. Os dias felizes eram assinalados na casa dos romanos requintados com pedras brancas. Encontramos expressão equivalente em Catulo (CVII, 6) : *O lucem candidiore nota — ó dia digno de ser marcado com uma pedra mais branca*; e em Marcial (*IX Epigr. LII, 5*), com vocabulário mais próximo do de Vasconcelos :

*Felix utraque lux diesque nobis
Signandi melioribus lapillis!*

- 16 — Referência entusiástica à própria poesia. Contraste com IV, 84.
- 17 — *Omine* — Há diferença entre *omen*, *auspicium* e *augurium*. *Omen* é qualquer espécie de presságio, alegre ou triste, que se dava *de viva voz*. (Primitivamente dizia-se *osmen*, de *os*, *oris*, «boca»). O *auspicium* provém da observação natural de qualquer ave (*avis+specio*), sem ser provocada. O *augurium*, relacionado com *augeo*, obtém-se por meio da observação propositada e provocada de aves determinadas.
- 18 — Duas palavras deste verso encontram-se na mesma posição métrica em Virgílio: *Tum me confectum curis, somnoque grauatum* (*Aen. VI, 520*).
- 19 — Vasconcelos fala aqui de 56 anos. Como nascera em 1523 tinha, na realidade, 57, a partir de Maio de 1580. Poderia supor-se que a visita a Alter foi feita antes de Maio. Julgamos, porém, que o facto de se indicarem apenas 56 anos, idade muito aproximada, corresponde a uma exigência da técnica métrica. Na verdade, os versos seguintes falam-nos de restos da doença de Vasconcelos e esta atingiu a sua fase mais grave em Agosto. Por outro lado, pensamos que estes sintomas não se podem atribuir ao seu estado habitual de saúde, uma vez que, na sua *Vita* (n.º 40 e 41), Vasconcelos diz que até então gozava de perfeita saúde. Acresce ainda que é certo ter estado algum tempo em Alter após a doença, pois o diz expressamente na sua *Vita* (n.º 56), afirmando até que não foi visitar Filipe II, por ocasião da sua passagem por esta vila, em Março de 1581, porque ainda estava muito abatido.

OBRA POÉTICA DE DIOGO MENDES DE VASCONCELOS 199

- 20 — Parece-nos que *dulcis amor* é a tradução latina da palavra portuguesa que o Autor tinha em mente — *saudade*.
- 28-29 — Há certo paralelo entre estes versos e Virgílio: *...Iuuat ire et Dorica castra / deser tosque uidere locos, litusque relictum* (*Áen. II, 27-28*).
- 31-34 — A saudação inicial termina aqui, em termos de arrebatamento.
- 31 — O vocábulo *caelicolae*, referente aos deuses, é frequente em Virgílio (*Aen. II, 593; 641; X, 6*, etc.). Há um passo da *Eneida* (VII, 120) muito próximo deste: *...Salue, fatis mihi debita tellus*. Note-se que Vasconcelos soube evitar a palavra de sentido pagão *fatum* e substituí-la por outras também de pleno sabor clássico. Esta imitação de Virgílio arreda por completo a variante do *Corpus Poetarum* que tem *dedita* em vez de *debita*.
- 32 — Também este verso é tirado em parte de Virgílio, em continuação da passagem ainda agora citada: *Vosque, ait, o fidi Troiae, saluete Penates* (*Aen. VII, 121*).
- 33-34 — Mantendo o estilo de Virgílio, Vasconcelos desenvolve o pensamento por sua própria conta.
- 35-54 — Em nova arrancada, Vasconcelos expõe um pensamento de carácter ético, que lhe é sugerido pela pequenez da sua vila natal.
- 37 — A agricultura era então, e é ainda hoje, a principal actividade dos habitantes de Alter. Talvez o próprio tema tenha contribuído para que o estilo se aproxime nesta composição, mais que em qualquer outra, do vocabulário das *Geórgicas*. Lembremos para este verso apenas dois exemplos: *... Squalent abductis arua colonis* (*Georg. I, 507*); *Agricola incuruo terram dimouit aratro* (*Georg. II, 513*).
- 40 — A primeira parte do verso tem o aspecto de um provérbio.
- 40-41 — Vasconcelos não exemplifica este conceito. Seria fácil citar casos de «varões ilustres» nascidos em terras obscuras. Eis alguns entre os escritores da Antiguidade grega e latina: Hesíodo, de Ascra; Xenofonte, de Érquia; Demóstenes, de Peânia; Cícero, de Arpino; Virgílio, de Andes; Horácio, de Venússia, etc., etc..
- 43-45 — A enumeração dos vícios mais comuns nos grandes centros pode relacionar-se com o gosto de Vasconcelos pela vida privada em pequenos meios aqui elogiados (cf. II, 16-17).
- 46 — Nas *Geórgicas* (I, 111) há um princípio de verso semelhante: *Quid, qui...*

Caeca... fortuna — É opinião corrente entre os filósofos antigos que a Sorte (*fortuna*, deriva de *fors-acaso*) é cega e louca. Camões

também adoptou esta imagem no episódio de Inés de Castro (*Lusíadas*, III, 120) dizendo que ela estava

*Naquele engano da alma, ledo e cego,
Que a Fortuna não deixa durar muito.*

- 46-47 — *Ruuntque imperia* — A filosofia da história e a interpretação da queda dos grandes impérios antigos foi explanada por Santo Agostinho no *De Ciuitate Dei* que Vasconcelos devia conhecer, pois foi livro de grande influência, sobretudo na Idade Média.
- 48 — O princípio deste verso encontra-se em Horácio, mas em contexto completamente diferente. O Venusino mostra-se ciumento de a sua Lídia se agradar de outro e então confessa que *nec mens mihi nec color / certa sed manet* (*I Carm. XIII, 5-6*).
- 48^b-54 — Vasconcelos apresenta a lição da história para dela se tirar proveito moral.
- 51—*Ad sidera flatus* — Expressões de Virgílio afins, cf. II, 126-127.
- 52 — Também este verso tem manifesta influência virgiliana: *Fama uolat paruum subito uulgata per urbem* (*Aen. VIII, 554*).
- 54 — *Nox tegit* — Até para pequenas expressões como esta Vasconcelos tem, entre os clássicos, lugares paralelos. Eis dois de *Catulo: Gemina teguntur / lumina nocte* (LI, 11-12); *Illius hoc caeca nocte tegat studium* (LXVIII, 44).
- 55-83 — A tensão emocional, que decaíra durante os versos anteriores (38-54) readquire novo vigor ao fazer um veemente elogio de Alter do Chão.
- 55-56 — A proclamação de que Alter não deve ser considerada entre as terras mais humildes recorda-nos o elogio de Belém, terra natal de Jesus, nosso Salvador, feito pelo profeta Miqueias (V, 2) e repetido no Evangelho de S. Mateus: *Et tu Bethlehem terra luda nequaquam minima es in principibus luda: ex te enim exiit dux, qui regat populum meum Israel* (*Math. II, 6*).
- 57-59 — Há certa semelhança com o tema da felicidade na mediania tão caro a Horácio. (cf. adiante X, 9).
- 62-63 — Numa atitude de homenagem, Vasconcelos atribui aos cidadãos de Alter o elogio que na Eneida se faz dos latinos (*Aen. VII, 203-204*) :

*Saturni gentem, haud uinclo nec legibus aequam,
Sponte sua, ueterisque Dei se more tenentem.*

OBRA POÉTICA DE DIOGO MENDES DE VASCONCELOS 201

65 — Sobre a influência de Virgílio neste verso, ver II, 177.

66-68 — Note-se como Vasconcelos tem especial facilidade e gosto em descrever o viço, a alegria, a cor.

66-67 — Sobre o classicismo da expressão *tondent pascua*, ver II, 207. A pecuária em geral, incluindo o gado lanígero, é ainda hoje uma das grandes riquezas do Alentejo.

68 — Comparação elogiosa entre a lã das ovelhas de Alter e a de Mileto. A preciosidade desta é exaltada nas *Geórgicas*, III, 306-307; IV, 334-335

69 — A referência a Brómio, protector das videiras, parece dar a entender que no tempo de Vasconcelos Alter do Chão teria muitas vinhas ou vinhos especiais. Hoje a vila não se torna especialmente notada como produtora de vinhos.

Julgamos que Palas Ateneia está aqui mencionada para significar que Alter do Chão é uma terra de bons olivedos e, de modo geral, fértil em produtos agrícolas. Não deixe de se referir que esta vila é hoje muito conhecida pelos seus cavalos de raça «Alter». É curioso observar que esta região já devia ser célebre coma criadora de cavalos na época romana, como o atesta um mosaico encontrado na herdade da Torre de Palma do vizinho concelho de Monforte.

71—Além da bela fonte pública em estilo manuelino, Vasconcelos podia ter em mente ao escrever este verso a sua quinta do Álamo que ainda hoje possui jardins e fontes de água corrente.

72 — *Prae cunctis...* Expressão manifestamente hiperbólica, devida ao amor do Autor à sua terra natal.

Pulcher Anas — Enquanto o Tejo vai receber um qualificativo que se deve aproximar do tratamento habitual (cf. I, 6), o Guadiana tem aqui um adjectivo encomiástico que só lhe é atribuído em II, 215.

73 — *Amnis* refere-se à ribeira de Alter, que passa a poucos quilómetros da vila e é um subafluente do Tejo. A palavra *amnis* não se aplica só a rios, mas também a ribeiras e regatos. Neste último sentido a usou também Virgílio (*Aen.* IV, 164): *...Ruunt de montibus amnes*.

74-75 — O castelo de Alter ainda hoje oferece um aspecto impressionante com as suas portas arqueadas, muralhas e torres com ameias.

76-78 — Magnífica descrição da torre de menagem. É perfeitamente exacta a visão da torre a projectar-se no céu, quando observada da casa dos Vasconcelos que fica a poucas dezenas de metros a Nascente.

78-79 — *Aurea pulset sidera* — cf. II, 126-127.

- 80-83 — Menção especial dos edifícios religiosos da antiga vila. A alusão a uma igreja do Espírito Santo parecia-nos inexacta. Fomos, porém, informados de que a actual igreja de Nossa Senhora da Alegria estava antigamente anexa ao convento do Espírito Santo. Em honra da Virgem Maria há ainda hoje três templos: a N.^a S.^a da Assunção (matriz), da Alegria e da Misericórdia. Vasconcelos fala, no verso seguinte, da religião dos alterenses. A avaliar pelos edifícios religiosos, tem toda a razão. Havia então, além dos templos mencionados, mais as seguintes capelas, algumas das quais já não existem: a S. Pedro, S. Bartolomeu, S. Marcos, S. Miguel, Sant'Ana, S. Francisco, Santo António dos Olivais, Santo António e Santa Catarina.
- 82-83 — Bela paráfrase de Virgílio : *Hac casti maneant in religione nepotes* (*Aen. III, 409*). Há aqui uma referência ao respeito que devem merecer as tradições religiosas dos nossos antepassados.
- 83 — No final deste verso o *Corpus Poetarum* coloca uma interrogação, enquanto as edições do século xvi escrevem um ponto final.
- 84-145 — Sem quebra de ligação com os versos anteriores, Vasconcelos passa a utilizar os seus conhecimentos de história e arqueologia para fazer primeiro o elogio de Alter e depois se referir a outras terras e à obra de Resende.
- 84 — Virgílio usou idêntico processo para exprimir admiração: *Sed quid ego haec autem nequiquam ingrata reuoluo* (*Aen. II, 101*).
 Note-se a modéstia com que Vasconcelos fala agora desta sua bela poesia: *ingratas laudes!* (cf. com o v. 16).
- 88-92 — O livro e o Príncipe a que se referem estes versos são o chamado *Itinerário de Antonino*. Não existe o original deste importante documento, mas temos dele cerca de 20 copias. Apesar dos seus numerosos erros e das alterações a que foi sujeito ao longo da tradição manuscrita, tem grande importância para o conhecimento das vias do Império Romano. Hoje supõe-se que é obra de um particular e que foi escrito no tempo de Diocleciano.
- 91 — Sobre o valor de *qua*, ver II, 114.
- 92 — Quando Eneias se encontra com seu pai nos Elísios, é-lhe dado ver Rómulo, o fundador de Roma (*Aen. VI, 777-789*). Entre as palavras da apresentação feita por Anquises encontram-se estas (*Aen. 781-782*):

*En huius, nate, auspiciis incluta Roma
 Imperium terris, animos aequabit Olympo.*

OBRA POÉTICA DE DIOGO MENDES DE VASCONCELOS 203

A mais bela síntese da vocação conquistadora e civilizadora de Roma encontra-se, porém, neste célebre verso (*Aen. VI, 851*):
Tu regere imperio populos, Romane, memento.

93-94 — Lamentação sobre o desprezo a que foram votados os livros da Antiguidade durante vários séculos e sobre as alterações que neles foram introduzidas. Vasconcelos defende, portanto, o rigor na transmissão dos textos antigos.

93 — O ponto de admiração depois de *dolor*, bem como adiante (95) depois de *nomina*, só se encontra no *Corpus Poetarum*. As edições do século xvi desconhecem-no e substituem-no no primeiro caso por uma vírgula e no segundo por dois pontos.

97-98 — Reconhece-se a necessidade de que alguém probo fizesse uma edição crítica do *Itinerário*. Uma das preocupações dos humanistas era realmente restituir os textos antigos à forma primitiva.

99-105 — Vasconcelos exemplifica, mencionando um ponto em que as edições então correntes precisavam de ser corrigidas. É o caso de uma referência que lá se faz a Alter do Chão, a propósito das vias romanas entre Lisboa e Mérida. Já nos referimos à emenda proposta, ao tratar da erudição do nosso Autor (p. 42).

99 — *Ergo* não tem aqui valor de conjunção conclusiva. Depois de uma exposição, *ergo* usa-se em vez de *inquam*. Virgílio tem um princípio de verso igual a este: *Ergo ubi delapsae sonitum per curua dedere / litor a...* (*Aen. III, 238-239*).

Mérida era um centro de confluência de vias, porque era a capital da província romana da Lusitânia.

104-105 — Depois de desvendar o primeiro nome da sua terra, Vasconcelos faz um rodeio para explicar a segunda parte do mesmo nome — *Alter* — *do Chão*. Para isso contrapõe o nome com o de uma localidade vizinha chamada Alter Pedroso. De facto a vila de Alter fica na planície, enquanto o lugar homónimo está situado num monte, a poucos quilómetros de distância. Esta explicação não é, porém, aceite por Mário Sá, o qual afirma que Alter Pedroso não existia ainda no sédulo xm. Alter do Chão seria a parte mais baixa da vila, enquanto Alter do Outeiro era a parte antiga, situada num pequeno outeiro.

106—Como noutras ocasiões, Diogo Mendes de Vasconcelos assinala um momento culminante da sua poesia, recorrendo a Virgílio. Este verso é imitado de dois passos da *Eneida*: *Hic domus, haepatria est...* (*Aen. VII, 122*); *Mons Idaeus ubi et gentis cunabula nostrae* (*Aen. III, 105*).

- 107-108 — Abandonando o texto virgiliano, a poesia continua no mesmo tom, em versos originais.
- 112 — É interessante o processo de se referir, retrospectivamente, ao caminho de Lisboa a Benavente. Assim foi possível introduzir mais uma imitação de Virgílio: *Vnde iter Italiam cur susque breuissimus undis* (*Aen. III, 507*).
- 117-119 — Há uma tonalidade triste nestes versos consagrados à lamentação do abandono a que estavam votados os monumentos da antiguidade. (Ver os sentimentos de Vasconcelos a esse respeito, p. 43).
- 117— *Veterum monumenta* — Poderá haver aqui sugestão de Virgílio: *Exquirique auditque uirum monimenta priorum* (*Aen. VIII, 312*).
- 118 — Compare-se o sentido deste verso com Virgílio: *Aurea nunc, o lim siluestribus horrida dumis* (*Aen. VIII, 348*).
- 119 — *Notis* — Poderia traduzir-se por *letras*, referindo-se às inscrições latinas, mas pareceu-nos preferível um termo genérico — *sinais* — que tanto se pode aplicar às letras como a outros símbolos da dominação romana.
- 120-145 — Este final continua o desvio da saudação que dera origem à poesia. Desde o verso 84 quase desapareceu o lirismo para dominar a erudição. A consideração das ruínas romanas arrasta o pensamento de Vasconcelos para o elogio do maior investigador português daquele século no ramo da arqueologia: André de Resende.
- 120-121 — Estes versos são eco da informação fornecida no *De Antiquitatibus Lusitaniae*, segundo a qual Resende durante 50 anos coligiu materiais para a sua obra.
- 122-123 — Por meio de uma apóstrofe, Vasconcelos dirige-se a todos os portugueses chamando a atenção para o valor da obra de Resende.
A expressão *gens clara Lysiadum* parece equivalente ao camoneano «peito ilustre Lusitano» (*Lusíadas, I, 3*).
- 123-124 — *Debita... praemia* — Estamos perante outra sugestão virgiliana: *Praemia digna ferant* (*Aen. I, 605*); *Dii (...) persoluant grates dignas et praemia reddant / debita* (*Aen. II, 536-538*).
- 124-125 — Apesar da sugestão anterior de Virgílio, é bem original o teor desta comparação, tão ligada a Portugal e às suas conquistas no Oriente.
- 126-136 — Nova apóstrofe, dirigindo-se Vasconcelos, agora, ao amigo falecido.
- 127-129 — André de Resende morreu em 1575, com 80 anos de idade.
- 129 — Tem sentido espiritualista e cristão esta referência à vida futura.

OBRA POÉTICA DE DIOGO MENDES DE VASCONCELOS 205

Note-se, porém, que ela não é original. Virgílio escreveu também: *Magnanimi heroes, nati melioribus saeculis* (*Aen. VI, 649*).

- 131-134 — Insistência em informações históricas. O Cardeal D. Henrique encarregou Vasconcelos de rever a obra deixada por Resende em manuscrito, com muitas emendas e entrelinhas.
- 137-138 — Aproveita-se a história da Vénus de Apeles, já mencionada por Manuel Cabedo de Vasconcelos, sobrinho do nosso Autor (p. 75 e ss.). Afinal, Diogo Mendes de Vasconcelos não procedeu como os artistas antigos, pois teve a coragem de meter ombros à empresa começada por Resende.
- 139-140^a — Declara-se que o *De Antiquitatibus Lusitaniae* era aguardado com certa ansiedade, como obra de grande erudição. Vasconcelos, modestamente, diz reccar não ser capaz de corresponder à expectativa depositada em obra de tão grande vulto.
- 140M41—Insistindo na expressão da sua inferioridade em relação a Resende, Vasconcelos revela-se uma alma humilde. André de Resende, segundo a opinião ainda hoje corrente, é de facto maior que Vasconcelos.
- 142 — Exprimindo um voto e formulando um propósito ao terminar a composição, Vasconcelos uma vez mais nos faz vir à mente o final dos *Lusíadas* (X, 155-156), — cf. II, 106, onde também se explica o valor de *Numina*.
- 143-144 — Vasconcelos estabelece claramente qual o móbil do seu brio, que o levou a tomar tão pesado encargo : — o amor da Pátria e do amigo falecido.
- 144 — A condição expressa no parêntesis é uma remodelação de um pensamento virgiliano: *Primus ego in patriam mecum (modo uita supersit)* — *Georg. III, 10*.
- 145 — Depois das expressões anteriores de modéstia, sabe bem ler esta afirmação final de confiança nas próprias possibilidades.

V

Apesar de em Évora ter havido uma reacção, mesmo no Cabido, contra Filipe II, Diogo Mendes de Vasconcelos bem como sua família, o Arcebispo e a Nobreza acatarem a legitimidade do Monarca espanhol. Este entrou em Portugal em 5 de Dezembro de 1580, com uma comitiva de que fazia parte seu sobrinho, o Arquiduque Alberto de Áustria, esteve em Eivas até 28 de Fevereiro seguinte, data em que partiu para

Tomar, onde foi reconhecido como Rei em Cortes, a 16 de Abril de 1581. Em seguida Filipe II estabeleceu-se em Lisboa para dirigir directamente os negócios portugueses, nessa época difícil de transição. Quando os Áustrias passaram por Alter do Chão, Diogo Mendes de Vasconcelos não os foi visitar porque estava ainda adoentado; mas depois, ao sentir-se bom, deslocou-se propositadamente a Lisboa, tendo sido benévola e recebido pelo Rei.

Em 11 de Fevereiro de 1583, Filipe II deixa Lisboa e dirige-se para Madrid. Na passagem por Évora demorou-se na cidade alguns dias (de 21 a 25 de Fevereiro). Foi então que o Cónego Vasconcelos lhe dedicou esta saudação, testemunhando assim, uma vez mais, a sua dedicação à pessoa de Filipe II. Apreciando este epigrama, o Doutor Francisco Caeiro diz que está escrito «naquele perfeito latim de que ele [Vasconcelos] conhecia os mais íntimos segredos», concluindo que «valia a pena [Filipe II] ter ido a Évora para provocar esta formosa composição» (cf. *O Arquiduque Alberto de Austria*, pp. 82-83, Lisboa, 1961).

Os 16 versos, distribuídos em dísticos elegíacos, constituem praticamente um todo. O pensamento é orientado desde o princípio para dar realce à frase final. Lembram-se os grandes benfeitores de Évora

— Sertório, César, Geraldo Sem Pavor, D. Fernando e D. João III — para se declarar que nenhum deles, no entanto, lhe deu tanta honra como Filipe II com esta visita. É manifesto o exagero. Vasconcelos quis ser agradável ao Rei e elevou-o aos píncaros da alegria eborense.

Note-se que, dentro do bom estilo dos versos elegíacos, Vasconcelos expõe em cada dístico um sentido completo, dedicando um a cada um dos benfeitores de Évora.

1-2 — A acção e a predilecção de Sertório a favor de Évora já fora cantada por Vasconcelos em II, 44-56, e foi também por ele longamente descrita no *De Municipio Eborensi*. Observe-se a perfeição estilística destes versos.

3-4 — As relações de Júlio César com Évora foram também tratadas em II, 61-71 e no *De Municipio Eborensi*.

5-10 — No *De Municipio Eborensi* também estas personagens são lembradas. Vasconcelos demora-se aí muito a descrever todas as portas das muralhas.

5-6 — Note-se a precisão das palavras. Considera-se que os Mouros, tendo-se apoderado de território cristão, foram intrusos. Geraldo

OBRA POÉTICA DE DIOGO MENDES DE VASCONCELOS 207

Sem Pavor, num acto de audácia, não fez mais que dar o seu a seu dono.

10 — A referência a D. João III tem especial valor afectivo, talvez por estar mais próximo no tempo, por ter sido amigo de Vasconcelos e por ser tio de Filipe II.

A expressão *captus amore* encontra-se em Virgílio, também em contexto sentimental (*Buc. VI, 10*).

11-12 — Num dístico de grande perfeição, pretende-se saldar a dívida para com os outros Reis não mencionados.

14 — Vasconcelos enriquece a referência ao Monarca com uma citação da Horácio (*l Carm. I, 36*): *Sublimi feriam sidere uertice*.

15-16 — Por uma figura de estilo chamada prosopopeia, é concedida a fala à cidade de Évora, a qual diz que jamais poderá receber honra maior. Imaginamos facilmente a satisfação de Filipe II ao ouvir estes versos.

VI

O *título* informa-nos apenas de que esta longa composição foi dedicada ao Cardeal Alberto, Arquiduque de Áustria. Sabemos, porém, pelo verso 64, que Vasconcelos a escreveu quando já contava 60 anos de idade, isto é, pelo menos em 1583. Esta data é plenamente aceitável, como veremos.

O Arquiduque Alberto de Áustria, filho do Imperador Maximiliano II e de Maria de Áustria, filha de Carlos V, nasceu em 1559, em Neustadt, na Baixa Áustria. Aí viveu até aos 11 anos, recebendo lições de mestres de renome, um dos quais foi o humanista flamengo Auger-Guislain de Busbeq. Em 1570 veio para Espanha, pois seu tio Filipe II queria dar-lhe educação especial, uma vez que os outros sobrinhos, Rodolfo, Ernesto e Matias, se mostravam bastante indiferentes em matéria política e religiosa. O jovem Príncipe adaptou-se bem às intenções do tio. Em 1577, com menos de 18 anos, foi nomeado Cardeal, tendo recebido de 29 de Junho a 2 de Julho de 1578 todos os graus de ordem até ao de Diácono, inclusive. Em 1580, com 21 anos portanto, Filipe II trouxe-o para Portugal e iniciou-o no governo do Reino até Fevereiro de 1583, data em que o Monarca espanhol abandonou Lisboa. Antes de partir, porém, Filipe II conferiu a seu sobrinho o título e a autoridade de Vice-Rei de Portugal. (Tínhamos já colhido estes elementos fundamentais da biografia do Cardeal Alberto no

Dictionaire d'histoire et geographie ecclesiastique, tomo I, Paris, 1912, quando apareceu o erudito trabalho do Doutor Francisco Caeiro, *O Arquiduque Alberto de Austria*, Lisboa, 1961, de que nos servimos para emendar a informação sobre os graus de ordem recebidos, uma vez que o *Dictionaire* afirma que o Cardeal nunca passou da Tonsura).

Desempenhava, pois, o Cardeal-Arquiduque uma alta função, quando Diogo Mendes de Vasconcelos lhe consagrou o presente panegírico. O conhecimento entre ambos deve ter começado em 1581, quando Vasconcelos foi a Lisboa cumprimentar Filipe II. Agora procurava o Cônego eborense manter com o novo governante relações tão amistosas como tivera com os Reis, desde D. João III. Por isso, não perde tempo. A combinação dos dados fornecidos pelos versos 64 e 130 permite-nos datar esta poesia do Verão de 1583. De facto, não podemos interpretar estes versos senão como uma tentativa de chamar a atenção d.o Cardeal Alberto para a sua pessoa e ao mesmo tempo para a sua capacidade de poeta latino, dentro das aspirações que, parece, alimentava desde o tempo de D. Sebastião.

Embora o tema seja um só, podemos dividir este panegírico, construído em excelentes hexâmetros, em quatro partes: começa por um pensamento moral, para dizer a seguir que o Cardeal-Arquiduque é dotado de apreciáveis dons e virtudes (1-41); declara que estas qualidades criam à sua volta amizade e dedicação, confessando-se Vasconcelos — cuja auto-apresentação faz demoradamente — um dos seus maiores admiradores (42-79); faz depois o elogio entusiástico do homenageado (80-127); e termina formulando alguns votos (128-143).

1-6 — Vasconcelos começa com o pensamento com que abre o *Eclesiastes* — um dos *Livros Sapienciais* da Sagrada Escritura : *Vaidade das vaidades, tudo é vaidade* (*Eccl. 1, 2*). Seguindo a tradição, atribui este livro ao Rei Salomão. Os estudos bíblicos lançaram nos últimos decénios a sua investigação também para estes livros, renovando opiniões sobre o seu Autor e data em que foram escritos. Resumindo, podemos dizer o seguinte: não está ainda resolvido o problema do Autor destes livros. O *Eclesiastes* «durante muito tempo atribuído injustamente a Salomão reflecte os pensamentos de um homem de alta estirpe que conheceu todos os prazeres deste mundo. Vê-se o cuidado que põe em acautelar a posteridade contra a vaidade. Não proíbe que se use das vantagens e das facilidades da vida no

OBRA POÉTICA DE DIOGO MENDES DE VASCONCELOS 209

quadro dos mandamentos divinos ; mas sabe que não podem estancar no homem a sua sede de felicidade». (Cf. Paul-Marie de la Croix, *O Antigo Testamento, fonte de vida espiritual*, Editorial Aster, Lisboa, s/d, p. 511).

É possível, porém, que o pensamento não tenha sido colhido directamente na Bíblia, mas sim na *Imitação de Cristo* que, no Livro I, cap. I, n.º 3, comenta aquele passo do *Eclesiastes* nestes termos: «Vaidade das vaidades e tudo é vaidade, excepto amar a Deus e a Ele somente servir. Nisto está a suma sabedoria: pelo desprezo do mundo caminhar para o Reino dos Céus». Com efeito, Vasconcelos introduz (v. 3) no pensamento bíblico a mesma excepção que o piedoso Autor do final da Idade Média.

- 1 — Dentro da tradição, confirmada pelo Concílio de Trento (sessão quarta, de 8 de Abril de 1546) Vasconcelos afirma a inspiração divina do *Eclesiastes*. Note-se, porém, que em vez de *Spiritu Sancto*, é empregada uma expressão de sabor inteiramente clássico — *diuino numine* (cf. II, 106)

Hesitámos bastante na tradução a dar a este verso. O mais conforme com o pensamento do Autor seria começar assim: *Inspirado pelo Espírito Santo...* Mas Vasconcelos evitou propositadamente a palavra *Spiritu* (que métricamente também lhe não servia) e que na tradução portuguesa teria o inconveniente de ter o mesmo radical de *inspirado*. Preferimos por isso manter o termo *nume*, de sabor bem poético e clássico. Recorde-se o princípio da *D. Branca* de Almeida Garrett: *Áureos numes de Ascreu...*

- 2 — Temos uma paráfrase e não a tradução directa do texto dos Setenta : *Ματαιότης ματαιότητων, τα πάντα ματαιωτης* (*Eccl. I, 2*).
- 4 — *Aetereaque...* *sede*, de sabor e expressão inteiramente clássicos, lembra-nos o «assento etéreo» de Camões, no soneto *Alma minha gentil*.
- 5-6 — Assinale-se a indicação explícita da necessidade das obras para a verdadeira religião. É sabido que, decénios antes, o protestantismo começou a defender, com Lutero (1483-1546), a justificação só pela fé, independentemente das boas obras.
- 7 — Ao mencionar o nome do Príncipe, Vasconcelos apõe-lhe logo títulos de honra. Sobre o valor e interpretação cultural de *Senatus*, ver I, 65.
- 8 — *Romulei* está aqui em vez de *romano*, pois Rómulo foi, segundo a tradição, o fundador de Roma (cf. IV, 92) — A segunda parte do

verso é imitada da *Eneida*: *Genus alto a sanguine Diuum* (V, 45) e *genus alto a sanguine Teucrici* (VI, 500).

10—*Vulgus* — Sobre o desprezo pelo vulgo, ver II, 10.

12 — Note-se o valor da adjectivação latina e o processo de exprimir o substantivo abstracto *inutilidades*.

13 — A segunda parte do verso é adaptação das *Geórgicas* (IV, 448): *Sed tu desine uelle, Deum praecepta secuti*.

14 — Eis um começo igual de verso, em Virgílio (*Áen. I, 686*): *Regales inter mensas...*

15 — *Florentibus annis* — cf. II, 85-86.

18-20 — Alusão de um realismo quase visual à vida da Corte e seus perigos. O tema, frequente nos poetas do tempo, foi abordado já em parte em II, 16-17.

21-30 — Quadro magnificamente descrito, é cremos que inteiramente original quanto à expressão literária, das qualidades morais cultivadas pelo Cardeal Alberto, que são muito de apreciar nos grandes do mundo : bondade, caridade, magnanimidade, desprendimento, pureza, piedade, bom exemplo, amor ao bem comum, desinteresse, abnegação.

Esta descrição, acrescida da que vem adiante (103-122) sobre as qualidades de governo do Arquiduque, lembra-nos um *Espelho de Príncipes*, género literário de exortação moral de grande voga na Idade Média e que no Renascimento passou também a ser cultivado pelos humanistas.

31-41—O Cardeal cultivava também o amor aos estudos, sobretudo à poesia grega e latina.

35-39 — É de notar o relevo que Vasconcelos dá ao conhecimento que o Cardeal Alberto possuía das literaturas grega e latina. Na biografia escrita pelo Doutor Francisco Caeiro diz-se que desde os 15 para os 16 anos o Príncipe falava com perfeição o latim, mas não se fala dos seus estudos de grego. A cultura helénica dos humanistas é um capítulo pouco estudado.

35-36 — Segundo estes versos, o Cardeal-Arquiduque cumpria o conselho de Horácio (*Art. Poet. 268-269*): *Vos exemplaria gr aeca /nocturna uersate manu, uersate diurna*.

39 — *Atica Romanae miscens*—Sobre o significado cultural deste verso e possível influência de Horácio (*I Serm. X, 20-21*), ver I, 58.

42-43 — Vasconcelos refere-se, com ênfase, a Filipe II, a ponto de lhe adaptar uma expressão de Virgílio: *Troius Aeneas, pietate insignis et*

OBRA POÉTICA DE DIOGO MENDES DE VASCONCELOS 211

armis (*Aen. VI, 403*). A mesma expressão foi aplicada, de modo mais directo, a D. Sebastião, em II, 101.

- 44-45 — Aludindo às funções que o Cardeal ficou a desempenhar em Portugal, Vasconcelos serve-se também do sentido de um verso virgiliano: *Accipio et comitem casus complector in omnes* (*Aen. IX, 277*).
- 46-47^a — Vasconcelos estende os seus sentimentos a toda a colectividade. Deve, porém, dizer-se que o domínio filipino nunca foi amado pelo povo português.
- 47^b51^c — Esta afirmação não pode ser lida por nós, hoje, com agrado. Embora toda a composição seja louvaminheira, este passo tem sabor de autêntica adulação.
- 51 — Como Horácio, também Virgílio opõe o ideal da vida simples aos dos que *penetrant aulas et limina regum* (*Georg. II, 504*). Parece terem sido estas concisas palavras do Mantuano que Vasconcelos parafraseou com mestria.
- 52-74 — O autor faz agora a sua apresentação numa boa tirada de poesia confessional. A nossa dificuldade em ver aqui retratada a alma de Vasconcelos resulta apenas de não sabermos até que ponto é inteiramente sincero.
- 52-53 — Confessa-se envergonhado e humilde. Não será, porém, uma atitude de mera cortesia, destinada a chamar a atenção para a sua pessoa ?
- 54 — Esta afirmação, pelo que dissemos já, não nos parece inteiramente exacta. Poderemos aceitá-la, porém, se a referirmos ao facto de até ali não se ter atrevido a dedicar nenhuma poesia ou qualquer outro trabalho ao Príncipe.
- 55-57 — Este mesmo tema foi tratado em II, 14-20 com mais sinceridade. Se não fosse isso, seríamos tentados a dizer que o que Vasconcelos pretendia era que o Príncipe o chamasse para junto de si.
- 57 — Que Vasconcelos gostava de se dedicar ao estudo, prova-o toda a sua obra em prosa e verso.
- 59 — *Aetate senili* — A *senectus* entre os Romanos começava, de facto, aos 60 anos. Mas nós já vimos que, cinco anos antes, Vasconcelos se considerava também já velho, ao explicar o seu regresso a Évora.
- 61-62 — Perspicaz observação de defeitos frequentes entre os áulicos.
- 65-70 — Referência aos trabalhos oficiais, como em II, 19-20, 76-82.
- 65 — A menção de 15 anos referente ao tempo que trabalhou na Inquisição é um pouco desconcertante. Vasconcelos tomou posse em 1564

e em 1591 ainda lá trabalhava com o título de Assessor. Em 1583 ha via portanto 19 anos que prestava serviço no Tribunal da Fé. Talvez se trate de uma exigência de carácter técnico, dada a rigidez da métrica latina. Além disso a expressão *tria iam per lustra* não põe totalmente de parte uma interpretação aceitável. Por isso traduzimos: *ao longo de três bons lustros...*

66-67 — Eis muito bem resumidos os nobres ideais por que Vasconcelos lutava.

70^b-72 — Usando embora uma expressão de modéstia, Vasconcelos faz o seu auto-elogio. Sobre a *Hespéria*, ver II, 99.

Tagus aurifer — cf. I, 6.

74 — A segunda parte deste verso foi construída por Vasconcelos para outra poesia — II, 147.

77—Vasconcelos fala sempre com modéstia dos seus trabalhos literários dedicados ao Príncipe. A esta poesia chama *munuscula* e à *Vita Gondisalui Pinarii* que lhe consagrará em 1590, classifica-a de *commentariolum*.

78-79 — Outra expressão de modéstia. Ao ouvir falar da *lira abandonada* somos tentados a pensar que as poesias cuja data desconhecemos são anteriores a esta.

82 — *Lyaeo* — Lieu é um dos nomes de Baco, derivado de *λύω* — *desligar*, porque, como deus do vinho, ele liberta de preocupações.

Virgílio também associa Ceres e Lieu nas *Geórgicas* (II, 229) e na *Eneida* (IV, 58).

85-91 —A poesia atinge aqui o seu ponto mais alto em sentimento. Por isso Vasconcelos não se dispensa de perfumar a expressão com fragrâncias virgilianas.

85 — *Tempora lauro* — Eis três versos paralelos da *Eneida*: *Vitis et sacra redimitus tempora lauro* (III, 81); *Ore fauete omnes, et cingite tempora ramis* (V, 71); *Declarat uiridique aduelat tempora lauro* (V, 246).

88 — Entre os avós do Príncipe Alberto, o maior foi sem dúvida Carlos V.

89 — Temos aqui (como em II, 100 e XXVII, 10-11), uma imitação de Virgílio, quando diz que Procas era *Troianae gloria gentis* (*Aen. VI, 767*).

A *Panónia* foi uma província romana que compreendia a parte oriental da Áustria e a marca da Estíria, uma parte da Carníola,

OBRA POÉTICA DE DIOGO MENDES DE VASCONCELOS 213

a Hungria entre o Danúbio e o Save, a Eslavónia e a linda norte da Bosnia.

90-91 — Chama-se à Casa Imperial *Domus Caesarea* porque o primeiro Imperador romano foi Octaviano César Augusto. A partir do Baixo Império, a terminologia consagrou para o chefe máximo o título de Imperador, ficando os seus associados na administração com o título de Césares. Carlos V também tinha associados a si para o governo dos reinos do Império — Boémia, Hungria, etc. — alguns dos seus familiares a quem era aplicado o nome de Césares.

92-93 — Ao contrário do que Vasconcelos supunha, os irmãos do Cardeal Alberto não se distinguiram pela ousadia na defesa da fé e das fronteiras. O prestígio do Império começou a ser abalado a partir de Carlos V, com a impossibilidade de resolver as lutas religiosas surgidas com a Reforma.

94-97 — Rodolfo II (1552-1612) sucedeu a seu pai Maximiliano II (1527-1576) no trono imperial. Foi sempre um fraco de carácter e teve que entregar o governo a seu irmão Matias. Longe de derrotar definitivamente os Turcos, que continuavam a ser uma ameaça para a Europa, mesmo depois da derrota de Lepanto (1571), Rodolfo apenas conseguiu fazer com eles uma trégua por vinte anos. Mas esta cedência não tinha ocorrido ainda em 1583 e Vasconcelos continua a depositar grande esperança no irmão do Cardeal Alberto.

95 — *Romana potentia* equivale a *forças cristãs*, as quais, perante as exortações dos Papas, se empenhavam em afastar o perigo do Islamismo.

98 — Deixando o elogio genérico da família imperial, Vasconcelos dirige-se agora ao Cardeal Alberto, comparando-o com os grandes vultos de Roma.

Cedant — Camões usou o mesmo verbo e a mesma imagem quando escreveu (*Lusíadas*, I, 3):

*Cesse tudo o que a Musa antiga canta
Que outro valor mais alto se alevanta.*

Piorum — É uma antonomásia para designar os heróis romanos. Virgílio fala com frequência de *pious Aeneas* (*Aen.* I, 220, etc.). Horácio numa ode patriótica põe na boca de Juno esta advertência a todos os romanos: *Ne nimium pii...* (*Ill Carm.* III, 58).

101-102 — Há aqui uma alusão a Eneias que libertou seu velho pai Anquises do incêndio e destruição de Tróia, trazendo-o às costas,

ao mesmo tempo que também levava consigo os deuses penates. Virgílio dedica alguns versos a este episódio (*Aen. II, 704-717*).

103-122 — Vasconcelos traça aqui um largo quadro das virtudes morais e qualidades de governo do Cardeal-Arquiduque, em continuação do que já fora esboçado anteriormente (21-30). Segundo esta pintura, o jovem Príncipe não é dado aos prazeres (103-104), mas também não pratica o ascetismo pelo ascetismo (105); é austero e compreensivo (106), insinuante (107), generoso, recto e modelo de virtudes (108); não abusa do poder (109-110); respeita as leis da Nação (111-112); é piedoso, temente a Deus, clemente e justo (113-115); zela pelo bem comum (116); protege a ciência e a religião (117-118); premeia o mérito (119-120); vive de consciência tranquila porque é diligente, enfim, é feliz (121-122).

Este elogio tem modelos clássicos. Virgílio é, porém, bem mais comedido ao falar de Eneias, embora haja traços comuns (*Aen. I, 544-545*):

*Rex erat Aeneas nobis, quo iustior alter
Nec pietate fuit, nee bello maior et armis.*

Não se julgue, todavia, que há nas expressões de Vasconcelos apenas adulação. O Doutor Francisco Caeiro, que não tem já a esperar benesses do Príncipe, ao traçar o seu retrato moral no excelente estudo *O Arquiduque Alberto de Áustria* (pp. 493-501) applica-lhe palavras semelhantes. Eis algumas, colhidas das páginas citadas: bravura e aptidões militares; intrepidez e desprezo pela vida; patrocínio a tudo o que favorece, no ponto de vista social, material ou religioso, a prosperidade dos seus súbditos; honestidade; bem dotado religiosa e moralmente; sisudez e gravidade; sentimentos generosos e de bondade; reconhecimento; abertura de coração; ajuda ao antigo mestre Mateus de Othen; liberalidade; susceptível de provas de carinho; doce de affectos e generosidade; espírito recto e justo.

Também no mesmo livro é citada (p. 496), de Luís Pereira Brandão, de cujo patriotismo se não duvida, a dedicatória ao Cardeal Alberto do poema *Elegiada*, consagrado à morte de D. Sebastião em Alcácer Quibir. Vale a pena arquivar aqui também esses versos:

*A ti senhor dirijo o rudo canto,
A quem da lusa perda coube tanto.
A ti benigno Alberto, espelho claro*

OBRA POÉTICA DE DIOGO MENDES DE VASCONCELOS 215

*De virtudes, de exemplo nunca ouvido,
Em tal poder e idade novo amparo
Do Luso, com tal dita engrandecido:
A ti, a quem não pode o tempo avaro,
Negar as esperanças do florido
Ramo, do tronco de Austria tão famoso,
^4 dirijo o canto doloroso.*

Arquivemos ainda outra homenagem poética ao Príncipe Alberto, esta como pormenor curioso de ser escrita em quatro línguas. Trata-se de um soneto de André Falcão de Resende, que trasladamos das suas *Trovas Diversas*, p. 136 (cf. Biblioteca da Universidade de Coimbra, R 36-16).

*Claríssima, real, firme coluna
Del nostro infer mo regno lusitano,
Puesta d'Hércules pio por la mano,
Inter minores quasi stellas luna:*

*Possa mais teu bom ser, que a má fortuna
Del popol languidetto e per te sano,
Pues la luz del sol y soberano
Splendescit in te luce opportuna.*

*Aquele universal médico sara
La lepra al pover, quando solo Fodi,
Si uis, Domine, potes me mundare.*

*A língua e alma contrita a Deus é clara;
Per suoi servi e ministri e per tai modi
Responsio afflicto sit, uolo mundare.*

Na p. 80 do mesmo volume vem um soneto a *Diogo de Vasconcelos* e na p. 81 outro soneto à *sepultura do mesmo*. Não deve tratar-se do Cônego Diogo Mendes de Vasconcelos, mas talvez de seu sobrinho a que já fizemos referência (p. 61). Na verdade, sabendo nós que André Falcão de Resende faleceu em 1599 e que a morte de Diogo Mendes de Vasconcelos foi a 24 de Dezembro do mesmo ano, não é muito provável que aquele tenha sobrevivido a este apenas alguns dias

durante os quais ainda escrevesse o soneto à sepultura do Cónego eborense. (Serviu-nos de fonte de informação para este último *comentário*, o estudo do Prof. Doutor Américo da Costa Ramalho sobre *O poeta quinhentista André Falcão de Resende*, in *Humanitas*, vols. VI e VII da nova série pp. 100-148).

124 — Neste verso há certa imitação de Virgílio (*Georg. IV*, 226-227):

Nec morti esse locum; sed uiua uolare / sideris in numerum atque alto succedere caelo. Claro que o sentido de Vasconcelos é muito mais profundo. Virgílio falava das abelhas; Vasconcelos fala da vida eterna, após a peregrinação terrena.

125-126 — A sugestão de Horácio é nítida, embora não explícita: (*III Carm. XXX*, 1-2):

*Exegi monumentum aere perennius
Regalique situ pyramidum altius.*

127 — Peñante o Juiz Supremo o que vale é a virtude.

128 — Vasconcelos prepara-se para terminar. Camões usou expediente parecido (*Lusíadas*, X, 145): *Não mais, Musa, não mais...*

129 — Na poesia sobre a agricultura recorre-se à estrela Sírio para explicar o calor do Verão. Hesíodo refere-se-lhe em belo passo de *Os Trabalhos e os Dias* (vv. 417-419). Deve ter sido, porém, em Virgílio que Vasconcelos colheu a sugestão. Eis um exemplo, mesmo da *Eneida* (III, 141): *Tum sterilis exurere Sirius agros.*

131 — Para fugir ao calor da cidade de Évora, Vasconcelos refugiava-se na *Quinta da Silveira*, sobre a qual demos já indicações que nos parecem suficientes (p. 25).

132 — *Laurentius* é com certeza a latinização do nome do ribeiro do Louredo. A observação do local levou-nos a concluir que Vasconcelos deu valor excessivo ao curso de água que passa na Quinta da Silveira. De facto, a uns 50 metros da casa, que ainda hoje apresenta vestígios da antiga nobreza, passa o ali chamado ribeiro da Silveira, que cerca de um quilómetro abaixo aflui ao ribeiro do Louredo. Visitámos a quinta em Novembro. Tinham já caído as primeiras chuvas e a água era escassa. No Verão é natural que o ribeiro seque. Em todo o caso, o fundo da bacia hidrográfica do pequeno ribeiro deve ser bastante mais fresco que a cidade! O que mal entendemos é a referência às suas *águas geladas...* Mas Vasconcelos tinha modelos e devia imitá-los. Virgílio também chama às torrentes que descem

OBRA POÉTICA DE DIOGO MENDES DE VASCONCELOS 217

dos montes *amnes* (*Aen. IV, 164*) e fala dos *vales ge lados* do Hémon (*Georg. II, 488*).

133 — A menção do arvoredo abundante é ainda hoje inteiramente exacta. Ao lado da casa há restos de um pomar e em toda a redondeza não faltam sobretudo oliveiras. Este verso, apesar de se adaptar bem à Quinta da Silveira, não é original. Também, em continuação do verso acabado de citar, Virgílio desejava para si que alguém *ingenti ramorum protegat umbra* (*Georg. II, 489*). O hospedeiro de Vasconcelos devia sentir-se feliz com este elogio da sua quinta, feito com palavras de Virgílio.

134-140 — Eis, em poucas palavras, o voto referente ao Cardeal:

— Que ele um dia chegue a ocupar em Roma a Cadeira de S. Pedro! Veremos noutra altura (XXVIII) que este voto não se realizou e que foram até muito diferentes os caminhos trilhados pelo Cardeal-Arquiduque.

134 — O final deste verso encontra-se em Virgílio: *Ductores Danaum, tot iam labentibus annis* (*Aen. II, 14*). A construção e o sentido da frase são, porém, mais explícitos noutro passo do Mantuano: *Veniet lustris labentibus aetas / cum domus Assarici...* (*Aen. I, 283-284*).

Também na *Tebaida* de Estácio há semelhanças de tema e vocabulário com este passo (*I, 32-33*):

*Tempus erit cum Pierio tuo oestro
Facta canam: nunc tendo chelyn.*

Como se vê, Vasconcelos começa com as mesmas palavras e emprega a mesma construção, refere-se várias vezes às *Piérides*, uma das quais nesta poesia (v. 34), em que também aparece o termo *chelyn* (v. 85).

135 — O adjectivo *flauum* aplicado ao rio de Roma, o Tibre, é típico em Horácio (*I Carm. II, 13; VII, 8; II Carm. III, 18*).

Romana palatia — Os palácios aqui evocados serão principalmente os do Vaticano, mas também outros da Santa Sé, que naquele tempo tinha domínio temporal sobre Roma e boa parte da Itália.

136 — O *tríplice diadema* é a tiara pontifícia que tem sobrepostas três coroas, símbolo do poder do Papa—temporal, de ordem e de jurisdição.

137-138 — Durante os quatro anos que esteve em Roma (1552-1556), Vasconcelos deve ter presenciado muitas vezes os imponentes cortejos pontifícios que pinta aqui com tanto realismo.

138 — *Senatu* — O colégio dos Cardeais (cf. I, 65).

139 — Virgílio, referindo-se a Augusto, diz: *Per populos dat iura, uiamque affectat Olympo* (*Georg. IV, 562*).

O final do verso aparenta-se com outra passo do Mantuano:

Postera Phoebea lustrabat lampade terras (*Aen. IV, 6*).

140 — Todo este verso é de sabor clássico, embora não cópia textual.

O Oceano é motivo poético em todas as literaturas, pelo menos desde Homero. Num só adjectivo, denso de significado, resume Horácio, e tantos outros, o conteúdo deste verso: *Oceanus circumuagus* (*Epod. XVI, 41*).

143 — *Maeoni uatis* — Homero. Cf. I, 60. Horácio também fala do *Maeonius Homerus* (*IV Car m. IX, 5-6*).

POESIAS NÃO DATADAS, MAS ANTERIORES A 1591

Além das poesias datadas que já apresentámos, a mais recente das quais é de 1583, há outra série cuja data se conhece também, mas do último período da vida de Vasconcelos, a que nos referiremos a seu tempo. Possuímos, porém, ainda um outro grupo de poesias cuja data se não conhece, as quais são anteriores a 1591, pois vêm incluídas na *Vita Gondisalui*. A licença do Rei para a publicação, passada a 14 de Setembro de 1591, faz menção expressa de que se publicam, além da vida do Bispo de Viseu, «mais alguns versos de várias coisas». Como a licença eclesiástica é de 6 de Março de 1589 (mais de dois anos antes), poderíamos concluir que os versos impressos são até anteriores a 1589.

Procurámos dar uma interpretação à ordem por que as poesias aparecem na *Vita Gondisalui*. Antes da narração histórica sobre seu tio, Vasconcelos fez incluir uma carta dedicada ao Cardeal-Arquiduque Alberto e, a seguir a esta, o panegírico que lhe consagrara em 1583, bem como o epigrama em Março do mesmo ano composto para Filipe II. É evidente, pois, a intenção de agradar ao Vice-Rei de Portugal. Só depois da prosa da *Vita* vêm as outras poesias.

Que esta série não está disposta por ordem cronológica conclui-se do facto de vir primeiro a dedicada à *sua saída de Évora* (1577-1578), depois a consagrada à *cidade de Lisboa* (1575) e em seguida a saudação a Alter do Chão (1580), ao passo que o epigrama a Carlos Manuel (1578)

OBRA POÉTICA DE DIOGO MENDES DE VASCONCELOS 219

só se encontra bastante adiante, assim como a poesia que a Vasconcelos dedicou Luís Pires e que deve ser de 1577.

Também não nos parece que tenham sido dispostas segundo a importância das pessoas a quem foram consagradas. Se esta suposição se pode manter em ordem às primeiras oito composições (as cinco já mencionadas e os três epigramas que vamos apreciar em seguida e que poderão ser de homenagem a seu primo Miguel Cabedo), não se pode dizer o mesmo dos versos escritos em honra do Príncipe de Sabóia, de Cristóvão da Gama e de Pedro Sanches que se encontram no meio de composições ora traduzidas do grego ora originais latinas.

Devemos portanto confessar que nos escapa a intenção do Autor na ordenação das poesias. Somos até inclinados a supor que não houve qualquer norma que presidisse à sua distribuição. As composições originais latinas cuja data ignoramos não vêm todas a seguir e os treze trechos vertidos do grego estão também distribuídos ora por grupos ora por unidades, de maneira bastante irregular. Por isso, numa tentativa de ordenação, resolvemos ordenar estas poesias em duas séries: as originais latinas, por um lado, e as vertidas do grego, por outro. Assim nos afastamos também das edições em que até agora foi publicada a obra poética de Diogo Mendes de Vasconcelos.

VII

Quando Vasconcelos compunha mais de um epigrama sobre o mesmo tema só escrevia o título por extenso no primeiro. Nos outros lê-se simplesmente — *aliud*. O título das composições VII, VIII e IX diz-nos que foram inspiradas numa serpente de bronze existente nos jardins de Miguel Cabedo. Por outra fonte de informação conseguimos saber um pouco mais. Ao coleccionar, na edição de Roma, a obra de Miguel Cabedo, seu filho Gonçalo inclui um epigrama com este título (p. 498): *Ad stagnum aquarum in uilla Michaelis Cabedii Regis Senatoris quae ad radices montis Palmelae sita est*. Trata-se portanto de um tanque pertencente a um jardim de uma quinta que Miguel Cabedo possuía próximo de Palmeia.

Mais elucidativo é o epigrama que vem logo a seguir na mesma edição (p. 499) e cujo título é: *De serpente aeneo arbori adhaerente et ore aquam eiaculante in eadem uilla = Sobre uma serpente de bronze que na mesma quinta estava enlaçada a uma árvore e que lançava água pela boca*.

Pela comparação destes títulos, conjugada com o texto da composição VII de Vasconcelos, concluimos que se trata de epigramas que os dois primos faziam sobre o mesmo tema. Simplesmente, enquanto Miguel Cabedo dedicou à serpente um dístico apenas, seu primo o Cónego Vasconcelos consagrou-lhe três epigramas com 2, 3 e 4 dísticos respectivamente.

Embora não estudemos a obra de Miguel Cabedo, vamos transerever o pequeno epigrama para se poder fazer uma comparação com os de Vasconcelos:

*Non fallax auctorue mali, uelut antea, serpens
Ore, sed hic gratas praebet amicus aquas.*

*Não engana nem fez mal, como dantes, com a boca
A serpente, mas aqui, amigavelmente, oferece frescas águas.*

O epigrama que a seguir leva o n.º VIII tem exactamente este tema. Ver-se-á que Vasconcelos é mais vivo, pois dramatiza a situação, põe a serpente a falar e reveste os seis versos de mais arte. Os outros dois apresentam uma temática completamente diferente.

1-4 — Vasconcelos concede à serpente o dom da fala e de apreciar a felicidade da sua situação. A este processo estilístico dá-se o nome de prosopopeia.

— Os dois primeiros versos correspondem, como informação, aos títulos dos dísticos de Miguel Cabedo, acabados de citar

— No fim há um certo traço de bucolismo. A serpente, enrolada à árvore, contemplava o campo, com agrado, durante todo o ano.

VIII

1-6 — Continua a prosopopeia.

1-2 — A serpente toma um tom amigável, confessa-se isenta de más intenções e por isso admira-se de que o visitante receie aproximar-se.

3 — Mantém-se a expressão realista. Parece-nos ver a serpente com a boca aberta e parte do corpo estendida sobre o tanque

4 — O valor da obra de arte é realçado pelo adjetivo *ingeniosa*.

IX

Esta composição está baseada na antítese entre o dragão que guardava o jardim das Hespérides e a serpente que estava nos jardins de Miguel Cabedo. Segundo a fábula, as três ninfas, Aretusa, Egle e Hiperetusa

— as Hespérides — filhas de Atlas e Héspera, habitavam um jardim regado por muitos cursos de água e com variadas árvores de fruto. Ai mandou Gê plantar maçãs de ouro, e como as Hespérides depois se deixassem roubar, enviou-lhes para defender as maçãs um dragão de cem cabeças. São estes os dados mitológicos essenciais para entender o paralelo estabelecido.

1 — Vasconcelos diz *errabat*, que normalmente deveríamos traduzir por *vagueava*. Parece-nos, porém, que este termo português contradiz em parte o sentido expresso por *peruigil*. Por isso preferimos o verbo *circular* que tem a vantagem de dar ideia dos movimentos da serpente.

2 — O terror que o dragão monstruoso espalhava por todo o jardim era grande, mas isso não impediu que Hércules cometesse a façanha de o matar. Este elemento da fábula não é, porém, utilizado por Vasconcelos.

3 — *Noster* marca a oposição entre a serpente do jardim de Cabedo e o dragão.

4 — Todas as palavras deste verso têm rigoroso sabor clássico.

5-8 — *Illic... hinc* estabelecem agora uma comparação entre os dois jardins.

5 — Embora original, este verso tem um vocabulário de inspiração virgiliana. Quando na *Eneida* se anuncia a descida do herói aos infernos, indica-se-lhe como acção preliminar ter de colher maçãs de ouro de um bosque consagrado a Juno (*Aen. VI, 136-148*). Versos adiante descreve-se a ida de Eneas ao bosque (178-211). Ao longo destas duas passagens aparecem palavras empregadas em sentido semelhante ao que têm aqui: *métallo* (144), *siluam* (179), *crepitabat* (209) o que é mais um sintoma de quanto Vasconcelos estava impregnado do vocabulário de Virgílio.

Significa este verso que, apesar de as árvores serem possantes, o peso das maçãs de ouro forçava-as a dar estalidos de quando em quando.

6 — Referência às maçãs de ouro que todos desejavam roubar.

7-8 — Se tomarmos este verso à letra, estaremos a ver a quinta de Miguel Cabedo, perto de Palmeia, com as suas hortas, macieiras e vinhedos.

X

O próprio *título* nos diz que esta composição trata das preferências do Autor, quanto aos lugares em que poderia passar cada uma das estações do ano. Ao ler estes versos ficamos quase a pensar que Vasconcelos gostaria de passar a maior parte do ano fora da sua casa e longe dos seus deveres de Cónego Capitular da Sé de Évora. Supomos, porém, que se deve tratar de um *ideal* que não poderia realizar sempre. Em todo o caso, a indicação destas preferências está de acordo com algumas observações por nós já feitas, sobretudo no estudo biográfico.

O final é significativo pela disposição de espírito que revela, de desprendimento das riquezas, que aliás é um tópico de carácter horaciano.

1 — Achamos um pouco estranho que Vasconcelos diga preferir a «quinta amiga» — certamente a Quinta da Silveira, nos arredores de Évora — no tempo do Inverno. Já vimos (VI, 130-133) que no Verão sim, passava ali horas agradáveis. Julgamos, no entanto, que não se referirá a qualquer outra quinta (nem à própria casa que teria em Évora e a que chama em II, 16 *exiguas latebras*), porque na sua *Vita*, n.º 55 também se refere com estima à Quinta da Silveira, chamando-lhe «ameníssima» e acrescentando que para lá se retirou *em Maio* de 1580.

2 — Setúbal tinha para Vasconcelos vários atractivos para gostar de lá passar as férias do Verão : — além da proximidade do mar, encontrava ali os seus familiares.

3-4 — Mais uma bela expressão do amor que Vasconcelos consagra a Évora.

5-8 — Estes versos assinalam uma das actividades de Vasconcelos para levar a cabo os seus estudos sobre a Antiguidade Lusitana: — a visita directa aos locais. Para este trabalho a Primavera é, de facto, o melhor tempo

7 — *Nostra regione* deve referir-se apenas ao Alentejo que foi largamente colonizado pelos romanos.

8 — No *De Municipio Eborensi* Vasconcelos apresenta muitas inscrições, algumas das quais o próprio Resende não conhecera.

OBRA POÉTICA DE DIOGO MENDES DE VASCONCELOS 223

9 — *Superi* — cf. II, 74

Lydia sceptra — É uma alusão a Giges que foi um rei da Lídia, célebre pela abundância das suas riquezas. Arquíloco (fr. 22 D) diz também que «não ambiciona os bens de Giges, rico em ouro». É natural que Vasconcelos fosse buscar o tema não directamente a Arquíloco, mas ao seu imitador Hoiácio que trata várias vezes da felicidade na mediania (*// Carm. II, X, XVI, XVIII; III Carm. XVI, XXIV*). Também Safo tem uma passagem semelhante. No frag. 152 D diz que não daria a sua amada filha Cieis nem que fosse por toda a Lídia.

10 — Pigmalião é um lendário rei de Tiro, na Fenícia, que matou seu cunhado Siqueu para se lhe apoderar das riquezas. Dido, esposa de Siqueu e irmã de Pigmalião, avisada em sonhos pelo marido do que se tinha passado, arrebatou de novo as riquezas e fugiu para a África, onde fundou a cidade de Cartago. Virgílio na *Eneida* (I, 340-366) alude a esta lenda.

XI

O *epitáfio*, como género literário, resume em poucos versos o essencial da vida da pessoa celebrada ou colhe dela uma lição moral. Cristóvão da Gama, filho de Vasco da Gama, nasceu em Évora em 1516. Partiu para a Índia pela segunda vez em 1538 e foi depois nomeado para defender o *negus* da Abissínia contra o cheque Zeilá. Após ter vencido em vários recontros, foi finalmente ferido e preso, apesar de os seus homens terem dominado os inimigos e conseguido o objectivo da missão. Os adversários deram-lhe morte cruel em Agosto ou Setembro de 1542. A sua desgraça causou muita impressão em Portugal e chegou a propor-se a sua beatificação como mártir de Cristo. Sobre a sua morte foi escrita a tragi-comédia *El martyr de Ethiopia*, do capitão Miguel Botelho de Carvalho, e a *História das cousas que o mui esforçado capitão Dom Cristóvão da Gama fez nos reinos do Preste João com quatrocentos portugueses que consigo levou*, editada em Lisboa em 1564. A admiração de Vasconcelos pelo heróico combatente, filho de Évora, inspirou-lhe este epigrama, em que a narração é posta na boca do próprio morto.

1 — A referência a Vasco da Gama tem certo acento épico.

2 — Óptimo princípio de conduta para um nobre : — devem respeitar-se

os pergaminhos, mas é preciso também portar-se à altura dos Antepassados.

- 3-4 — Cristóvão da Gama foi pela primeira vez para a Índia em 1532. A missão militar de que foi encarregado, contada sumariamente nos versos 5-14, ocorreu durante a segunda estadia no Oriente, quando era Vice-Rei seu irmão Estêvão da Gama (1540-1542).
- 6 — *Christicolae* é palavra cristã já usada por Prudêncio, mas de sabor clássico, a par de *caelicolae*. A atracção pelas terras do Preste João provinha também do facto de na Etiópia haver cristãos. O contacto com os portugueses mostrou que havia divergências em vários pontos de doutrina e disciplina. Damião de Góis descreve os primeiros contactos religiosos no livro *Fides, Religio, moresque Aethiopum*.
- 7 — *Numen* — aqui tem o sentido claro de Divindade — cf. II, 106.
- 8 — A narração, que já decorre na primeira pessoa, torna-se ainda mais viva quando Cristóvão da Gama interpela directamente o Nilo.
- 10 — Há aliteração tanto no princípio como no fim deste verso.
- 14 — Expressão de alegria de um combatente que sabe que a sua causa venceu, apesar de ele, pessoalmente, sucumbir. Há razões de morrer que valem mais que a própria vida.
- 15-16 — Engenhoso processo de encerrar um epítáfio.

XII

Entre o grupo de humanistas amigos de Diogo Mendes de Vasconcelos contam-se Pedro Sanches e Luís Pires, ambos referidos nesta poesia. Fala-se aqui de uma composição escrita por Pedro Sanches que não conseguimos encontrar. O Prof. Doutor Américo da Costa Ramalho chamou a nossa atenção para os manuscritos da Biblioteca Nacional de Lisboa reunidos sob o título de *Miscelânea* (FG 6368) que contém muitas composições de Pedro Sanches. A obra deste humanista foi recolhida no *Suplemento* da dissertação para a licenciatura em Filologia Românica pela Universidade de Coimbra do Dr. Cândido Aparício Pereira. Encontra-se lá, de facto, uma poesia dirigida por Pedro Sanches a Luís Pires, mas não deve ser a essa que se refere Diogo Mendes de Vasconcelos. Lamenta nela Pedro Sanches, em 24 hexâmetros, que há seis meses se tenha interrompido a correspondência entre ambos e, no final, manda saudações apenas para o irmão de Luís Pires. Ora nesta poesia de Diogo Mendes de Vasconcelos fala-se de um poema

OBRA POÉTICA DE DIOGO MENDES DE VASCONCELOS 225

de Pedro Sanches que Luís Pires levou a Vasconcelos, ao mesmo tempo que lhe «transmitia uma grata saudação». Supomos, portanto, que se trata de uma outra poesia ainda desconhecida, que Pedro Sanches teria mandado a Vasconcelos por intermédio de Luís Pires.

O estudo do Dr. Cândido Aparício Pereira tem para nós interesse por transcrever do manuscrito a composição que estamos comentando, dedicada por Diogo Mendes de Vasconcelos a Pedro Sanches, a qual apresenta uma redacção bastante diferente. É possível que o texto do manuscrito da Biblioteca Nacional de Lisboa corresponda à redacção da poesia tal como foi enviada por Vasconcelos a Sanches e que o texto apresentado em 1591 pela *Vita Gondisalui* represente uma remodelação posterior, feita para a publicação. Teremos assim mais um argumento da insatisfação formal de Vasconcelos. Os primeiros 13 versos contêm alterações muito notáveis; dos restantes só interessa conferir os dois últimos. Para se avaliar das variantes introduzidas, transcrevemos aqui as partes que importa cotejar:

*Pyrrhus noster, amore candidoque
In te pectore nemini secundus,
Pyrrhus deliciae tuae meaeque,
Pyrrhus Paeonia decorus arte,
5 Pyrrhus Castalii chori sacerdos,
Gratam nomine mi tuo salutem
Reddens, uersiculos simul uenuste
A te compositos dedit legendos
Queis nil dulcius elegantiusque
10 Ipsae uel ualeant sonare Musae:
Nam dilemmata pulchra sic figuris
Exornata nituntur arte mira,
Eois rutilat monile baccis
Conspersum aut uiridi hinc et inde gemma.*

25 *Nescit praemia digna, nec disertos
Secernit stupidis et imperitis.*

A poesia de Diogo Mendes de Vasconcelos, apesar de pouco extensa, pode dividir-se em três partes: primeiro comunica ter recebido os cumprimentos e o poema enviados por intermédio de Pires de quem esboça um elogio (1-10); depois exalta a beleza da poesia composta

por Pedro Sanches (11-19); finalmente, ao elogio acabado de fazer apresenta uma reserva, que redundando num delicado reconhecimento do grande valor do seu amigo.

O metro em que está escrita esta poesia é o hendecassílabo falécio de que Vasconcelos se serviu também no elogio a Lisboa (I).

I-3 — Luis Pires, amigo comum de Sanches e Vasconcelos, é apresentado como estando cheio de saudades do amigo que se encontra em Lisboa, a quem é dedicado mais que ninguém. Transparece daqui a profunda amizade existente entre estas três figuras.

4-5 — O elogio do Dr. Luís Pires esquematiza-se em dois pontos:

— como poeta e como médico.

Castalidum... Sororum — são as Musas. Na poesia que a Vasconcelos dedicou Luís Pires, este faz referência (1-8) à própria actividade poética, (cf. Referências e elogios, pp. 71-73). Aí também se considera súbdito de Péon, pois era formado em Medicina pela Universidade de Coimbra.

7-8 — Note-se a propriedade dos qualificativos e a sua tonalidade afectuosa: *dulciloquum... poema, uenuste... compositum*.

9-10 — A linguagem afectiva continua nesta comparação em que o segundo termo é expresso por *quo*. Fizemos deste *quo* uma tradução rigorosamente literal. Na poesia seguinte aparecerá mais duas vezes esta construção e então evitaremos a impressão desagradável que tal tradução nos causa.

II-14 — Este símile entre o poema e o colar, é belo e está construído com muita habilidade técnica.

11 — *Figuris* — Interpretamos esta palavra como significando figuras de estilo, tropos ou imagens.

13-14 — O vocabulário destes versos imita Virgílio. Falando da primogénita de Príamo, diz a *Eneida* que usava *coloque monile / baccatum et duplicem gemmis auroque coronam* (*Aen. I, 654-655*).

15-19 — Depois de ter dito que o estilo de Sanches era muito rico de imagens, assinala Vasconcelos agora também a sua fluência. A apreciação do estilo de Sanches (11-19) está feita de um modo pouco frequente em Vasconcelos. A acumulação de comparações e de vocábulos cheios de simbolismo talvez queiram imitar o estilo do amigo.

17 — Registe-se que, segundo Vasconcelos, também Pedro Sanches era conhecedor da Literatura Grega. Este verso tem a mesma construção

OBRA POÉTICA DE DIOGO MENDES DE VASCONCELOS 227

e sentido de um outro dedicado a Miguel Cabedo (I, 58) e repetido com mais desenvolvimento a propósito do Cardeal Alberto (VI, 35-39). Sobre a possível influência de Horácio, ver I, 58.

22-23 — Deve haver influência de Catulo nestes versos. Dizendo que lhe repugnava que o seu tempo pudesse comparar a *arnica* de Formiano com a sua Lésbia, *Catulo* exclama: *O Saeculum insapiens et infacetum* (XLIII, 8). Os diminutivos empregados nos versos 21-22 são também tipicamente catulianos.

24-26 — Depois da reserva feita aos versos de Sanches, vem uma censura aos tempos que correm : não há quem aprecie os seus méritos literários! Esta afirmação representa, sem dúvida, um elogio de Sanches, mas, conjugada com a parte final da poesia, transforma-se num leve tom de sátira à ignorância daquele tempo e à falta de Mecenas, o que é um lugar comum da poesia dos humanistas.

XIII

Diogo Mendes de Vasconcelos nasceu a 1 de Maio de 1523. Os versos 5 e 6 deste belo epigrama dão-nos a entender que, ao compô-lo, talvez por ocasião de algum dos seus aniversários natalícios, não estava ainda cansado de viver. Pode dividir-se em três partes: a primeira é uma saudação ao seu dia de anos (1-6); a segunda é uma breve descrição da Primavera, estação em que nasceu (7-16); a terceira é constituída pelos dois dísticos finais, em que faz uma edificante consideração sobre a felicidade e a finalidade da existência.

1 — Personifica o dia em que nasceu e dirige-se-lhe em termos de efusiva saudação. As duas palavras finais deste verso já foram empregadas por Vasconcelos, na mesma posição e com o mesmo sentido, em IV, 11. Aí anotámos também que podem ter sido inspiradas em Virgílio (*Georg.* 77, 47).

2 — *Auspicium* — cf. IV, 17.

3-4 — A emoção inicial torna-se ainda mais intensa e sentida.

Diurum gemino... patrocínio — Pensámos a princípio que *gemino patrocínio* se queria referir ao signo dos Gémeos, mas pusemos de parte esta interpretação porque tal signo só começa a 22 de Maio. Se considerarmos *Diurum*, mais uma vez (cf. II, 117), um vocábulo de origem pagã, aceite e cristianizado pelos humanistas, abre-se-nos

a solução que julgamos autêntica. No dia 1 de Maio celebrava-se então a festa dos Apóstolos S. Filipe e S. Tiago. Vasconcelos considera-se, portanto, sob o patrocínio destes dois Santos. Note-se até que o nome dado por Gonçalo Mendes de Vasconcelos ao pequenito nascido em 1 de Maio é igual, em latim, ao do segundo dos Santos mencionados. *Iacob* equivale, em português, a Tiago, Diogo e Jaime. Nos seus escritos latinos Vasconcelos usava, de facto, este nome próprio e não o de *Didacus* pelo qual também às vezes se traduz o nome de Diogo. Assim lemos, por exemplo: *Libri quatuor de Antiquitatibus Lusitaniae (...) a Iacobo Menoetio Vasconcello recogniti*.

- 5 — Em Virgílio encontra-se o final deste verso. A propósito de uma espécie de carvalho, o ésculo, diz que *immota manet, multosque per annos / multa uirum uoluens durando saecula uincit* (*Georg.* II, 294-295).
- 7-16 — A descrição colorida que d.a Primavera faz Vasconcelos, sendo original, está no entanto muito próxima, quanto ao sentimento e ao vocabulário, do quadro traçado por Virgílio nas *Geórgicas*, II, 323-335
- 9-10 — Enquanto o dístico anterior frisava principalmente a acção da Primavera sobre os ventos e a limpidez do ar, este marca sobretudo os seus efeitos sobre o mar.

Horácio (*IV Carm.* VII, 9) tem estas palavras: *Frigora mitescunt zephyris*. Utilizando embora as três palavras, Vasconcelos isolou os zéfiros no verso anterior.

O tema da ode VII do livro IV de Horácio é também a descrição da Primavera, mas o Venusino não se mantém no descritivo da natureza mais que 6 versos, que parecem ser apenas um ponto de passagem para pensamentos dolorosos: a mudança contínua da vida, a morte que se aproxima, a inevitabilidade de cair no «pó e na sombra».

Em Vasconcelos, pelo contrário, a contemplação da Primavera provoca-lhe uma explosão de alegria íntima que transparece na vibração com que fala das belezas da natureza.

- 13 — *Auis* — O P.^e António dos Reis introduziu no *Corpus Poetarum* uma alteração curiosa. Transformou *auis* em *apis*, talvez porque Virgílio nas *Geórgicas* (IV, 260) aplica ao zumbir de um enxame de abelhas o verbo *susurro*. Vasconcelos porém, escreveu *auis*, forma existente na *Vita Gondisalui*, por ele revista. É natural que tivesse no pensamento o rumor, o sussurro provocado por um bando de aves ao levantar-se num campo ou ao fugir de uma árvore.

Ludunt... agni — Muito apropriado nos parece o verbo *ludo* aplicado à vida dos cordeiros.

OBRA POÉTICA DE DIOGO MENDES DE VASCONCELOS 229

- 15-16 — Há aqui um traço psicológico, denotando a influência da natureza na vida do homem. A Primavera dá alegria e boa disposição.
- 17-18 — Esta exclamação é a conclusão lógica de uma alma cândida, optimista e cristã.
- 19-20 — Este dístico marca uma oposição radical frente à citada ode de Horácio. Nestas duas concepções, o epicurismo e o cristianismo encontram-se face a face. A vida é bela, sim, mas só tem sentido quando é orientada para o fim último do homem — a felicidade resultante da fruição de Deus.

AS TRADUÇÕES MÉTRICAS DO GREGO

Excepto os versos traduzidos de Dionisio Periegetes, as restantes

12 composições que Diogo Mendes de Vasconcelos traduziu do grego são epigramas tirados da *Antologia Palatina*. Esta volumosa obra, começada por Meleagro no século I a.C. e depois continuamente acrescentada até ao fim da Idade Média, teve a sua edição «princeps» em Florença, no ano de 1494. Três edições apareceram até 1550, em Veneza; outra, de Florença é de 1519; e também em Paris foi publicada uma edição em 1531.

No tempo em que Vasconcelos estudou — e lembremos que ele frequentou o Colégio de Guiana, em Bordéus, e várias universidades francesas, desde 1538 a 1548 — havia já, pois, largas possibilidades de ter sido iniciado no conhecimento da *Antologia Palatina*. Pode ser até que algumas destas traduções, se não todas, sejam da época da sua estadia em França, uma vez que foi também enquanto estudante em Paris, que seu primo e condiscípulo Miguel Cabedo traduziu Aristófanes. Nada impede, porém, pensar que Vasconcelos tenha trazido consigo para Portugal a valiosa obra e se tenha ocupado no trabalho de tradução em épocas diferentes da sua vida.

Concretamente, apenas podemos dizer que estas versões são anteriores a 1591, pois vêm todas incluídas na *Vita Gondisalui*, não nos sendo possível determinar melhor a data da elaboração de qualquer delas. Temos, no entanto, indícios de que Vasconcelos mantinha o culto da perfeição e se esforçava por retocar a sua obra mesmo depois da publicação. Com efeito, o exemplar da *Vita Gondisalui* existente na Biblioteca Pública de Évora contém, manuscritas, outras tentativas de tradução metrificada (que julgamos serem do próprio punho de Vasconcelos) dos epigramas a que damos os números XXIII e XXIV.

Entre os milhares de epigramas que constituem o vasto manancial d.a *Antologia*, Diogo Mendes de Vasconcelos seleccionou nove autores, indo buscar as poesias apenas a quatro capitulos : — os dedicados às composições sepulcrais, demonstrativas, exortativas e satíricas. Os autores são bastante secundários, como a maioria dos incluídos na *Antologia*. A cada um deles faremos breve referência no lugar próprio.

A edição de que nos servimos foi a *Epigrammatum Anthologia Palatina cum Planudeis et appendice noua (...) Apparatu critico et breui commentario instruxit Fred. Diibner (...) Parisiis, Editore Ambrosio Firmin Didot, s/d*. Procurámos seguir a ordem por que os autores aparecem na *Antologia*, alterando assim a sequência da *Vita Gondisalui*, onde os capitulos e autores vêm baralhados, não se vendo qual a intenção que pode ter presidido à sua distribuição. Parece-nos que há vantagem em dispor os epigramas segundo a ordem dos capitulos donde foram tirados, tanto mais que assim nos é possível apresentar também os autores cada um de per si, banindo por completo as repetições.

Para maior facilidade de comparação, transcreveremos, em cada caso, o texto grego correspondente. Do mérito da tradução iremos dando notícia sempre que nos pareça oportuno.

XIV

O capítulo VII da *Antologia Palatina* é todo dedicado a epigramas sepulcrais. Ai foi Vasconcelos buscar quatro autores, traduzindo um epigrama de cada um deles.

Este pertence a Árquias e tem no cap. VII da *Ant. Palat.* o n.º 140. É-nos grato começar pelo mestre de Cícero, em defesa do qual o grande orador romano proferiu o *Pro Archia*, em que faz um convincente elogio da poesia. Árquias nasceu em Antioquia da Siria, por 120 a.C. e pertenceu ao círculo de amizades de Licínio Lúculo Póntico, grande admirador das letras gregas e ele próprio escritor. De Árquias, que compôs um poema hoje perdido sobre a vitória de Mário contra os cimbros, apenas nos restam os 35 epigramas recolhidos na *Antologia Palatina*.

Vasconcelos traduziu um, dedicado a Heitor, o mais valente dos combatentes troianos, que tantas angústias fez passar aos gregos sitiadores de Tróia, também chamada ílio, mas que finalmente foi morto pelo valente Aquiles.

OBRA POÉTICA DE DIOGO MENDES DE VASCONCELOS 231

Eis os dois dísticos de Árquias, no original:

*Καί γενέταν τον νέρθε καί οννομα καί χθόνα φώνει,
στάλα, καί ποια κηρή δαμείς εθανε. —
Πατήρ μεν Πρίαμος, γά δ' Ἴλιον, οὔνομα δ' Ἐκτωρ,
ώνερ, νπερ πάτρας δ' ὄλετο μαρνάμενος.*

A tradução latina está feita com relativa exactidão. Note-se apenas que Vasconcelos no 2.º verso acrescentou as palavras *his genus e adicito*, e no 4.º verso suprimiu a interpelação da estela ao leitor

— *ώνερ (o homo)*, mas enriqueceu a expressão introduzindo *moenibus*.

O epitáfio é em diálogo. Árquias imaginou que um visitante parou diante do sepulcro de Heitor e interrogou a esteia sobre a identidade do morto (1-2). Nas *esteias* havia no geral uma estátua do morto e uma lápide com a inscrição.

O 2.º dístico é a resposta imaginária dada pela esteia. Observe-se que, na concisão da resposta, há certa solenidade (3-4).

XV

Este epigrama que tem o n.º 163 do cap. VII da *Antologia Palatina* é de Leónidas, poeta que nasceu em Tarento e que exerceu a sua actividade literária no primeiro quartel do século 111 a.C.. Temos dele uns cem epigramas autênticos. Tinha predilecção pela gente humilde, consagrando-lhe composições ora nupciais ora sepulcrais. Aqui trata-se de um curioso epigrama sepulcral, todo ele em vivo diálogo entre o visitante e a defunta.

O texto grego diz:

- a. Τις τίνος εὔσα, γύναι, Παρίην νπό κίονα κείσαι;*
β. Πρηζῶ Καλλιτέλενς. α. Καί ποδαπή; β. Σαμίη.
a. Τις δε σε καί κτερέϊζε; β. Θεόκριτος, ω με γονήες
*εξέδοσαν. α. Θνήσκεις δ*εκ τίνος; β. Ἐκ τοκετον.*
a. Εύσα πόσων ετέων; β. Δύο κείκοσιν. α. ~Η ρά γ'άτεκνος;
β. Οὔκ, ἄλλα τριετή Καλλιτέλην ελιπον.
a. Ζωοί σοί κείνός γε, καί ες βαθύ γήρας ἴκοιτο.
β. Καί σοί, ζεῖνε, πόροι πάντα Τύχη τα καλά.

Nos dois primeiros versos a tradução corresponde bastante bem. Note-se, apesar disso, que enquanto o grego diz que a morta está sepultada sob *uma coluna de Paros*, isto é, de mármore da ilha de Paros, o latim suprimiu este pormenor.

Em contrapartida, no 3.º verso Vasconcelos foge ao grego não dizendo o nome do marido de Prexo. Em vez de *uiri* devia estar *Theocritus*, mas esta palavra não se adaptava ao metro e tinha duas sílabas a mais para se poder manter o resto do verso latino.

De maior importância são ainda as modificações introduzidas a partir do verso 5. O grego pergunta: *Quantos anos tinhas?* Neste caso a equivalência ainda é satisfatória, mas a resposta ocupa em Vasconcelos um verso e meio, enquanto em grego só há duas palavras, a que deveria corresponder o latim *duo et uiginti*. Em vez disto há uma perífrase e o acrescento: *haec mihi meta fuit*, de que não há rasto no grego.

Assim, ao final do verso 5.º do grego corresponde já em latim o verso 7.º, também parafraseado. Note-se, todavia, o gosto clássico deste desenvolvimento — o uso de *rapio* e o atributo *dulci* aplicado a *prole*.

Os versos 6 e 7 do grego têm equivalência quase perfeita nos versos 8 e 9 latinos. Como fruto da amplificação anterior aparece ainda no verso 8 latino o diminutivo *filiohum*.

No último verso a palavra *Τύχη* foi substituída por *Superi*, certamente porque a divindade grega, com o seu sentido de destino, fatalidade, quadrava mal aos sentimentos cristãos de Vasconcelos. Sobre *Superi* ver II, 74. A palavra *precor* não tem correspondente directo no grego, mas em compensação foi suprimido o vocativo *ξένε*, que podíamos traduzir aqui por *visitante*.

XVI

Tem o n.º 260 do cap. VII da *Antologia Palatina* este epigrama, da autoria de Carfilides, personagem mal conhecida. O único epigrama que dele nos resta, e que foi muito apreciado na Antiguidade, é este que Vasconcelos traduziu.

*Μη μέμριτ) παριών τα μνήματά μου, παροδίτα'
 ούδεν έχω θρήνων αξίον ονδε Θανών.
 Τέκνων τέκνα λέλοιπα' μής άπέλανσα γυναικός
 συγγήρον' τρισσοίς παισίν έδωκα γάμονς,*

OBRA POÉTICA DE DIOGO MENDES DE VASCONCELOS 233

εξ ὄν πολλάκι παῖδες εμοῖς ενεκοίμισα κόλπο ις,
ονδενος οἰμώζας ον νόσον, ον θάνατον,
Ο1 με κατασπείσαντες ἀπήμονα, τον γλνκνν νπνον
κοίμασθαι, χώρην πέμχραν επ ενσεβέων.

Trata-se de uma inscrição sepulcral, feita com delicado gosto, em que um velho considera normal a passagem da vida mortal à do além-túmulo. A elocução é toda colocada na boca do defunto que indica os motivos por que viveu feliz e não deve ser chorada a sua morte.

A tradução de Vasconcelos atinge aqui uma grande perfeição, aliada a uma fina sensibilidade para interpretar termos comuns do original.

1-3 — Há perfeita correspondência entre o grego e o latim.

4-5 — Enquanto o grego tem *παισίν* que significa genericamente «filhos», Vasconcelos determina o sexo, escrevendo *natas*, «filhas», para depois dizer que delas nasceram os *netos*. Também neste caso há uma feliz interpretação de *παῖδες*, vertido agora por *nepotes*.

6 — Tradução literal, perfeita.

7 — Há na primeira parte do verso, sobretudo no profundo sentido do grego, a expressão de felicidade de um avô que se sente acarinhado pelos seus netos. O ancião diz que estava de saúde e que os netos lhe tributavam as honras que lhe pertenciam.

7-8 — No final do epigrama há uma pequena diferença entre o grego e o latim. Em grego o sujeito de *πέμχραν* são os netos. À letra poderemos traduzir: *eles me enviaram para a região dos bem-aventurados a dormir o doce sono*. Vasconcelos fez da oração infinitiva uma oração temporal, burilou o sentido expresso em *γλνκνν*, escrevendo *blanda lumina* (note-se que *lumina* não está no grego), e finalmente concretizou a região dos bem-aventurados chamando-lhe os Elisios. Enquanto o grego fala do sono da morte, a tradução latina diz que o ancião morreu enquanto dormia.

Sobre os *Campos Elisios*, mencionados por Vasconcelos, baste dizer que se trata de um lugar em que os gregos imaginavam que se gozava da felicidade no além-túmulo. Outro lugar dessa felicidade, mencionado no texto grego, são as ilhas dos bem-aventurados. Para compreender o valor e significado destes mitos, nada melhor que o estudo *Concepções helénicas de felicidade no além*, tese de Doutorado da Prof.^a D. Maria Helena da Rocha Pereira (Coimbra, 1955).

XVII

Tem o n.º 434 (cap. VII) da *Antologia Palatina* este epigrama de Dioscórides que ali está representado por cerca de 40 composições, umas amorosas, outras de assuntos muito variados.

*Εἰς δὴ ἴων πέμψασα λόχους Ἀημαινέτη οκτώ
παῖδας, νπὸ στήλῃ πάντας εθαπτε μια.
Δάκρυα δ' ὄνκ ἐρρηξ' ἐπὶ πένθεσιν* ἀλλὰ τοῦ⁵ εἶπεν
μοννον' <<Ιώ, Σπάρτα, σοί τέκνα ταυτ ἐτεκον>>.*

Tem este epigrama características um pouco diferentes dos anteriores. Aqui há o elogio de uma mulher espartana, mas não se faz qualquer alusão a que estes versos sejam para a sua sepultura. A única sepultura de que se fala é a dos seus filhos. O Autor, porém, escreveu-o para servir de elogio no lugar da sepultura de uma mãe corajosa.

A observação mais importante que ressalta do confronto entre o texto grego e o latino é que, enquanto o primeiro tem dois períodos distintos, o segundo, servindo-se de subordinação, reuniu todo o epigrama num só período. Este processo está de acordo com o génio da língua latina que recorre mais a orações subordinadas, enquanto o grego é no geral mais simples e directo.

- 1-2 — O primeiro dístico seria uma tradução à letra, se Vasconcelos não tivesse suprimido o nome da mulher espartana. Dioscórides chama-lhe *Demenete*; Vasconcelos reduziu a identidade a um termo genérico — *genitrix*.
- 3 — Neste verso desenvolve-se o sentido de *δάκρυα* — *lacrimas gemitutumae* — e abrevia-se o final, suprimindo a adversativa e o pronome — *ἀλλὰ τὰδε* — que deveriam ter como equivalente *sed hoc: mas isto* disse apenas.

XVIII

Sob o título de *epigrammata demonstratiua* reúne a *Antologia Palatina* um grande número de pequenas peças dedicadas a vários assuntos: — a uma árvore, a uma fonte, a um cego e coxo, a Homero, a Micenas, etc.. Deste capítulo IX tirou Vasconcelos dois epigramas. O primeiro tem o n.º 618 e é da autoria de Leoncio, poeta de quem apenas

OBRA POÉTICA DE DIOGO MENDES DE VASCONCELOS 235

sabemos que foi um escoliasta (comentador dos autores da Literatura Grega) e que viveu em Constantinopla.

*Λωτον ερεπτομένονς προτέρων ον ψενσατο μνθος'
πίσιν ἀληθείης τοντο το λοντρον εχει.
Εἰ γάρ ἀπαξ καθαροίοι λοεσσοεται νόασιν ἀνήρ,
ον ποθέει πάτηην, ονκ ἐθέλει γενετας.*

Não é frequente na *Antologia* os epigramas terem título. Este, porém, traz uma indicação inicial que diz: *A outros banhos, em Bizâncio*. É que já nos n.ºs 614, 615 e 617 aparecem epigramas de Leoncio a banhos, no primeiro caso em Zeuxipo, no segundo em Esmirna. O n.º 617 diz simplesmente que é a uns banhos frios.

A chave deste epigrama está no mito dos lotófagos de que Homero nos fala na *Odisseia*, IX, 94 e segs. Aí se lê que havia um povo que se alimentava de *loto*, planta cujo fruto tinha a propriedade de fazer esquecer a Pátria a quantos estrangeiros dele se alimentavam. O poeta Leoncio, para dar realce ao agrado que os banhos da grande cidade do império grego produziam, compara-os com o loto da velha fábula.

A tradução de Vasconcelos é toda ela correcta e apropriada. Saliente-se até o espírito de concisão e fidelidade à tradição, ao verter as duas palavras iniciais gregas que significam *os que se alimentam de loto*, por uma só, de perfeita composição helénica, exactamente com o mesmo sentido. Quanto à sintaxe, o latim mantém um acusativo de relação ou limitação, também chamado acusativo grego.

A substituição de duas palavras por uma só, no 1.º verso, teve como consequência a necessidade de introduzir no latim uma outra que acertasse o ritmo. Assim apareceu *uatum*, que está implícita no grego *προτέρων*. Vasconcelos torna assim explícita a alusão à narrativa de Homero.

Nos restantes três versos as equivalências são aceitáveis, notando-se apenas as variações necessárias para que a tradução resulte dentro da métrica do dístico elegíaco.

XIX

Macedónio, autor deste epigrama (*Ant. Palat.* IX, 648), foi cônsul e desempenhou vários cargos na Corte de Justiniano. É portanto já do século vi d.C. este poeta, de quem se sabe que era natural de Tessalónica.

*Ἄστος εμοί καί ξεῖνος ἀεὶ φίλος' ὃν γάρ ερενναν
τις, πόθεν, ἢε τίνων, ἐστι φιλοξενίης.*

O dístico é precedido em grego pela indicação de que era destinado a uma casa em Cíbira. O título latino não mantém a simplicidade desta informação. Interpreta-a dizendo que o epigrama fora escrito para ser colocado *às portas de uma hospedaria*, mas omite um dado concreto : que a casa em questão estava situada em Cíbira, cidade da Ásia Menor.

Está este epigrama bem dentro da tradição grega que considera os hóspedes e peregrinos como enviados de Zeus (cf. *Odisseia VI, 206-208*). Este sentimento estava, em Macedónio, já dulcificado pela doutrina cristã que tem no amor do próximo o seu mandamento maior (cf. *Evangelho de S. João, XIII, 34*).

Na sua simplicidade, o epigrama é rico de conteúdo. Vasconcelos manteve com perfeição o sentido do grego. Apenas no hexâmetro substituiu *αἰί* (*semper*) por *uter que* (*um e outro*).

XX

O capítulo X da *Antologia Palatina* é dedicado aos *epigrammata exhortatoria* em que no geral são tratados temas de carácter moral e filosófico. Aí se encontra, com o n.º 26, o epigrama que temos presente.

O seu autor é o mais conhecido de quantos Vasconcelos traduziu:

— Luciano de Samósata. Trata-se do célebre escritor, céptico, cínico e satírico, que, nascido cerca de 125 d.C. e falecido antes de 192, consagrou o seu nome com os *Diálogos dos Mortos*. A tendência filosófica de Luciano inspirou-lhe este epigrama cheio de sentido prático da vida e de moderação.

*Ἦς τεθνηζόμενος τῶν σὸν ἀγαθῶν ἀπόλαυε,
ὡς δε βιωσόμενος φεῖδεο σὸν κτεάνων.
Ἔστι δ' ἀνήρ σοφός ὄντος, δς ἀμφω ταντα νοήσας
φειδοῖ καί δαπάνη μέτρον εφηρμόσατο.*

Vasconcelos traduziu com ligeiras adaptações. No 2.º verso não repete *as tuas riquezas* e por isso desenvolve o sentido implícito em *ὡς βιωσόμενος* — *como se houveses de viver muito*. O 3.º verso, como o 1.º, mantém com perfeição as equivalências. No 4.º verso,

OBRA POÉTICA DE DIOGO MENDES DE VASCONCELOS 237

porém, o latim *utrumque* refere-se ao conceito expresso no primeiro dístico, enquanto o grego se exprime de novo com precisão : — *o meio termo entre a parcimónia e a prodigalidade.*

Apesar de Luciano ter sido um adversário e remoecedor dos cristãos, este seu dístico podia ser assumido pela sabedoria cristã que condena os avaros, mas também não aprova os perdulários.

XXI

O último capítulo da *Antologia Palatina* onde Vasconcelos foi buscar matéria para as suas traduções é o dedicado aos *epigrammata coniuualia et irrisoria* (capítulo XI). A tradição das canções de mesa é antiga na Grécia, onde os *σκόλοα* tinham várias modalidades, desde a religiosa, à épica e ao desafio. Em Roma, pensam os historiadores da Literatura que os *carmina coniuualia* foram os antepassados da poesia épica de Nívio e Énio, pois neles se cantariam os feitos das famílias patricias. Na época helenística, porém, estes cantos adquirem um tom de gracejo que os associa aos versos mordazes.

O único autor de quem Vasconcelos traduziu mais que um epigrama foi Lucílio, personagem mal definida. Supõe-se que viveu no tempo de Nero, portanto no século I d.C. A sua representação na *Antologia* é abundante— 124 epigramas, dos quais Vasconcelos traduziu quatro.

O que tem o n.º 75 (cap. XI)graceja com um jogador de luta, que em combates sucessivos deformou o seu rosto. A transformação fisiológica foi tal que, quando lhe morreu o pai, um seu irmão não o reconheceu e negou-lhe a parte da herança que lhe pertencia. Apresentada a queixa ao juiz, este, servindo-se de um retrato trazido pelo irmão e comparando a imagem do passado com o estado presente, declarou que o jogador não era filho do morto e que, portanto, se tratava de outra pessoa.

*Οντος ό ννν τοίοντος 'Όλυμπικός είχε, Σεβαστέ,
ρίνα, γένεων, όφρυν, ώτάρια, βλέφαρα-
είτ άπογραχρά μένος πνκτης άπολώλεκε πάντα,
ώστ εκ των πατρικών μηδέ λαβεϊν το μέρος'
εικώνων γάρ άδελφός εχων προενήνοχεν αντον,
καί κέκρυτ αλλότριος, μηδέν ομοιον εχων.*

A tradução latina pode considerar-se boa nos primeiros quatro versos. Os dois últimos apresentam alterações de vulto.

- 1 — Lucílio parece dirigir-se ao Imperador, pois escreve *Σεβαστέ*, palavra que se costuma traduzir por *Augusto*, como título imperial. Vasconcelos omitiu esta palavra retirando assim ao epigrama o seu destinatário. *Olim* reforça o sentido de *εἶχε*, em que se pode considerar implícito.
- 2 — O verso grego é todo preenchido com a menção das partes da cabeça que o pugilista perdeu nas lutas. O facto de Vasconcelos ter arrastado para este verso o predicado *habuit* que no grego está no 1.º verso (*εἶχε*), fez com que tivesse de se omitir um pormenor. O grego diz que o lutador tinha perdido *olhos e sobrancelhas*. Vasconcelos não menciona as sobrancelhas.
- 3 — *Armis* reforça o sentido da primeira parte do verso grego.
- 4 — A tradução dá como um facto que o pugilista *não tem* a herança paterna, enquanto o grego diz que ele *não a veio a receber*, como se explica no dístico seguinte.
- 5-6 — O texto latino parece-nos prestar-se um pouco a confusão. A tradução do grego é clara : (v. 5) — *Com efeito, tendo seu irmão um retrato dele, apresentou-o / (6) e foi decidido em juízo que se tratava de outro, pois que não havia semelhança*

Vasconcelos modificou o verso n.º 5, embora fundamentalmente os elementos sejam os mesmos. Tornou, porém, mais claro o sentido da disputa em tribunal, introduzindo o termo *iudex*, apenas implícito em *κέκρίται*.

No 6.º verso damos a *credidit* o valor de *decidiu* não só porque corresponde melhor ao original, mas também para evitar a aliteração e figura etimológica de fraco sentido *o juiz julgou*, dado que o verbo *julgar* também se usa com o valor de *supor*.

Vasconcelos não traduz à letra as três palavras finais do grego. Segundo o latim, o juiz decidiu que se tratava de um *homem diferente e dissemelhante*. O grego é mais claro : o juiz decidiu que se tratava de outro homem, *porque não havia semelhança* entre o *εἰκότιον* (estatuetta, imagem ou retrato) e o pugilista deformado.

XXII

É também de Lucílio este epigrama que tem o n.º 78 do cap. XI da *Antologia Palatina*.

O título latino diz-nos apenas que se trata de *outro* epigrama. Seria mais perfeito se dissesse como no epigrama a que damos o

n.º XXIV — *aliud in eundem: outro, ao mesmo*. Trata-se, de facto, de outro epigrama a um pugilista, mas agora põe-se em relevo que o corpo do atleta está todo golpeado.

*Κόσκινον ἢ κεφαλή σου, ὅ Απολλόφανες, γεγένηται,
ἢ των σητοκόπων βιβλιαρίων τα κάτω*
όντως μυρμῆκων τρυπήματα λοζά και ορθά,
γράμματα των λυρικών Λύδια και Φρυγία.
Πλήν ἀφόβως πύκτενε· και ἦν τρωθης γάρ άνωθεν*,
ταῦθ δσ εχεις, ἔξεις* πλείονα δ'ου δύνασαι.*

A tradução dos dois primeiros disticos é muito próxima do original ; o último apresenta uma forma bastante diferente.

1 — Temos aqui o nome do pugilista, Apolófanes. Não é o único caso em que Vasconcelos conserva o nome de pessoa a quem o epigrama se refere (XIV, XV, XXIII); mas traduções há também em que se omite a concretização pessoal (XVII, XXI).

2 — O qualificativo *pigra*, referido à traça, é da responsabilidade de Vasconcelos.

3-4 — *Lyrieisque figuris* tem como equivalente no grego *γράμματα τών λυρικών* — a escrita, os sinais dos líricos. Da Lídia e da Frigia

— diz-nos a historia da Música — importou a Grécia *modos* musicais. A lira é um instrumento de corda que acompanhava cantos ou executava solos. A simbolização da melodia fazia-se por sinais

—*figuras*, como hoje se lhe chama ainda — que ofereciam aspectos complicados. Daí foi tirado o paralelo com o corpo do pugilista, cheio de feridas e contusões.

5 — Para a primeira parte do verso grego ainda se encontra equivalência na tradução, mas a partir daí Vasconcelos desviou-se por completo, a ponto de parecer seguir outro texto. O grego diz: *Com efeito, ainda que sejas ferido por cima, ficarás com as feridas que tens; não podes ter mais*. Vasconcelos introduziu a circunstância de o pugilista oferecer a *cabeça nua ao ferro*; suprimiu a bela expressão *ταῦθ δσ³ ἔχεις, εἰς εἰς*; e construiu, em contrapartida, uma paráfrase para a parte final do último verso grego.

A menção do ferro parece-nos até um pouco estranha. A luta grega tinha aspectos semelhantes ao actual boxe. Era com os punhos. É possível que a palavra *ferro* se refira a umas pequenas bolas de metal que o pugilista levava nas correias com que cobria os punhos, para tornar o soco mais contundente.

XXIII

Este epigrama de Lucílio ocupa o n.º 391, cap. XI, da *Antologia Palatina*. A intenção satírica é evidente. Um avarento, ao ver um rato em sua casa, julga que lhe vai roubar alimentos. O rato informa-o de que apenas procura pousada!

Mῦν ⁵*Ἀσκληπιάδης* ο *φιλάργγυρος* εἶδεν ἐν οἴκῳ,
 και «*Τι ποιεῖς, φησιν, φίλτατε μῦ, παρ*⁵ *ἐμοί;*»
Ἡδὺ ὅσῳ *μυς* γελάσας, «*Μηδέεν, φίλε, φησί, φοβηθῆς,*
οὐχί τροφῆς παρά σοί χρῆζομεν, ἀλλά μονῆς.»

A tradução é uma das mais fiéis e felizes de Vasconcelos. A correspondência do 1.º verso é perfeita. No 2.º verso suprime-se *φίλτατε*—rato amigo, mas desenvolve-se *παρ*⁵ *ἐμοί* em *nostris aedibus*. Particularmente feliz nos parece, no contexto, a tradução de *ἡδύ...* *γελάσας* por *subridens*, palavra que sublinha bem o tom satírico da resposta do rato.

XXIV

Embora na *Antologia Palatina* este epigrama de Lucílio tenha o n.º 294 do cap. XI e portanto esteja antes do que acabámos de estudar, temos como certo que Vasconcelos fez primeiro a tradução do anterior. Assim no-lo leva a crer o título que claramente afirma tratar-se de um outro epigrama sobre o mesmo assunto acabado de versar. Por isso alterámos, neste caso, o critério de ordenação por nós estabelecido.

Há uma fina ironia neste simples dístico. Sendo rico, o avarento é um louco porque vive na miséria e da sua riqueza só os herdeiros se hão-de aproveitar.

Πλούτον μὲν πλουτοῦντος εχεις, ψυχὴν δὲ πένητος,
ὦ τοῖς κληρονόμοις πλούσιε, σοί δὲ πένης.

A tradução é plenamente aceitável. Note-se apenas que o começo é em grego mais expressivo, porque estabelece um paralelo perfeito entre a primeira parte e a última do verso. Diz o grego: *Tens a riqueza de um rico, mas a alma de um pobre*. Que belo sabor de sátira tem o verso final! Quanto à pontuação, mais uma vez só o *Corpus Poetarum* coloca o ponto de admiração; as edições do século xvi têm ponto final.

XXV

Guardámos para o fim este epigrama que se encontra na *Antologia Palatina* também entre os *de mesa e satíricos* (n.º 343, cap. XI), porque se desconhece quem é o seu autor. O texto grego diz apenas para o n.º 342 — ' *Αδέσποτον (sem dono)*; e para o n.º 343 tem simplesmente a indicação — *άλλο (outro)*, entendendo-se, portanto, que é também de autor anónimo.

Vasconcelos seguiu neste epigrama um processo diferente. Em vez de fazer uma tradução literal, preferiu amplificar o conteúdo do texto grego, transformando os quatro versos do original em oito versos latinos. Para melhor se apreciar a diferença entre o grego e o latim, faremos deste epigrama uma tradução completa segundo o original.

*Σιλβανος δύο παῖδας εχων, ΟΙvόν τε και *Υπνον,
 ούκέτι τάς Μούσας, ονδε φίλους φιλέει'
 άλλ* ό μεν εκ λεχέων νιν εύρροος ες φρένα θέλγει,
 άλλος δ³εσ θαλάμους ρεγχόμενον κατέχει.*

*Tendo Silvano dois filhos, o Vinho e o Sono,
 Já não estima as Musas nem os amigos;
 Mas um deles, correndo docemente, acalma o seu espírito ao sair do leito;
 O outro retém-no, fazendo-o dormir no tálamo.*

Silvano é um deus campestre, guardião dos limites das propriedades. Eram os pastores que principalmente lhe prestavam culto, oferecendo-lhe leite ou mesmo um porco. Com esta vida fácil e calma compreende-se que se desse ao vinho e ao sono. Estes dois defeitos faziam-no prostrar-se longamente na cama, afastando-se portanto do convívio com as Musas e amigos.

Há aqui uma sátira aos sonolentos e bebedores. Vasconcelos aproveitou o tema para lhe dar desenvolvimento, tirando mesmo a lição moral.

1 — O primeiro verso latino está em correspondência quase perfeita com o grego.

2 — Deste verso só está no grego a palavra equivalente a *diligit*, e mesmo assim, precedida de negativa e com complemento directo diferente.

Pode portanto considerar-se um desenvolvimento de Vasconcelos, em que se nota a terminologia afectiva própria do nosso Autor.

- 3 — É também original este verso. Nele se faz a aplicação directa do caso aos loucos que caem nos mesmos defeitos de Silvano. Só a palavra *amicos*, ligada ao verso seguinte, se encontra no verso 2 do grego.
- 4 — Com a última palavra do verso anterior, temos aqui um desenvolvimento do «pentâmetro» inicial. Note-se a amplificação dada à palavra *Μούσας* — o coro de Febo e das Piérides.
- 5-6 — Este dístico corresponde ao verso 3 do grego. Suprimiu-se a menção do leite, talvez porque vai aparecer no verso seguinte. No grego há insistência: *εκ λεχων... ες θαλάμους*; no latim há variedade.

Observe-se a bela paráfrase em que foram transformadas as palavras o *μεν*, referidas ao vinho, e o seu qualificativo *έύρροος* — *largo dulcique liquore*.

Em vez de *εκ λεχων* temos a novidade das *taças cheias*.

- 7-8 — Um dístico inteiro em substituição de um só verso elegíaco (o n.º 4 do grego). Quase a cada palavra grega corresponde um desenvolvimento em latim. Predominam, uma vez mais, em Vasconcelos, as palavras que exprimem sentimentos ternos ou que têm valor impressionista.

Como já várias vezes nos referimos à afectividade característica do estilo de Vasconcelos e às suas tendências simbolistas, sem que nos tivesse sido possível descer, em cada caso, a indicações concretas, vamos anotar aqui as expressões que, nesta composição, não se encontram literalmente no grego e que revelam a personalidade do nosso Autor: *amplexu perpetuoque fouet*; *fidus amicos*; *Phoebi Pieridumque chorum*; *largo patrem dulcique liquore*; *inh exhaustis exhilarans cyathis*; *mollibus in stratis*; *blando... sopore*.

XXVI

O *título* desta composição é explícito : — trata-se dos últimos versos do poema *Descrição da terra*, da autoria de Dionisio, vertidos para grego por Vasconcelos. A figura de Dionisio tem hoje para nós pouca importância. No século xvi, porém, os seus versos eram bem conhecidos, comentados e editados, talvez porque então se vivia o desvanecimento da descoberta e descrição do novo mundo.

OBRA POÉTICA DE DIOGO MENDES DE VASCONCELOS 243

O pai de Dionisio foi gramático, bibliotecário e secretário dos Imperadores, desde Nero a Trajano. A obra que perpetuou o nome de Dionisio foi a sua *Περιήγησις τῆς οἰκουμένης* (*Descrição do mundo*), composta de 1187 hexâmetros, em que começa por descrever a África, depois passa à Europa e finalmente percorre a Ásia, terminando junto do Ganges. Nomeia mares, montes e cidades; faz breve história dos povos e até alusões e explicações mitológicas.

Com a edição que consultámos (Basileia, 1523), iniciava a tipografia de João Bebélio as suas actividades. É saboroso observar como o tradutor latino, Iacobus Ceperinus, fala com entusiasmo do prestígio de Dionisio, «de espírito verdadeiramente admirável e africano», capaz de descrever «em poucos versos» tão numerosas e variadas regiões do globo. «Não há ninguém verdadeiramente literato — diz Ceperinus — que não deseje ter na sua biblioteca estes belíssimos versos, pois muitos homens doutos, tanto antigos como modernos, se deleitaram com a sua leitura e deles fizeram traduções e comentários. A *Περιήγησις* de Dionisio mereceu ser traduzida por Festo Rufo Avieno, Fânio Rémnio e, entre outros, por Prisciano, e teve como comentadores Eustácio, entre os gregos, e João Camertes, entre os modernos.»

O texto traduzido por Vasconcelos corresponde, de facto, aos últimos versos de Dionisio. O poeta greco-romano concluíra a sua descrição geográfica e vai pôr agora ao seu poema um remate definitivo. O primeiro verso aqui traduzido indica, portanto, uma ligação com os antecedentes: *Tantos são, com efeito, os povos insignes que existem sobre a terra.*

*Τόσσοι μὲν κατὰ γαῖαν ὑπέρτατοι ἀνρδες εἰσιν
ἄλλοι δ' ἐνθα καὶ ἐνθα κατ' ἠπειρούς ἀλόωνται
μυρίοι' οὐς οὐκ ἂν τις ἀριφραδέως ἀγορεύσει
θνηθός ἐών'· μούνοι δὲ θεοὶ ρέα πάντα δύνανται'*

- 5 αὐτοὶ γάρ καὶ πρῶτα θεμεΐλια τὸρνώσαντο.
Καὶ βαθύν οἶμον εδειξαν ἀμέτρητο 10 θαλάσσης'
*αυτοὶ δ' ἐμπεδα πάντα βίω διετεκμήραντο,
ἄστρα διακρίναντες' ἐκλήρωσαντο δ' ἐκάστω
μοῖραν εχειν πόντοιο καὶ ἠπειροιο βαθείης**
- 10 *τω ρά καὶ ἀλλοίην ρυσμοῦ φύσιν εἶλαχ' ἐκάστη'*
*ἢ μὲν γάρ λευκὴ τε καὶ ἀργινόεσσα τέτυκται,
ἢ δὲ κελαινοτέρη, ἢ δὲ ἀμφοτέρων λάχε μορφὴν,*

- ἄλλη δ⁵ Ἀσσυρίης ἐναλιγκίη ἀνθεσι μίλτον'
 ἀλλαι δ' ἄλλοια, Γ τῶς γάρ μέγας ἐφράσατο Ζεὺς'
 15 ὄντω δ⁵ ἀνθρώποις ἐτεροίῃα πάντα τέτνκται'
 ἡμεῖς δ⁵ ἠπειροί τε καὶ εἰν ἀλί χαίρετε νήσοι,
 νδατά τ ὠκεανοῖο, καὶ Ἰερά χενματα πόντον,
 καὶ ποταμοί, κρήναι τε, καὶ ὄνρεα βησσηέντα'
 ἤδη γάρ πάσης μεν ἐπέδραμον οἶδμα θαλάσσης,
 20 ἤδη δ⁵ ἠπειρῶν σκολιον πόρον' ἀλλά μοι νμνων
 ἀντῶν ἐκ μακάρων ἀντάξιος εἶη ἀμοιβή.

A tradução latina de Vasconcelos não é muito feliz. Por vezes cinge-se à letra, mas casos há em que foge ao original, quer suprimindo palavras ou expressões quer sobretudo entregando-se a desenvolvimentos e a interpretações pessoais. Assim, dos 21 versos gregos surgiram 28 versos latinos. E não se pode dizer que todas estas ampliações tenham a beleza das que foram apontadas para o epigrama XXV.

- 1-2 — *Latissima* não está no 1.º verso grego, mas podemos considerar esta palavra implícita em *δ' ἐνθα καὶ ἐνθα κατ' ἠπείρονος* — expressão que não foi traduzida.
- 3 — Julgamos que *humani... facti* corresponde à bela expressão grega *θνητὸς ἐὼν* (v. 4). A equivalência não nos satisfaz. *Nec dicere* é um desdobramento de *ἀγορευσοι*, já traduzido em *scire*.
- 4 — Este verso, em grego, tem todo ele majestade. A parte referente aos deuses não podia ser traduzida por um cristão sem uma adaptação. Outra vez nos parece que Vasconcelos não foi muito feliz. Além do *poder*, introduz a *vontade* de Deus, mas sem beleza e com perda da concisão.
- 5-7 — O verso 5, no grego, é límpido: *Foram eles [os deuses] que estabeleceram os primeiros fundamentos [do mundo]*. Em Vasconcelos há primeiro uma tradução literal e depois um desenvolvimento que ocupa os versos 6 e 7. O facto de estes versos serem do Tradutor e de se encontrar ali a palavra *semina*, que aparece também nas descrições virgilianas da origem do mundo (*Buc. VI, 32; Aen. VI, 731*) fez-nos suspeitar que houvesse tentativa de imitação. Cremos, todavia, que tal se não dá, neste caso. O desenvolvimento começa por uma comparação aceitável, mas cai logo na frieza das descrições científicas.

OBRA POÉTICA DE DIOGO MENDES DE VASCONCELOS 245

- 8-9 — Também estes dois versos correspondem a um só em grego, que na sua simplicidade vale mais que os dois latinos. Diz o original: *[Os deuses] abriram o caminho profundo do mar imenso*. A *ἀμειπρήτοιο* corresponde a perífrase *pelagique negatas scire uias*. O resto do verso 9 é da lavra do Tradutor. Diga-se que, desta vez, o acrescento está dentro do gosto clássico e tem até sabor homérico.
- 10 — Este verso quer corresponder ao que no grego tem o n.º 7, o qual se liga ao seguinte deste modo: *Os próprios [deuses] determinaram tudo o que na vida tem de acontecer, orientando os astros*. Em Vasconcelos *unde* parece estabelecer uma relação com o mar, como se os *benefícios* nos viessem do mar. De facto, assim entenderam a edição de *Roma* e o *Corpus Poetarum*, que depois de *uelis* têm uma vírgula e não o ponto final que se vê na *Vita Gondisalui*. Devemos por isso ligar o sentido de *unde* a Deus. O pensamento do grego perde-se, e com razão. Dionísio estava ligado ao fatalismo da religião grega; Vasconcelos não podia aceitar que fossem os astros a determinar os sucessos humanos.
- 11-12 — Aproveitando a sugestão da astronomia, Vasconcelos coloca os astros a presidir apenas aos movimentos da terra e do mar, como Dionísio também faz nos versos 8-9.
- 13 — A maior parte deste verso corresponde ao verso 10 do grego.
- 14-15 — Estes dois versos são da autoria do Tradutor. Foram forjados como ligação, que de facto não fica mal. De reprovar, só o facto de fugirem ao original.
- 16 — A correspondência deste verso com o n.º 11 do grego é aceitável.
- 17^a — Corresponde às primeiras palavras do verso 12 do grego, cuja segunda parte ficou por traduzir.
- 17M8 — Temos aqui uma adaptação do verso 13 do grego, que é bem mais expressivo: *outra ainda é semelhante às flores cor de vermelhão da Assíria*.
- 19^a — O princípio deste verso equivale à primeira parte do verso 14 do grego. A segunda parte tinha realmente que ser suprimida ou adaptada por um poeta cristão, pois diz: *assim estabeleceu o grande Zeus*.
- 19^b-20 — O texto latino não deixa de ser belo, mas o verso 15 que lhe corresponde em grego tem a singeleza de uma sentença: *assim, aos homens tudo acontece de modos variados*.
- 21 — Começa a última despedida aos elementos da natureza. Dionísio é bem claro (16-18): — despede-se da terra, das ilhas, das águas do oceano, das ondas do mar, dos rios, das fontes e das montanhas.

- A expressão *longe dissita ponto* é, portanto, o equivalente a *ilhas*.
- 22 — Vasconcelos insiste numa despedida à *terra vizinha do mar*, enquanto o grego muda o objecto da despedida e fala de *águas*; depois repisa a despedida à *terra rodeada de ondas por todos os lados*, ao passo que o grego se despe das *correntes sagradas das profundidades marinhas*.
- 23 — Deste verso so há no grego o equivalente a *fluuii*. A despedida às Oceânides é, portanto, um elemento poético introduzido por Vasconcelos.
- 24 — Também a despedida às praias é só do latim.
- 25 — Eis-nos na conclusão. Este verso equivale ao n.º 19 do grego, apenas com a introdução de *undosi* que qualifica bem o mar.
- 26 — Corresponde todo o verso só à primeira parte do n.º 20 do grego. Aqui inicia já Dionisio o voto derradeiro que lhe ocupa o resto do verso 20 e todo o verso 21 : *Oxalá que pelos meus versos eu receba dos próprios bem-aventurados a merecida recompensa*.
- 27-28 — Vasconcelos interpretou perfeitamente o voto de Dionisio, mas acrescentou quase todo o verso 28. Este apêndice é uma expressão profundamente cristã. Dionisio pedia o *prémio que merecia*; Vasconcelos diz que a maior recompensa que lhe pode ser dada é a posse de Deus. Digna terminação esta para os trabalhos sobre textos giegos, se Vasconcelos tivesse feito esta tradução no fim das anteriores. Comparando, porém, o processo e as dificuldades desta tradução com a altura atingida em alguns dos epigramas, ficamos com a impressão de que Vasconcelos poderá ter começado por aqui, talvez ainda nos seus anos de estudante.

XXVII

Esta composição foi publicada pela primeira vez na edição do *De Antiquitatibus Lusitaniae* de 1593. Não é fácil, apesar disso, determinar com segurança a data em que foi escrita. Os manuscritos da grande obra de Resende e Vasconcelos foram aprovados pela Inquisição em 24 de Dezembro de 1591. Como, porém, o trabalho estava pronto, pelo menos, desde 1580, não sabemos se a poesia composta em honra de Resende já estava feita então ou se apenas foi escrita por ocasião da publicação da obra. É possível até que seja de data mais tardia, pois, não obstante a composição tipográfica ter sido executada durante o ano de 1593, a licença diocesana incluída na obra é já de 1594. Cremos,

OBRA POÉTICA DE DIOGO MENDES DE VASCONCELOS 247

porém, que esta poesia foi composta, tipograficamente, em 1593, pois se encontra em lugar já bastante avançado da paginação (na terceira folha do segundo caderno), após uma série de cartas introdutórias e após a *Vida de Resende*, mas antes do texto do *De Antiquitatibus Lusitaniae*. Entendemos, portanto, que as quatro folhas iniciais com as licenças, inclusive a do Senhor Arcebispo, e o louvor poético do censor diocesano, Luís da Silva Brito, foram introduzidas em 1594, mas o corpo da obra estava pronto na tipografia de Martinho de Burgos desde 1593. Podemos apenas concluir, portanto, que estes versos são de 1593 ou de data anterior.

O processo estilístico empregado por Vasconcelos é engenhoso. Para dar mais animação à poesia, humaniza a figura da antiga Lusitânia e fá-la aparecer a André de Resende. Os versos são colocados na boca da Lusitânia que se manifesta satisfeita com a obra de Resende.

O pequeno discurso reduz-se a uma comparação. A Lusitânia refere que Alexandre Magno, quando se encontrou perante o túmulo de Aquiles, revelou um sentimento de inveja por não ter quem cantasse os seus feitos como o herói de Tróia tivera Homero (1-9); compara então a Lusitânia a sua felicidade com a de Aquiles, pois lhe foi dado encontrar um cantor à sua altura (10-22); finalmente declara que a obra de Resende perpetuará as suas glórias e fará com que o seu nome seja admirado para sempre (23-27).

1-3 — Quando o filho de Filipe da Macedónia, Alexandre Magno (356(?) - 323), morreu, tinha já alcançado jus a ser considerado um dos maiores conquistadores militares da História. Tendo invadido a Ásia para dominar o Império Persa, visitou em 334 as ruínas de Tróia, onde prestou culto aos heróis gregos que morreram pela Pátria. Foi perante o túmulo de Aquiles que se passou o episódio evocado pela Lusitânia. Cícero, no *Pro Archia*, 24, conta o mesmo facto para fazer o elogio dos poetas.

4 — O Simoente é um afluente do Xanto ou Escamandro, célebre rio de Tróia.

São vários os passos em que Virgílio fala do Simoente e do Xanto. Eis uma passagem em que também lembra os dois num só verso: *...nusquam / Hectoreos amnes, Xanthum et Simoenta uidebol* (*Aen.* F, 633-634). Noutro passo há uma construção semelhante à de Vasconcelos: *Pabula gustassentTroiae, Xantumque bibissent* (*Aen.* I, 473).

- 5 — Sigeu é um cabo, junto de Tróia, onde os gregos ancoraram a sua esquadra e onde se encontrava o túmulo de Aquiles.
- 6 — Aquiles era descendente de Éaco, filho de Zeus e de Egina e célebre herói que tomou parte na expedição dos Argonautas.
- 7-9 — Os três versos de Vasconcelos são um desenvolvimento poético da frase atribuída por Cícero a Aquiles: *O fortunate, inquit, adulescens, qui tuae uirtutis Homerum praeconem inueneris!*
- 10-11 — *Nostrae gentis honos* — Vasconcelos já usou expressões equivalentes para D. Sebastião: *Lysiadum insigne decus* (II, 100) e para o Cardeal Alberto: *Gloria Pannonicae... gentis* (VI, 89). Já então aproximámos estes passos de Virgílio: *Troianae gloria gentis* (*Aen. VI, 767*).
- 12 — A palavra *titulis* é alusão clara ao *De Antiquitatibus Lusitaniae*. Assim vem na edição de 1593. Na edição de *Roma* esta palavra foi substituída por *populis*, redacção também adoptada pela edição de *Colónia*, o que é sinal de que esta depende daquela.
- 13 — *Antiqua ab origine* — Resende, no *De Antiquitatibus Lusitaniae*, diz que o nome desta província provém de Luso ou Liso (também chamado Lisio) e que este era filho de Dioniso ou *Liber*. Depois desta explicação começa a descrição dos mais antigos povos que habitaram a Lusitânia.
- 14 — Estes *monumentos* devem ser principalmente as inscrições encontradas por Resende.
- 15-17 — Vasconcelos, com esta afirmação posta nos lábios da Lusitânia, torna-se um defensor da veracidade histórica de André de Resende.
- 25-27 — Este processo de marcar a perenidade, servindo-se de elementos regulados pelas leis imutáveis da Natureza, é usado também em obediência aos moldes clássicos (cf. II, 102-105).

XXVIII

Este epigrama encontra-se numa compilação de papéis vários, pertencente ao Fundo Geral de Manuscritos da Biblioteca Nacional de Lisboa (cota FG, 8 571, fl. 103). Trata-se de uma folha impressa de um só lado, que andava solta. Imediatamente a seguir ao epigrama estão estas palavras, também impressas : *Auctore Iacobo Menoetio Vasconcello, nomini, celsitudinique eius addictissimo*, o que quer dizer em português : — *De Diogo Mendes de Vasconcelos, muito dedicado à sua família e a sua alteza.*

OBRA POÉTICA DE DIOGO MENDES DE VASCONCELOS 249

Podemos perguntar : — a que livro pertenceria esta folha ? Os caracteres tipográficos parecem-nos das oficinas de Martinho de Burgos, de Évora. Tratar-se-á de urna folha de algum livro impresso de Vasconcelos, que nós desconhecemos ou antes de uma composição impressa em qualquer outro livro? A busca que fizemos às obras impressas no século XVI na tipografia de Martinho de Burgos não deu qualquer resultado positivo.

O *título* informa-nos suficientemente da ocasião em que a poesia foi feita. Após dez anos de administração como Vice-Rei de Portugal (1583-1593), o Cardeal Alberto foi chamado por seu tio para Madrid, pois Filipe II pretendia obter para o sobrinho a mitra arquiépiscopal de Toledo.

O Cardeal-Arquiduque parte de Lisboa a 16 de Agosto de 1593. No dia 20 entrava em Évora, recusando-se a ser recebido com grandes pompas. Apesar disso, os mais íntimos ainda o homenagearam. Foi para essa ocasião que Vasconcelos compôs este epigrama, bem adaptado às circunstâncias.

Vimos já (VI, 134-140) que Vasconcelos em 1583 expressara o voto de que o Cardeal Alberto ainda viesse a cingir a tiara pontifícia. Agora o último dístico proclama felizes os povos que ele for governar. Vasconcelos não poderia prever a evolução desconcertante dos acontecimentos. Em 1594 o Cardeal Alberto, apesar de simples diácono, foi de facto nomeado Arcebispo de Toledo. Não chegou, porém, a receber a sagração episcopal, nem sequer o presbiterado, porque em Fevereiro de 1595 morreu na Flandres seu irmão, o Arquiduque Ernesto, e Filipe II decidiu mandar o sobrinho Cardeal substituir o defunto no governo dos Países Baixos. O plano de Filipe II foi até mais longe. O Arquiduque Ernesto estava noivo da filha do Monarca espanhol, Isabel Clara Eugénia. Projecta-se o casamento do Cardeal Alberto com a prima. Renunciou ao cardinalato ; obteve-se a dispensa de parentesco e foi o próprio Papa Clemente VIII que presidiu ao casamento em 15 de Novembro de 1598. O governo do Príncipe Alberto e sua esposa, apesar de ter ocorrido em época difícil, foi muito querido dos flamengos, aos quais deu prosperidade e restituiu o antigo esplendor. O Arquiduque Alberto veio a morrer em Bruxelas, a 13 de Junho de 1621.

Este epigrama insere-se pela primeira vez na obra conjunta de Diogo Mendes de Vasconcelos. Teve, porém, a sorte de ter sido encontrado também pelo Doutor Francisco Caeiro, que em 1961 o publicou

na obra *O Arquiduque Alberto de Austria*. Já várias vezes nestes *Comentários* nos referimos elogiosamente a este trabalho. A propósito do epigrama que estamos estudando, escreveu o Doutor Francisco Caeiro algumas linhas sobre Diogo Mendes de Vasconcelos. Chama-lhe «abalizado latinista», mas insiste numa visão moral de Vasconcelos com a qual não concordamos inteiramente. Com efeito, já na p. 82, a propósito do epigrama composto em 1583 em honra de Filipe II, Caeiro dissera, em tom irónico, que Vasconcelos «não tinha o defeito da ingratidão» e que tal composição era «diminuída pela intenção bajuladora a que de resto os ouvidos do Rei já estavam acostumados». Agora vai mais longe, ao escrever na p. 352 do texto: «O Cónego Diogo de Vasconcelos (...) mostrara-se muito afeiçoado à situação filipina, pedindo favores ao Rei com desenvoltura e confiança e aufferindo dele proveitos que entusiasmavam o seu estro latino.» Em nota a esta afirmação, o Doutor Francisco Caeiro esclarece: «Vide a carta que dirigiu a Filipe II em favor de um parente (citado códice da Biblioteca de Lisboa, n.º 8 571, fl. 181). Diogo M. de Vasconcelos fez longas composições poéticas em latim em louvor do Cardeal Alberto e um epigrama em homenagem a Filipe II quando este visitou Évora na sua viagem de Lisboa para Madrid, em 1583 (...). Referindo-se a Diogo Mendes de Vasconcelos, o Dr. Luís de Almeida Braga no prefácio do livro de Aubrey Bell sobre o humanista D. Jerónimo Osório assevera a p. CVIII que se poderia dizer que ele nasceu no século de Augusto, tão perfeito era o latim da sua prosa e do seu verso; e este epigrama plenamente o confirma.»

O estudo que estamos fazendo sobre Diogo Mendes de Vasconcelos desejamos seja objectivo, atenda às fontes de informação de que tivemos conhecimento e não despreze as opiniões formuladas até aqui. Devemos ao Sr. Doutor Francisco Caeiro a atenção de nos ter escrito por duas vezes, a propósito da última passagem citada do seu livro. Numa obra de tanto valor como é o seu *O Arquiduque Alberto de Áustria*, a opinião expendida no texto da p. 352 e os esclarecimentos da nota devem ser considerados um lapso. A carta que se encontra na fl. 181 do códice n.º 8 571 da Biblioteca Nacional de Lisboa foi por nós estudada na devida altura (pp. 60-62) e aí identificámos o seu destinatário, o Dr. Pêro Afonso de Vasconcelos, e expusemos o seu conteúdo — a intervenção a favor do desafortunado Amador de Sequeira. Quanto aos proveitos recebidos de Filipe II não sabemos quais sejam. As «longas composições poéticas em latim em louvor do Cardeal Alberto» devem ser reduzidas

OBRA POÉTICA DE DIOGO MENDES DE VASCONCELOS 251

ao singular — pois há apenas urna, a que apresentámos com o n.º VI. A citação de Luís de Almeida Braga abona o que dissemos em apêndice à biografia : — a partir de Diogo Barbosa Machado os autores não têm dito nada de novo sobre o Cónego Vasconcelos. Com efeito, Almeida Braga reproduz apenas o elogio de Vasconcelos feito por Duarte Nunes de Leão, recolhendo-o certamente da *Biblioteca Lusitana*. Que o Sr. Doutor Francisco Caeiro nos desculpe a rectificação. Oxalá o nosso estudo sirva para confirmar a opinião emitida no princípio do seu valioso trabalho : — os estudos monográficos são a base de uma reconstituição histórica.

Vasconcelos não era de facto avaro em louvores às pessoas a quem era afeiçoado. Este epigrama é uma alta manifestação de júbilo, em que se faz o elogio do Cardeal Alberto, resumindo a ideia e até as expressões do *Panegírico* (VI).

I-2 — Vasconcelos gostava de classificar Évora e os seus campos de *felices* (II, 221; X, 3). Agora associa-os à alegria dos cidadãos.

3-4 — Este dístico lembra VI, 8-9, 88-91.

5 — Seguindo o modelo clássico, Vasconcelos convidara as Musas a cingir as frentes de verde louro (cf. VI, 85). Agora adapta muito bem esta ideia e diz que a cabeça do Príncipe refulge com o chapéu cardinalício.

6 — Até este pormenor da «face branca» do Cardeal Alberto condiz com o retrato físico apurado pelo Doutor Francisco Caeiro no estudo citado: «O Arquiduque era de pequena estatura, branco, rosado, louro» (p. 494).

7 — O juízo sobre a actuação do Cardeal Alberto como Vice-Rei de Portugal é feito pelo Doutor Francisco Caeiro em termos não desfavoráveis. Chegou-se a pedir a Filipe II para não o tirar de cá.

8 — Sobre os séculos de ouro de Saturno, ver II, 120.

9-10 — Magnífico resumo das qualidades morais e de administração do Cardeal, já tratadas largamente em VI, 103-132.

II-12 — O dístico final é um fino louvor que devia agradar muito ao Cardeal. Descobre-se até um subtil sentimento de inveja em relação aos povos que irá governar.

XXIX

Estes versos de Diogo Mendes de Vasconcelos têm andado perdidos do conjunto da sua obra. Em parte alguma vimos menção deles. Este esquecimento deve ter-se agravado pelo facto de só se encontrarem na edição de 1598 dos *Diálogos de Vária História*, de Pedro de Mariz. As reedições da obra deixaram de incluir a carta de Vasconcelos em que, no meio da prosa, os versos se inserem, e à qual já fizemos a devida referência ao tratar dos últimos anos do nosso Autor. Então elucidámos sobre o contexto necessário para compreender esta poesia que, como dissemos, foi escrita em 10 de Março de 1595 (p. 49).

Estes oito versos são um elogio da obra de Pedro de Mariz que em cinco diálogos se ocupa da história de Coimbra, das origens de Portugal e dos factos principais da nossa história até Filipe III de Espanha. Parte do assunto era, portanto, afim do tratado no *De Antiquitatibus Lusitaniae*, em que Vasconcelos era considerado um especialista.

Quando escreve em hexâmetros, Vasconcelos sente-se mais propenso a imitar Virgílio. Este ramalhete de versos está cheio de sugestões da *Eneida* e das *Geórgicas*, além de que não falta o tema horaciano. Vasconcelos contrapõe a grandeza material dos edifícios — levantados pelos homens desejosos de esplendor — à verdadeira glória de quem regista os feitos de um povo heróico e faz com que o seu nome seja lembrado pelos séculos fora.

1-4 — O tema enunciado nestes versos — o desprezo das riquezas do mundo — foi tratado desenvolvidamente, noutros termos, por Horácio (*II Carm. XVIII, 1-14*) e também por Virgílio ao louvar nas *Geórgicas* a vida simples dos lavradores (*Georg. II, 458-540*). A pintura sumária da monumentalidade das construções lembra-nos a descrição do palácio de Príamo feita na *Eneida* (*II, 437-457*). O vocabulário é tipicamente virgiliano, embora os versos de Vasconcelos sejam incontestavelmente originais.

1 — O mármore da ilha de Paros era célebre. Virgílio nas *Geórgicas* (*III, 34*) também fala em *Parii lapides*. (Cf. também o texto grego de *XV, 1*).

2 — Muitas passos de Virgílio têm expressões afins: *...Per ampla uolulant / atria* (*Aen. I, 725-726*); *Illos porticibus rex accipiebat in amplis* (*Aen. III, 355*); *...Auleis ...superbis* (*Aen. I, 697*); *...Foribus domus alta superbis* (*Georg. 77, 461*).

OBRA POÉTICA DE DIOGO MENDES DE VASCONCELOS 253

- 3 — A tapeçaria é uma indústria que, sendo artisticamente tratada, tem grande efeito decorativo. As tapeçarias orientais tinham então grande fama.
- 4 — As riquezas da Índia foram sempre objecto de especial atracção. Horácio refere-se-lhes em termos próximos dos deste verso: *Thesauris Arabum et diuitiis Indiae* (*III Carm. XXIV, 2*). Escritas por um português do século xvi estas palavras têm, porém, uma ressonância especial.
- 5-6 — Estes versos são uma referência ao objecto dos *Diálogos de Vária História*.
- 7 — Este verso é nitidamente captado de Virgílio. Falando dos descendentes de Teucro, chama-lhes *magnanimi heroes, nati melioribus annis* (*Aen. VI, 649*). Vasconcelos aproveitou inteiramente a segunda parte do verso e modificou ligeiramente a primeira.
- 8 — Supomos que este último verso, bastante sugestivo, é inteiramente original. Ótimo remate para uma obra poética, pois, como da História, também da Poesia se pode dizer que ela confere a imortalidade (cf. XXVII, 23-24). Em termos mais simples, exprimiu este último conceito, bastante mais tarde, um poeta comprovenciano de Vasconcelos, o portalegrense José Duro (1873-1899) nos dois alexandrinos finais do seu doloroso livro *Fel*:

*O poeta nunca morre, embora seja agreste
A sua inspiração e tristes os seus versos.*

APÉNDICE

O P.^e Antonio dos Reis incluiu no *Corpus Poetarum Lusitanorum*, no fim da parte dedicada a Diogo Mendes de Vasconcelos, um epigrama consagrado a Santo António de Lisboa. Vê-se, porém, que o próprio compilador não estava seguro de qual o verdadeiro autor deste epigrama, pois torna a inseri-lo no fim do volume como se fosse de António Cabedo.

Acontece que este elogio de Santo António não vem em nenhuma das obras publicadas pelo próprio Diogo Mendes de Vasconcelos: a *Vita Gondisalui* ou o *De Antiquitatibus Lusitaniae*. Onde o vemos pela primeira vez é na edição de *Roma*, de 1597, orientada por Gonçalo Mendes de Vasconcelos. O editor diz logo no frontispício que além da obra de Resende se publicam outros opúsculos em prosa e verso de Diogo Mendes de Vasconcelos, de Miguel Cabedo e de Antonio Cabedo.

Infelizmente não é indicado aí qual o autor deste epigrama. É certo que os últimos escritos coligidos no volume são os de Antonio Cabedo, mas depois destes ainda vem a elegia que Inácio de Moraes dedicou a este «celebérrimo poeta», falecido na flor da idade. Só no fim de tudo vem o breve panegírico do Taumaturgo português.

O título desta composição diz: *Epigramma pro foribus affixum in templo S. Antonio Olisiponensi Consecrato die Natalitio Romae Anno MDXCVI*, isto é, *epigrama gravado na entrada do templo consagrado a Santo Antonio de Lisboa, no dia da sua festa natalícia, em Roma, no ano de 1596*. A data indicada no título faz-nos suspeitar que o epigrama é da autoria do próprio compilador, o qual nesta altura, como a seu tempo dissemos (p. 50) se encontrava em Roma em missão oficial. Com efeito, o epigrama dificilmente poderá ser de Antonio Cabedo, que em 1596 já tinha morrido, ou de Diogo Mendes de Vasconcelos que nessa data estava longe, em Évora, já com 73 anos de idade. Se o epigrama fosse do Cónego Diogo Mendes de Vasconcelos, o seu sobrinho deveria tê-lo colocado junto da restante obra poética do tio.

Nada nos admira que o epigrama seja do Dr. Gonçalo Mendes de Vasconcelos e Cabedo, pois, como já provámos (p. 34-35) dele deve ser também a *Vita Michaelis Cabedii* que Barbosa Machado atribui erroneamente — ao que julgamos — ao Cónego Diogo Mendes de Vasconcelos. Ao reunir a obra dos seus familiares, Mons. Vasconcelos e Cabedo juntaria também algumas peças suas, sem no entanto indicar quem era o Autor.

Porque estamos convencido de que o epigrama não é de Diogo Mendes de Vasconcelos suprimimo-lo da sua obra poética. Apesar disso, copiámo-lo do *Corpus Poetarum* e deixamo-lo aqui, em apêndice, a título informativo.

IN FORIBVS TEMPLI
S. ANTONII OLISIPONENSIS ROMAE

Antoni, nostri Generis decus, Orbis Iberi
Gloria, Dulichiae Gentis, et urbis honos:
Saecula te nobis debent, licet utraque certet
Hesperia, haec obitus uindicat, illa genus:
5 Adsis Lysiadam rebus, Regique Philippo
Caesareo, magni principis et genio:
Adsis, et clemens nobis, si saepius ipsi
Sincere colimus haec tua templa, faue.

PARA A ENTRADA DA IGREJA
DE SANTO ANTONIO DE LISBOA, EM ROMA

*Antonio, ornamento do Género Humano, gloria do Mundo
Ibérico, honra do povo e da cidade de Duliquio!
A História confiou-Vos a nós, embora haja disputa entre duas nações
Do Ocidente; uma reivindica a morte, a outra o nascimento ;
5 Amparai as aspirações dos Portugueses, o Rei Filipe
De família imperial e o governo do grande Soberano;
Favorecei-nos também, clemente, a nós que muitas vezes
Vos prestamos culto, religiosamente, neste Vosso templo. Pro-
[tegei-nos!*

OBRA POÉTICA DE DIOGO MENDES DE VASCONCELOS 257

O estilo não nos permite determinar quem é o Autor do epigrama. Poderia, talvez, ser de Diogo Mendes de Vasconcelos, mas também não vemos nele nada que nos force a atribuí-lo ao nosso Autor. O elogio de Santo Antonio nestes termos poderia ser feito por qualquer poeta latino do tempo. A própria referência honrosa a Filipe II e ao seu governo tem de ser aceite com naturalidade. Ficaria até bem a Gonçalo Mendes de Vasconcelos e Cabedo que em Roma era representante diplomático de Filipe II, Rei de Portugal havia 15 anos.

No epigrama prende a nossa atenção a habilidade com que o Autor soube discutir quem é mais honrado com o nome de Santo António

— se Portugal, se a Itália. Interpretamos a expressão *saecula te nobis debent* como equivalente a «nascestes, viestes ao mundo para proveito de todos nós». Este, o facto certo; a disputa levanta-se em questão de pormenor. Como o epigrama teria sido escrito de propósito para um templo em Roma, um português não poderia dizer muito mais.

ADITAMENTOS E CORRECÇÕES

Este estudo sobre a *Obra Poética de Diogo Mendes de Vasconcelos* foi apresentado em 31 de Julho de 1962 para obtenção da licenciatura em Filologia Clássica pela Universidade de Coimbra. Ao fazer-lhe a crítica, o Sr. Prof. Doutor Américo da Costa Ramalho apresentou algumas observações e sugestões que muito agradecemos. Igualmente manifestamos ao Sr. Doutor Walter de Sousa Medeiros o nosso reconhecimento por algumas melhorias de tradução, sugeridas durante a revisão das provas tipográficas.

— Para a reconstituição biográfica poderão colher-se mais alguns elementos em duas obras do Prof. Doutor Mário Brandão: em *A Inquisição e os Professores do Colégio das Artes*, I vol. (Coimbra, 1948) e em *Processo na Inquisição de Mestre João da Costa* (Coimbra, 1944). A primeira obra indicada, nas pp. 339-392, trata com certo pormenor de D. Gonçalo Pinheiro e de seus sobrinhos, desenvolvendo especialmente as relações destes, em Bordéus, com os futuros professores do Colégio das Artes de Coimbra. Sai dali bastante denegrida a figura de Frei João Pinheiro, enquanto que se mantém o bom nome de Diogo Mendes de Vasconcelos e de Miguel Cabedo. Frei João Pinheiro foi uma testemunha de acusação de Mestre João da Costa. Os seus depoimentos, por um lado, e as respostas do acusado, por outro, revelam alguns aspectos desagradáveis da personalidade do dominicano.